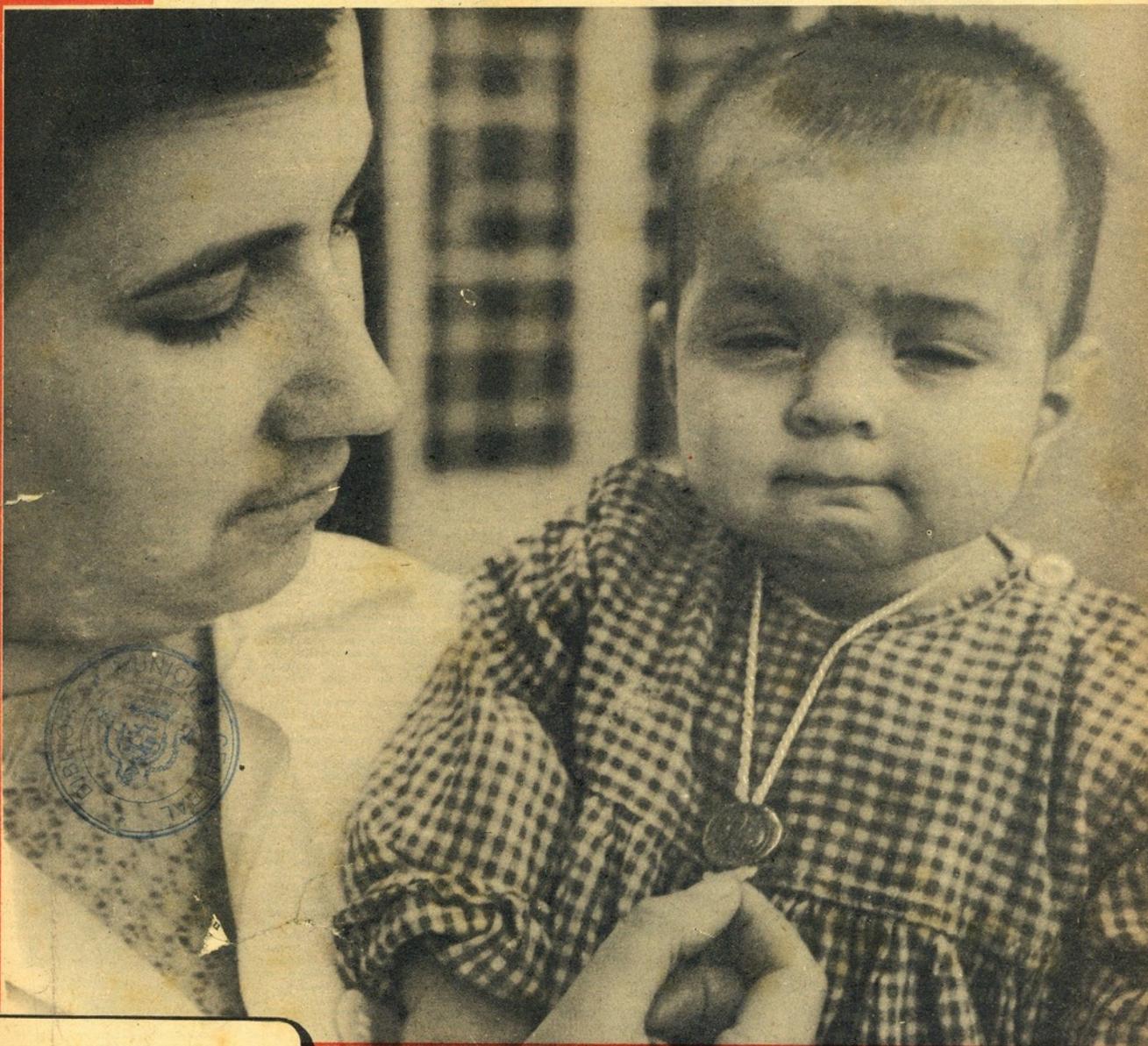


Oferta
20. NOV. 1993

ANO III N.º 144
17
DE FEVEREIRO
1944
PREÇO AVULSO
E S C. 1\$50

ESTA CRIANÇA FOI ABANDONADA!

(Ver nas páginas 16 e 17 uma reportagem emocionante sôbre as extintas «rodas»)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Elogio fúnebre do "Chéché"

ESTE "Chéché" que aqui está feito num farrapo, atirado para o canto qualquer dum ferro-velho, muito velho — todo ele uma trouxa de trapos imundos e póderes — foi a única, incontestavelmente a única criação original do Entrudo lisboeta.

Admirável caricatura dum sabor popular, tão grande como a do Zé-Povinho, o "Chéché" marcou uma época de crítica social e de mordacidade política.

Na verdade, mal ele aparecia, mostrando o seu bastão, em atitudes agressivas, logo o rodeava um enorme magote de gente, que o seguia na sua peregrinação pela cidade fora. E, assim, eles iam parando frente aos palácios e aos solares e aí bramiam largos discursos, um pouco irreverentes, um pouco maliciosos...

Todos os anos — durante essa curta época carnavalesca — o "Chéché" destruída, com a ironia da sua faca de pau e o sabor pitoresco das suas falácias grosseiras, tudo o que havia de mais ridículo e de mais vaidoso na sociedade de então.

Mas isso foi há muito; há muito tempo já... Com o correr louco dos anos, a vida foi-se modificando, adoptando novas fórmulas, revestindo-se de novos aspectos, perdendo heresias e arrogâncias revolucionárias.

Contudo, o "Chéché" ficou tal e qual como era. Agarrado à sua cabeleira de estôpa, ao laçote farto e negro do seu rabicho, à cômica luneta que empunhava sobranceiramente, ao dístico, muitas vezes obsceno, do bicornio feito de cartão, à faca reluzente que lhe pendia do cintão, à bengala retorcida, quasi torta, terminada por um chaveiro de bode, à sua casaca de seda, remendada aqui e além, aos seus sapatos de fivela, um pouco gastos pelo passar dos tempos — ele representou sempre, como se afirmos, e muito bem, a síntese ridícula, cômicamente vingativa, do tempo do intendente, da inquisição e da força.

Pobre "Chéché"! Durante quasi um século, ele dominou a cidade. Todos o temiam e todos o detestavam ouvir.

Conhe a Veneta a invenção do dominó. Por sua vez, Lisboa criou o "Chéché". Cada qual com as suas características. Cada um representando o temperamento dum povo...

Pobre "Chéché"! Ele mereceu os aplausos e os incitamentos, as alegrias e o alvoroço com que o povo o acolhia, nas ruas, assim que a sua figura se divisava ao longe.

Mas a ingratição é um dos hábitos do homem. E Lisboa, que inventara o "Chéché", desdenhou o seu próprio invento.

Começaram a achá-lo pelintra e indecoroso, reles e sujo, indigno duma capital civilizada. E mataram o "Chéché"!

Substituíram-no por um fantoche qualquer, de mil côres, todo besuntado de pó de arroz...

O "Chéché" foi atirado para o canto dum ferro-velho, muito velho. E lá ficou, feito num monte de lixo...

Mas ele vingou-se. O Entrudo entrou na agonia. E, por isso, ao fazer este elogio fúnebre do "Chéché" — ele serve, também, para o Entrudo. Paz à sua alma!

MASCARADA...



O ÚLTIMO CARNAVAL ROMÂNTICO DE LISBOA...

Etudo acabou depois disso. Não mais brincadeiras loucas, não mais as irreverências duma mocidade turbulenta...

E todavia, o Carnaval tinha largas tradições em Lisboa — tradições onde a nobreza e o povo se igualavam na mesma doçide e...

Como seria longa a história do Carnaval, em Lisboa. Teríamos de remontar aos tempos já distantes, em que se realizara o primeiro baile de máscaras, no célebre Teatro do Bairro Alto, no Pátio do Patriarca — teatro de fantoches que dava lugar às tropeças dos bonecos humanos, escondidos sob o misterioso segredo da mascarilha aveludada.

De facto, até aí, as máscaras tinham sido proibidas pelas Ordenações Filipinas, que as expurgaram de todas as manifestações religiosas, onde elas costumavam aparecer, com seus narizes postiços e suas caras horripilantes à moda italiana. O abuso chegara a tal ponto que, muitas vezes, pelo Carnaval, alguns malfeitores mascarados aproveitavam-se da ocasião para roubar e assassinar. Assim, em 1689, D. Pedro IV impôs um alvará, segundo o qual esse fosse encontrado algum mascarado seria preso e condenado a degrádo em África.

Contudo, em meados de 1752, um acontecimento extraordinário veio movimentar a população de Lisboa. O marquês de Alegrete apresentava no campo das torreadas reais um grupo de gigantes mascarados que aguavam o terreno, depois da morte de cada toiro. Esses gigantes, com sua indumentária pitoresca e suas cabriolices diabólicas, chegaram a ser verdadeiros ídolos, tanto da nobreza como do povo.

E daí, o tornarem-se usuais as danças de mascarados, no fim das corridas de toiros. Novos tumultos — e novas proibições, desta vez mais severas ainda.

Portanto, quando em 1823, se anunciou um baile de máscaras — o primeiro baile oficial de máscaras, em Lisboa — a alegria atingiu o delírio e o Pátio do Patriarca foi pequeno, pequeníssimo, para os que acorreram até lá.

E deu-se a reabilitação das máscaras. A partir de então, houve completa liberdade da nobreza e do povo em se mascarar, tanto nos salões sumptuosos onde se servia galinha em Sévres e ouro, como nas ruas e nos botequins, onde voavam os póderes de cheiro e as laranjas póderes...

Dai em diante — o Carnaval romântico imperou em Lisboa. O Arlequim e o Pierrot tornaram-se símbolos em volta desse outro símbolo, que era a Pierrette, a eterna volúvel...

Alguém escreveu acerca do Carnaval romântico lisboeta que ele se tornara numa obra de arte. O seu apogeu de glória foi atingido no famoso baile mascarado pelos marqueses de Viana, no Domingo Górdio de 1843, nas salas maravilhosas do Palácio do Rato. Ai, o baile chegou ao delírio — e na última farândola, já sob os clarões suaves da madrugada, dezenas de pares, em turbilhão, desfilaram «au grand galops», enquanto as rabecas e os pianos misturavam no ar notas musicais duma orgia doida...

Depois, porém, o Carnaval começou a decair, de novo, a transformar-se, aos poucos, neste Entrudo pobre e sujo, que está dando os últimos gemidos da sua agonia.

Leis e mais leis — foram dando novas características aos folguedos carnavalescos. Desapareceu o cunho popular de tudo isso — para dar lugar a um espectáculo organizado com li-

mites e destinado a larga exploração comercial.

Outros tempos, outros costumes. O Carnaval romântico morreu nos princípios do Século XX. Um governador civil impôs violentas medidas repressivas para os antigos folguedos da época.

A reacção não se fez esperar — sobretudo, pela parte da nobreza, que tinha atrás de si as gerações de janotas estúrdios e alegres e que não se rendia nem aos cabelos brancos nem ao amontoar dos anos.

E foi assim que em 1904 houve o último Carnaval romântico de Lisboa!

Em resposta às medidas ditadas pelo governador civil, Jovens da mais fina aristocracia lisboeta transformaram o Teatro de S. Carlos num imenso campo de luta, jogando, de camarote para camarote, com croquetes de galinha e fatias de queijo Gruyère e despejando gasosas nos decotes das fidalgas — tudo isso à vista da família real!

O último Carnaval romântico de Lisboa... Os jovens aristocratas foram castigados. E o Carnaval morreu — para ceder o lugar ao Entrudo, a essa exploração industrial e comercial, mascarada com intuídos civicos e filantrópicos. E tudo acabou. Não mais brincadeiras loucas, não mais as irreverências duma mocidade turbulenta. Apenas a agonia duma época!

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Ainda no último número tivemos o ensejo de apontar o interesse que as locais desta secção mereciam aos poderes superiores — e já hoje voltamos a constatar mais um caso solucionado...

E o do sr. J. M., da rua de S. Lázaro, 130, 2.º, que há tempos se queixara, nesta secção, acerca da maneira pouco delicada e proficiente como um empregado da Conservatória do Registo Predial o acolhera.

E agora o mesmo senhor quem informa que o sr. Conservador do Registo Predial lhe escreveu dizendo que se iam tomar tódas as providências necessárias para que casos, como o do sr. J. M., não se tornassem a repetir...

Ficamos lisonjeados com o facto — que vem demonstrar, mais uma vez, a utilidade desta tribuna do leitor...

E, posto isto, passemos a anotar mais algumas passagens das cartas que quotidianamente nos chegam à redacção...

...Sou aluno da Faculdade de Ciências mas, para poder agüentar as despesas do estudo e da minha estadia em Lisboa, necessitei de arranjar um emprego, para as tardes.

Assim, vejo-me obrigado a estudar de noite, muitas vezes até altas horas. Como, além disso, sofro duma certa miopia, utilizo lâmpadas um pouco fortes, que me são benéficas.

Simplemente, em vista do racionamento da electricidade — encontro-me numa situação complicada. Sou pobre, não posso pagar muitas — mas necessário de gastar mais luz do que aquela que me é concedida. Não haverá uma solução para este problema?

SEBASTIÃO FORTES—Rua Açores, 9, 3.º

Não posso permitir de maneira alguma que perto da minha casa os rapazes do sitio digam tóda a espécie de palavrões, pois tenho uma filha de oito anos que me dá imenso trabalho a educar. Urge remediar a má criação que ainda existe em determinados bairros duma capital moderna e civilizada, como Lisboa. Que é feito da policia de costumes?

AZEVEDO PIRES — Pátio do Fernandinho

Aqui há tempos respondi a um anúncio que pedia porteiro. Fui para uma casa de cinco andares, combinando-se que todos os inquilinos me pagariam uma certa quantia por mês. Afinal, estou lá há cerca de sete meses — e só tenho recebido uns miseráveis escudos por esmola. Contudo, quando é necessário algum serviço pesado, chamam pelo porteiro. Não me vou embora, porque não tenho para onde ir. Mas há algum direito de proceder assim? Há alguém que esteja de acôrdo com isto?

INACIO REMÉDIOS

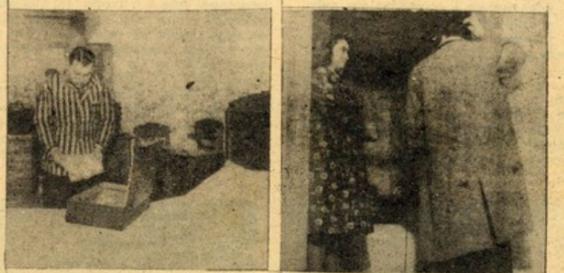
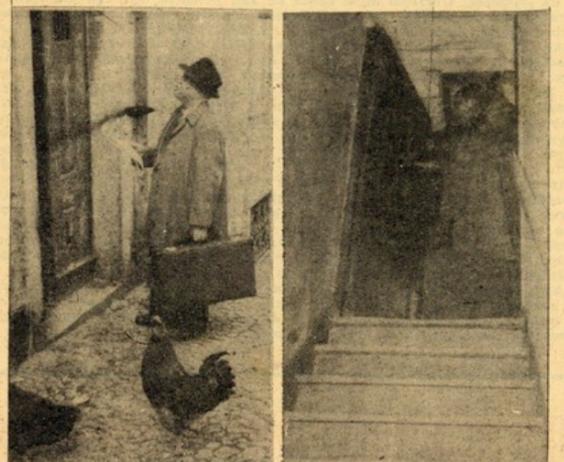
Qual a razão por que o preço do «Nestogeno» e do «Eleton», produtos nacionais, variam de preço de farmácia para farmácia?

UMA MÃE

Como necessitasse de dinheiro, recorra a um daqueles anúncios de empréstimos que costumam vir num dos jornais da manhã. Apareceu-me um cavalheiro de aspecto distinto que me pediu 50\$00 para informações e me deixou um recibo dessa importância. O dinheiro devia ser entregue daí a três dias. Já passaram dois meses ou mais... e nada. É bom que a população se acautele contra esta autêntica ladroeria.

SILVIO RODRIGUES—Rua do Ouro, 230, 3.º

À PROCURA DE QUARTO!...



Um quarto! Arranjar um quarto que sirva sob todos os pontos de vista, incluindo o preço — é, sem dúvida, um dos grandes dramas do dia de hoje. Nestas fotos vemos os trabalhos, quasi «trabalhos forçados», que um pobre homem passa até conseguir esse grande sonho: um quarto possível e barato!

(Fotos Seródio)

Agora que se pode mascarar Se não fôsse quem é, que personagem gostaria de ser?

ESTE inquirito é filho da hora que atravessamos. As convenções da sociedade permitem que nos mascarremos — pelo menos, para os bailes particulares. Assim, durante alguns momentos, podemos deixar de ser o que somos, para aparentarmos aquilo que ambicionamos ser.

É certo que a hora não é propícia para mascaradas. Mal vai o mundo — muito mal mesmo. Os horizontes tingem-se de lírios de sangue. Sóam gritos de misericórdia — e gritos de vingança. A hora é de luto!

Contudo, nós fizemos este inquirito e atirámos a pergunta a uma meia dúzia de nomes bem conhecidos. O Carnaval deixou de ser a loucura bulhenta de há alguns tempos atrás. Continua, porém, a ser uma paragem na vida. Ao menos, uma paragem, para descansar...

Aproveitemos pois essa paragem. E vamos sorrir, com as respostas ao nosso breve inquirito: Se não fôsse o que é, que personagem gostaria de ser?

- MARIA ARCHER QUERIA SER CATARINA DA RÚSSIA
- A escritora Maria Archer achou curiosa a pergunta. Eriu-se. Riu-se muito, e gargalhadinhas saborosas.
- Depois, pensou um pouco, gargalhou, de novo, e disse-nos: — Calcule, eu gostaria de ser a Catarina da Rússia.
- Sim? Porquê?
- Maria Archer olhou-nos com os seus olhos bonitos, levemente maliciosos.
- Oh, meu amigo, por razões misteriosas...

E mais não disse a escritora portuguesa que melhor conhece a alma feminina.

RUI FURTADO DESEJARIA SER EÇA DE QUEIROZ

O actor Rui Furtado, um dos primeiros prémios do Conservatório, esquecido pelos empresários portugueses, passa ao alcance da nossa pergunta.

Ele hesita, antes de esclarecer: — Se não fosse quem sou, preferia ser o Eça de Queiroz. É sabe porquê? Porque ele soube escrever, melhor do que ninguém, a comédia da nossa vida...

TERESA CASAL PREFERIA SER UMA GATA

Enquanto Teresa Casal descansa, nas filmagens de «A Menina da Rádio», nós atirámos-lhe, sorratamente, a pergunta do nosso inquirito.

Teresa Casal tem uma grande virtude: recebe-nos sempre bem, sem constrangimentos, sem vaidades, sem exhibicionismos. Agarotada, ela afirma perentoriamente: — Olhe, gostaria de ser uma gata, uma gata verdadeira...

— Mas porquê, Teresa Casal?

Ela funga uma risada. E responde: — Porquê? Porque as gatas arranham, quando lhes pisam o rabo...

LUIS PIÇARRA PRETENDIA SER TITO SCHIAPA

Luis Piçarra atende-nos pelo telefone. E a sua resposta vem rápida: — Gostaria de ser apenas Tito Schiapa... Um pequeno homem — que se transformou num grande homem.

— Porquê?

— Se eu fôsse Tito Schiapa, seria o maior cantor do mundo... Já vê!

E Luis Piçarra ficou a sonhar o seu sonho bonito...

ALICE OGANDO AMBICIONARIA SER ALICE OGANDO

Na verdade, ela não tem dúvidas algumas sobre a questão.

A resposta é só uma — e pede-nos para acentuar:

— Eu gostaria de ser eu própria, Alice Ogando — porque sou fácil de contentar... E ficou-se entregue aos seus livros, às suas traduções, aos seus versos...

O CRIADO DE CAFÉ GOSTARIA DE SER ROBERT TAYLOR

Estamos a escrever este inquirito, no «Chave d'Ouro». Perto de nós, um criado aguarda ordens. Chamamo-lo:

— Se não fôsse quem é, quem gostaria de ser?

— Se não fôsse quem é, quem gostaria de ser? Eu?

Ele fica de olhos espantados: — Sim. Você!

Baixa a voz:

— Sabe, se eu pudesse ser o Robert Taylor por causa duma rapariga que eu cá sei...

Não ouvimos mais. Fechámos o inquirito e corremos à redacção. E pelo caminho pensámos: «se não fôssemos repórter gostaríamos de ser leitores. Sempre dá menos trabalho...

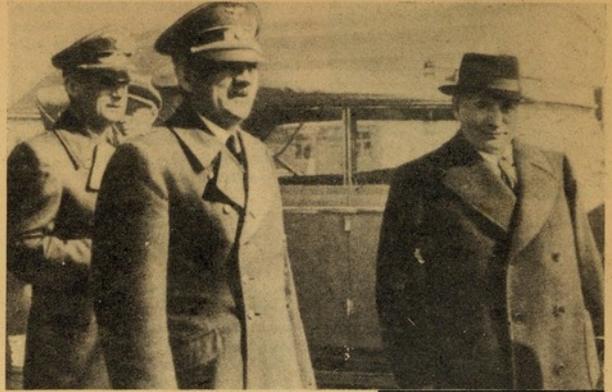
A GUERRA DO OUTRO LADO...

CADA um vê o que lhe está mais próximo. É uma lei natural. Outra lei, um pouco menos natural, porventura, mas igualmente certa, é a que manda que mais se veja aquilo que nos põem diante dos olhos. A propaganda, que durante esta guerra tem ganho foros de arma de primeira ordem, não ignora a existência desta última lei — e das suas consequências faz larga aplicação. Não admira, por tudo isto, que os europeus que nós somos melhor vejamos e mais nos prenda o que se passa no teatro de guerra da Europa, a cada instante suspenso da dúvida de quando começará a inevitável invasão do continente. Noutros países o sentimento será diverso. Embora empenhados, também, nas operações da zona europeia, outras áreas lhes aparecem como sendo mais próximas do seu interesse e mais familiares da sua coração. Assim, de cada vez que Churchill e Roosevelt têm um dos seus periódicos encontros, logo se regista nos comunicados a importância que nas conversações sempre toma o que diz respeito às operações na zona do Pacífico. Recentemente, um jornal americano, sem deixar de prestar a homenagem devida aos talentos do sr. Churchill, a quem chamava a maior figura do tempo, punha concretamente o problema de se saber quem deverá passar a orientar a coligação anglo-americana e em que sentido devem ser dirigidos os seus esforços. Era claramente, mesmo textualmente, o problema da significação fundamental, para os americanos, da luta no Pacífico, que se propunha através de aquela edição. Na verdade sob o ponto de vista psicológico, é o Pacífico a zona que mais os interessa: foi lá que sofreram os golpes iniciais é lá que lhes interessa fazer valer e fazer ouvir o som do seu credencimento, operado miraculosamente através da legenda que se mostra e se grita clamorosamente em todo o país: «Remember Pearl Harbour!». Sob o ponto de vista político-militar, o Japão é o inimigo natural e tradicional. É uma questão de hegemonia que se debate, iluminada, no período que precedeu a guerra, por uma carreira contínua ao progresso do armamento naval, capaz de justificar e assegurar um predomínio económico, pois é bom não perder de vista que as guerras, no íntimo das suas razões, têm sempre atrás de si um fundamento dessa ordem. A América do Norte entrou na guerra após a agressão japonesa. É contra o Japão que, essencialmente faz a guerra. É da guerra com o Japão que a opinião americana principalmente se preocupa.

Após os reveses iniciais, que custaram aos Estados Unidos a perda de uma parte considerável da sua frota de batalha e a perda de posições avançadas de primeira ordem, que levaram os japoneses às portas da Austrália e da Índia, as forças aliadas conseguiram finalmente conter o avanço inimigo. Pelto o batente do primeiro arranço nipónico — só um ano depois do golpe tremendo da Baía das Pérolas os americanos trouzaram a público a resenha das suas baixas — todos deram conta de quanto o factor surpresa tinha sido decisivo. Um comentador militar francês chegou a escrever que esse os japoneses tivessem dado conta da sua potência, não era um tímido desembarque na Malásia ou nas Filipinas que eles tinham tentado em Dezembro de 1941, mas um desembarque em São Francisco da Califórnia em Junho de 1940, onde não teriam tido dificuldade em repêlir algumas esquadras de jogadores de «base-balls» que teriam encontrado no caminho para a Casa Branca. Valeu aos japoneses, efectivamente, a surpresa do seu ataque. Valeu aos Aliados que os japoneses tivessem achado grandes demais os conquistas que logo fizeram. A ofensiva foi contida; a frente estabilizou-se durante alguns meses ao longo de uma cortina de ilhas e dos picos da cordilheira de Owen Stanley; e, finalmente, os Aliados puderam lançar a sua contra-ofensiva, que está em pleno desenvolvimento. A Austrália e a Nova Zelândia estão livres da ameaça. O cordão avançado de ilhas em que os japoneses se tinham estabelecido foi quebrado, muitas posições reconquistadas. Mas o desembarque aliado nas ilhas Marshall marca uma nova etapa, pois não se trata, ali, de uma recuperação de terreno perdido, mas da conquista pura e simples de território detido pelo Japão, sob a forma de mandato conferido pela S. D. N. — pois que o arquipelago, antes da guerra de 1914-18, pertencia aos alemães. Agora, o Japão sente que o inimigo já lhe vira o dente e o crava na sua carne.

Nem sempre, na Europa, se dá bem conta da importância do Pacífico no quadro global da estratégia da guerra. Mas vale a pena não o perder de vista. E entre nós há dobrada razão para isso — porque somos parte interessada. É preciso não esquecer Timor...

J. R. S.



ITÁLIA

MUSSOLINI MORREU?... CIANO ESTÁ VIVO?...

NO último número, publicámos uma foto de Mussolini que a imprensa estrangeira dava como habitante das bordas do lago Garde. Hoje, é essa mesma imprensa — sulca, por sinal — que volta a querer levantar a ponta de um véu pesado e trágicamente descido à volta do drama italiano.

Dois perguntas se fazem no mundo presentemente:

Mussolini morreu? Ciano está vivo? Como é dolorosa a trajetória dos factos e como dól o destino dos homens levados ao mais alto da glória que triste paradoxo — o da existência, que amarga incerteza, a vida humana!

Como se explica, então, o desconcerto das perguntas que abafam o mundo político? A que atribuir as causas dessa dupla aventura com seus laivos de ironia?

O espírito de aventura, com tão notáveis precedentes, surge na história verdadeira ou de romance da fuga de Ciano e da morte de Mussolini.

A mais recente evasão da história desta guerra foi levada a efeito por Edda Mussolini — um acontecimento ainda envolto em mistério. Teria fugido da Alemanha, como afirmam? E será lógico admitir que a tivessem ajudado a fugir, aqueles que eram implacáveis inimigos de seu marido — os alemães, aliados de Mussolini?

É certo — dizem os jornais sulcos — que Edda fez grandes esforços para salvar o pai de seus filhos, pelo que realizou muitas viagens entre Roma e Veneza — mas ninguém a viu em Fazano, sobre o lago Garde, para se encontrar com Mussolini.

Entretanto, na fronteira da Suíça, com a Itália, na véspera da sentença de Verona, corria com insistência a notícia de que Ciano se evadira — e muitos são hoje os italianos residentes naquele país, a afirmar que esse simpátrico Galeazzo está vivo, porque o deixaram fugir ou iludiu a vigilância dos guardas. A apoiar esta tese, cita-se o facto de nenhuma prova da sua morte ter sido divulgada — nem mesmo uma fotografia do seu cadáver.

De qualquer modo, uma verdade avulta: a condessa Ciano fugiu. E se fugiu, é porque era perseguida, ou não se sentia segura. As autoridades alemãs e neo-fascistas opuseram-se à sua passagem para país estrangeiro e um serviço especial e rigoroso fôra montado. E isto só pode ter duas explicações: ou Edda está de relações cortadas com o pai — ou o pai nada pode fazer por ela.

Ora, a evasão da filha preferida de Mussolini vem lembrar outra recente: a do próprio Mussolini, em Setembro do ano findo. Sem dúvida, as circunstâncias de que esta fuga se revestiu foram outras: o Duce não preparou a evasão — tudo foi preparado de fora, pelos alemães. Os homens do assalto ao Gran Basso encontraram um Mussolini suscumbido mas de bom porte para se fazer fotografar sorridente. Todavia, tudo se rodeia de mistério: o «Duce» teria realmente conseguido fugir? Será ele, realmente, o chefe do neo-fascismo? Ou teria sido morto na aventura?

Em Itália, corre que sim. O povo tem esta certeza: Mussolini foi morto, pelos carcereiros, depois de serem feitas as fotografias divulgadas pela

propaganda alemã. Os guardas de Mussolini tinham, de facto, ordem de fazer fogo, sobre o Duce, de preferência a deixá-lo fugir.

Te-lo-iam morto depois de ser fotografado?

Os jornais sulcos — reportamo-nos, em especial, ao «Illustré de Lausanne» — dizem, de gesto, que as fotos não provam o êxito da evasão, tanto mais que elas não enquadram o Duce no panorama natural dos Apeninos. Essas fotografias, de resto, não nos mostraram Mussolini tão magro como depois foi apresentado — a foto que publicámos no nosso último número.

Como se explica, porém, que Mussolini epareça na foto junta, ao lado de Hitler, em Berlim, já depois do rapto, e muito menos magro do que noutras fotos?

A pergunta fica em suspenso — mas o raciocínio dos entendidos diz que não é Mussolini mas um sócia quem está ao lado de Hitler, e que o traje civil, usado para desmentar a recordação do Duce, favorece perfeitamente os desígnios da política.

E ainda a mesma imprensa que dá esta nota sensacional e infidela: os principais autores do rapto — eram americanos, ingleses e os aliados de Badoglio.

A acção do Duce exigia julgamento. Mas quem havia de o julgar?

As presunções, a propósito, são discordantes. É melhor passar sobre elas.

O artigo a que nos reportamos termina com uma nota rápida da

(Continua na pág. 30)

Quando os príncipes sobem às universidades

ANTIAMENTE, os príncipes limitavam-se a aprender em casa o que os professores lhes ensinavam — se eram europeus. Porque, se o não eram, a sua cultura quasi se limitava a conhecer a sabedoria dos textos religiosos. Hoje, porém, a educação dos futuros reis faz-se de forma mais democrática. Vão para cursos especiais, são educados e instruídos ao lado de outras crianças, para que se habituem a ver o

mundo fora do ponto de vista convencional que é o trono. E, quando os príncipes não são europeus, deixam os seus países de origem e veem educar-se para a Europa, como este príncipe asiático. É o futuro rei da Tailândia e chama-se Subapodok. Aqui o vemos com o seu secretário, durante, naturalmente, um intervalo dos estudos na Universidade de Lausana, onde o jovem príncipe passa por ser aluno aplicado e inteligente.



INGLATERRA

Um processo original

PERANTE o juiz londrino, Charles M. Tucker, que ocupa o posto de coronel do exército britânico, responderam, recentemente, algumas pessoas acusadas de terem adquirido e consumido maior quantidade de carne do que lhes compete, segundo o racionamento. Depois de se ter lido a acusação, ergueu-se o juiz e declarou que se sentia incapaz de profirir, de consciência limpa, uma sentença no respectivo caso, por se ver obrigado a confessar-se culpado de idêntico delito. Decidiu, primeiro, na sua qualidade de juiz, que era lícito incluir a êle próprio e ao seu amigo, admirador de Howard na acusação e, em seguida, trocou a sua cadeira de juiz pelo banco dos réus. Todos os acusados foram considerados culpados, e condenados a uma multa de 2 libras esterlinas por pessoa; o dono do talho, também implicado no caso, pagou 30 libras de multa, além das despesas do processo.

Depois de ter pago, imediatamente, a sua multa de duas libras, o juiz Tucker tornou a ascender à sua cadeira, para presidir aos processos que se seguíam.



MacArthur



Tom Dewey



Cordell Hull



H. Wallace



Roosevelt



Willkie

QUEM SERÁ O FUTURO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

DENTRO de nove meses, em novembro de 1944, os Estados Unidos escolherão o seu novo Presidente o qual entrará em funções no começo do próximo ano. Trata-se dum acontecimento cuja importância excede as fronteiras daquele país e que interessa todo o mundo. Porque, como aconteceu há vinte e cinco anos, em seguida à assinatura do Tratado de Versalhes, da colaboração que os norte-americanos se decidiram a dar para a construção da paz dependem a estabilidade e a viabilidade desta.

Em Junho reunir-se-ão as assembleias magnas dos partidos republicano e democrata para a escolha dos seus candidatos. Essas assembleias, onde estarão representados, mais uma vez, os vários Estados da Confederação norte-americana, revestem-se duma importância excepcional. Depois da sua realização e de proclamados os nomes dos candidatos, a campanha eleitoral conhece o seu auge servida por especialistas que sabem com uma aproximação bastante sensível o estado de espírito do eleitorado.

O partido democrata, que nos últimos actos eleitorais realizados para a escolha dos membros do Congresso e dos governadores de vários Estados, tem sido claramente batido, vai disputar a próxima eleição presidencial com a certeza de que, do resultado desta, depende o seu futuro durante largos anos. Desde que os Estados Unidos proclamaram a sua independência, os democratas têm ocupado o poder durante muito menos tempo do que os seus adversários.

Mas desta vez, conservam-no ininterruptamente há doze anos. A sua Administração interna tem correspondido a um período de depressão económica. A sua acção externa correspondeu a uma época excepcionalmente perturbada e culminou com a entrada do país na guerra. Durante esses doze anos, coisa

que raras vezes se tem registado na política do país, o verdadeiro *leader* do partido tem sido o próprio Presidente que éle designou.

O sr. Roosevelt continua, ainda hoje, graças à sua influência e ao seu prestígio mundial, a ser o melhor trunfo dos democratas. Voltará éle a ser jogado, com o êxito registado em competições anteriores? Três eleições sucessivas e triunfais são um caso inédito na vida norte-americana. É evidente que o sr. Roosevelt só se deci-

dirá a correr o risco duma quarta eleição com a quasi certeza de que sairá triunfante dela.

No caso de lhe não ser possível apresentar-se de novo ao sufrágio dos seus concidadãos, a vitória do partido democrata nas próximas eleições presidenciais é bastante problemática. Os nomes do actual vice-presidente Henri Wallace, e do actual Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Cordell Hull, aparecem frequentemente designados como candidatos pos-

síveis do seu partido. O primeiro tem-se afirmado recentemente uma personalidade vigorosa com idéias próprias e uma vontade firme de as realizar. O segundo dispõe duma larga influência nos Estados do Sul e o seu nome aparece aureolado pelo êxito da Conferência de Moscovo em que tomou parte.

Do lado dos republicanos os nomes que aparecem invocados como de candidatos possíveis são os dos srs. Dr. Thomas Dewey, governador de Nova York, do general Mac Arthur, que comanda as tropas americanas na área do Pacífico e do sr. Wendell Willkie que foi derrotado na última competição presidencial de 1940.

O dr. Dewey ainda não disse claramente que aceitaria concorrer à eleição presidencial, no caso de ser essa a vontade manifestada pelos seus correligionários. Se isso acontecesse é quasi certo que o seu nome reuniria um grande número de sufrágios. O general Mac Arthur dispõe dum ambiente de evidente simpatia popular. Mas desconhece, quasi completamente, a vida pública e as suas exigências. Além disso o facto de se tratar dum chefe militar prestigioso suscita entre os americanos o espectro dum cesarismo que é contrário às suas tradições e aos seus sentimentos.

Quanto ao sr. Willkie, as suas probabilidades são grandes e o seu dinamismo exuberante. A derrota de há quatro anos não parece tê-lo afectado grandemente. Depois disso o sr. Willkie viajou e informou-se. A política externa constitui actualmente o motivo predominante das suas preocupações. Nesse ponto os seus sentimentos pessoais harmonizam-se com as idéias dum grande parte dos seus compatriotas que reconhecem que não é possível separar os destinos dos Estados Unidos dos destinos do resto do mundo e regressar a um isolacionismo que, em última análise, seria fatal para todos.

A propaganda, ETIÓPIA arma de guerra

A propaganda é uma arma desta guerra, mais que em qualquer outra anterior. Mas há terras onde não chegam jornais nem há rádios. Ou até mesmo que houvesse jornais, a população não os saberia ler. É o que sucede com grande parte das populações indígenas africanas. Por isso, os ingleses organizaram uma brigada especial de propaganda, que percorresse aquelas regiões e fizesse saber aos povos as razões da guerra, os acontecimentos mais importantes, os seus resultados, os seus objectivos, os meios que se empregam nos combates, as armas modernas e o seu funcionamento.

A foto que damos juntamente apresenta-nos o sargento Oketon, dos Fuzileiros Reais Africanos, mostrando uma metralhadora «Bren» a chefes indígenas da Etiópia.



CALÇADA DA GLÓRIA



LUCILIA

DIZ-SE que filho de peixe sabe nadar. Pois pode dizer-se também assim: filha de peixe sabe nadar. É o caso de Lucília Simões. Filha da grande Lucinda, ela nem um só momento se esquece de honrar a tradição materna. Desde a sua estreia, em Coimbra, no papel de «Maria» do *Frei Luís de Sousa*, até agora, inúmeras figuras o seu talento tem criado no palco, e em nenhuma delas deixou de sentir-se, não apenas a sua arte, mas o seu coração. Artista por vocação e por herança, irradiando de si ao mesmo tempo inteligência e simplicidade, Lucília tem hoje, no nosso teatro, um lugar inconfundivelmente marcado. Lemos uma vez que lhe ficam a matar o vestido de baile, a «toilette» de grande tenue e o título heráldico das heroínas de Copus, de Lavedan e de Brioux. Quere dizer: em Lucília a distinção é inata; a linha é de nobreza. Se a olharmos no palco facilmente constataremos que a distinção fulgura — e que não perde a linha...

Um pormenor essencial: Lucília é a mais sebastianista das nossas atrizes. Porque acredita no futuro do teatro português? Não. Porque mora no Alto de Santa Catarina.

À MANEIRA DE ANTERO DE QUINTAL

*Quê figuras eu vejo, agitadas,
Em tristes sonhos quando a sombra desce!
A própria terra, ao vê-las, estremece
Em loucas convulsões desordenadas.*

*Quem são, senhores, e porque estradas
Se juntaram em fúria que parece
Que o próprio céu, olhando, empalidece
Com receio das frígidas espadas?*

*Uma usa arnez, outra pelote,
Esta é D. Jorge, aquela D. Quixote,
(Dominus criticorum seja vobiscum)*

*E batem-se ferozes — mas que idéal! —
Por causa duma vaga Dulcinea
Que não se importa, afinal, com nenhum!*

O CARNAVAL FALOU-NOS!

PROCURAMOS, há dias, na sua ilustre casa, o Carnaval. Recebeu-nos gentilmente, envolto na sua grande capa de Arlequim e dignou-se, com a sua costumada amabilidade, responder-nos.

— O sr. Governador Civil de Lisboa proibiu o uso de máscaras e disfarces nas festas que, próximamente, se vão realizar em honra de V. Ex.ª...

— Sim, eu sei...

— O que pensa V. Ex.ª acerca desta medida administrativa?

O nosso excelso entrevistado franziu o nariz de Polichinelo e declarou:

— Longe de mim a idéa de discutir as deliberações, sempre respeitáveis, das autoridades legalmente constituídas. Mas parece-me injusta a medida tomada. Injusta e — deixe-me dizer-lhe — inútil. A meu respeito, e consequentemente a respeito dos meus correligionários, tem-se procurado criar uma atmosfera que está longe de ser verdadeira e justa. Eu fui sempre uma pessoa séria. Tenho sido sempre um homem bem intencionado. Aos meus actos nunca deixou de presidir este pensamento generoso: congraçar, harmonizar, unir. Já uma vez o disse a um ilustre colega seu que quis ter a bondade de transmitir os meus pensamentos: «Eu sou de todas as tradições que tentam aproximar os homens aquela que mais intimamente os aproxima, tornando-os irmãos». Igualitário por natureza, nunca cuidei de saber das suas gerarquias, das suas situações de fortuna, das suas idéias políticas, das suas convicções religiosas. Sintetizo toda a Sociedade. A capa de Arlequim é a minha bandeira...

— Na verdade cabem nela todas as cores...

— Por outro lado, tudo quanto se faça para me derruir é praticamente inútil. As máscaras, que criei, são eternas. Os disfarces, que o meu pensamento se tem permitido architectar, são irremovíveis. Eu sou, modéstia à parte, não apenas o mais subtil de todos os psicólogos, mas — quantos fingem ignorá-lo — o mais poderoso de todos os soberanos. Para onde é a entrevista?

— Para a Calçada da Glória...

— Conheço. Subi-a, uma vez, quando fui conferenciar com São Pedro de Alcântara sobre uns assuntos de turismo...

E despedimo-nos.



ADJECTIVOS



O dr. João de Barros *insurgiu-se, há tempos, contra o abuso dos altos adjectivos empregados em relação a tout le monde et son père.* — «Abaixo o insigne, o eminente, o excelso, o ilustre, o venerável!» — grita João de Barros, debruçado na janela do seu monóculo. — «Apoiado!» — gritamos nós, aplaudindo o seu revolucionário desabafo. Abaixo o adjectivo ignóbilmente qualificativo! Mas, pensando agora melhor, se vingar esta doutrina, o que vai ser de tantos homens que só vivem do adjectivado chocalho que lhe põem ao pescoço? Se vinga a sua doutrina, querido João de Barros, morrem imediatamente, só entre nós, alguns milhões de pessoas insignes... fíctantes!

AS BOTAS



Entre as coisas mais espantosas dos últimos séculos tem de incluir-se, sem dúvida, o par de botas que Alves da Cunha construiu para fazer o «Don Quixote». Já não falamos no preço — um conto e duzentos; mas no peso — 9 quilos — e na altura — cento e tantos metros. Parafraseando a velha afir-

mação histórica, Alves da Cunha bem poderá exclamar repuxando a perna quixotesca:

— Do alto destas botas, trinta séculos vos contemplam!

Em todo o caso — sejamos justos — maior ainda do que este par de botas, foi o par de botas que a «Dulcinea» arranjou. Basta dizer-se isto: foram precisas quatro pessoas para as descalçar...

UM MÉDICO TRANQUILIZADOR



Há dias appareceu no consultório do dr. Evaristo Franco, conhecido especialista de doenças do estômago, um doente que o detestava ouvir. Chegada a sua vez, entrou no gabinete da consulta, fez a história dos seus males, o médico examinou-o com a costumada atenção e disse o que pensava acerca da doença do seu novo cliente. Era uma coisa de estômago, que lhe não parecia grave, mas que exigia, contudo, um tratamento enérgico e urgente.

— Mas isto não será perigoso, senhor doutor? — perguntou, a certa altura, o enfermo com expressão preocupada.

Logo o dr. Evaristo Franco com o mais tranquilizador sorriso do mundo: — Dou-lhe a minha palavra de honra que terá estômago enquanto viver!



Um Gigante!

O senhor que aqui vêem é, nem mais nem menos, do que o homem mais alto do mundo. Tem 22 anos, chama-se Robert Wadlow e mede a insignificância de 2^m,65. Na última vez que se pesou — e estava um tudo nada magro — o ponteiro da balança subiu até aos 225 quilos. A bengala, essa bengala a que ele se apoia, é mais alta do que um homem normal.

Para dar corda ao relógio que se vê na fotografia, o preito Jim teve de se empoleirar num alto escadote. Pois o senhor Robert Wadlow basta erguer um braço para tocar no teto. A cama onde dorme é armada em ferro, para suportar tão grande peso, e foi feita segundo os mais modernos cálculos da resistência de materiais.

Robert Wadlow tem 22 anos, como se disse, e ainda não apareceu nenhuma pretendente — e talvez pudera!...

Um pão com 4000 anos!...

COMO se sabe, os antigos egípcios colocavam ao lado dos parentes mortos, jóias, objectos de vestuário e alimentos para que a sua alma tivesse com que se adornar e não morresse à fome enquanto Otris não a recebia.

Pois há pouco tempo encontrou-se num sarcófago de um soberano egípcio de trigésima dinastia, um pão que, após 4.000 anos, conserva ainda perfeito estado de conservação. Os homens de ciência que o examinaram declaram que o pão encontrado tem ainda todas as suas qualidades nutritivas. Mas do que não restam dúvidas a ninguém é que deve estar muito, muitíssimo duro de roer...

A campanha mais antiga do Mundo

NA igreja de Santa Maria do Loreto, em Villalago, foi descoberta a mais antiga campanha do mundo. Segundo uma inscrição que tem gravada, esta campanha foi fundida no ano 606 e deve-se a sua invenção ao Papa Rábulo, morto em 606.

SEGREDOS

Nos arredores de Belgrado, realizou-se agora um casamento que merece registro especial: O noivo tem cem anos e um mês. A noiva tem apenas 17, sendo riquíssima e de uma grande beleza!...

Opuseram-se os pais ao casamento, declarando que era uma loucura sem nome ir casar com um velho de mais de cem anos. Interveram todas as amigas, fazendo-lhe ver a insensatez daquele passo.

A aldeia procurou impedir tão tremendo disparate, mas tudo foi inútil.

A rapariguinha teimava, cada vez mais afeirada à idéia:

— Amo-o... e estou no meu direito. Ou me deixam casar com ele — ou mato-me!

E não houve outro remédio...

Casada, declara a toda a gente que é felicíssima.

Pergunta-se: Que diabo de segredo terá o homem dos cem anos?...

ALERTA pelo telefone



NA Suécia, experimenta-se actualmente um novo sistema de alarme aéreo, que utiliza a rede telefónica. Nas grandes

cidades, onde praticamente cada prédio possui, pelo menos, um aparelho telefónico, o novo sistema parece constituir o meio mais rápido de prevenir todos os habitantes. No momento em que a central telefónica recebe o sinal de alerta, o sinal é transmitido aos aparelhos, em grupos de 10.000, interrompendo-se, simultaneamente, todas as conversas. Os aparelhos emitem, durante vários minutos, um toque contínuo, que não passa despercebido. As experiências provaram que toda a cidade de Estocolmo, inclusivé todos os arredores, pode vir a ser prevenida em 40 segundos.

Victor Hugo... ARCEBISPO?

QUANDO Victor Hugo se apresentou candidato, pela quarta vez, à Academia Francesa, foi acolhido com todas as honras. Ele ia ocupar a vaga deixada pelo arcebispo de Paris, morto há pouco tempo. A imprensa fez grande alarde do assunto e um periódico publicou, nas vésperas do acontecimento, a seguinte local:

«Consta que Victor Hugo ocupará o lugar do Arcebispo de Paris.»

Certo amigo do famoso escritor e poeta, leu a notícia e exclamou sinceramente incrédulo:

— Eu nunca neguei o valor indubitável de Victor Hugo, mas não posso acreditar que o nomeiem Arcebispo de Paris!



Sabem quem foi STEPHENSON?...

EM 1781, em Newcastle, nasceu um garço a quem foi pôsto o nome de Jorge. A família Stephenson era tão numerosa e vivia com tantas dificuldades, que não pôde receber com alegria o nascimento daquele novo membro que representava mais uma boca, mais privações.

A família Stephenson, pai, mãe e cinco filhos fora o Jorge, trabalhava noite e dia na extracção de minério.

Desde muito céto, Jorge Stephenson começou a manifestar grande curiosidade por tudo o que o cercava. As suas perguntas não eram as perguntas habituais que as crianças fazem às mães. Pelo contrário, Jorge Stephenson interessava-se em saber o que era uma nuvem, porque chovia, porque razão as folhas das árvores voltadas para o sol eram mais verdes do que as faces contrárias, viradas para a terra. A mãe, porém, incapaz de satisfazer tanto caudal de perguntas, aborrecia-se, zangava-se, e acabava por esbofetá-lo.

Jorge Stephenson também não brincava como os outros meninos. Em toda a parte e sempre procurava criar, construindo, ora com pequeninos pauzinhos, ou amassando com barro, pontes, molinos de água. Os seus companheiros de brincadeiras, mesmo os mais velhos e os mais instruídos, ficavam subjugados diante da habilidade do pequeno Jorge.

A par da sua inteligência prodigiosa, Jorge Stephenson tinha um coração sempre aberto. Era ele que, diariamente, levava o cesto da comida ao pai, que trabalhava centenas de metros abaixo do solo. Era ele, também, que tratava dos irmãos, quando doentes. A provar o seu amor filial, cita-se o facto de uma sua irmã lhe ter dito, em simples conversa, que, se tivesse dinheiro, gostaria de comprar um chapéu de palha que havia visto na feira de Newcastle.

— Espera-me aqui! — disse Jorge — Vou comprar-te o chapéu! Duas horas depois voltava com o dinheiro preciso. Tinha-o ganho, improvisando-se em moço de cavalaria na própria praça do mercado onde os ricos comerciantes se apeavam dos cavalos.

Desde os oito anos que Jorge Stephenson procurava, por todas as formas, ajudar o custeio das despesas da família. Se de dia guardava vacas, de noite, por dois epences, abria e fechava as cancelas por onde passavam as vagonetas das minas, puxadas por cavalos. Nêsse tempo, como se sabe, ainda não se sonhava com os «crails». E foi talvez nestas vigílias que Jorge Stephenson, vendo desfilar êsses combóios hipomóveis, concebeu a idéia da sua futura invenção — o caminho de ferro.

Aos dez anos era contratado como escolheador na mina. Aos 14, passava para auxiliar de fogueiro. Aos 18 aprendeu, sózinho, a ler e a escrever. Uma vez concertou, em menos de uma semana, uma máquina a vapor que os próprios engenheiros haviam abandonado por imprestável.

O nome de Jorge Stephenson deve andar sempre ao lado do primeiro homem que fez funcionar uma locomotiva a vapor. Um e outro completaram-se. Stephenson está e ficará na história do mundo moderno como o genial inventor dos caminhos de ferro. A fama nunca o enraqueceu. Costumava ele exclamar diante de uma simples formiga ou de um passarinho:

— Admirai o poder criador do Divino Mecânico!

A GUERRA E A ELEGANCIA FEMININA

PARECEM elefantes com saias, mas são quatro raparigas americanas, alunas da Universidade de Detroit, na América, que fazem exercitios de máscaras anti-gás, passando pelos jardins da cidade.

O autor da legenda desta foto, que veio publicada num «magazine» americano, diz que são «quatro bonitas e elegantes jovens». Alí está uma afirmação que nós não podemos fazer... enquanto elas não tirarem a máscara...



NO curto espaço de duas décadas, a rádio não só se tornou uma das grandes indústrias dos Estados Unidos, como a via que conduziu as artes e, muito especialmente, a música, a um mais estreito contacto com o público americano. Calcula-se existirem nos Estados Unidos 56.000.000 de aparelhos de rádio, cuja voz é escutada por cerca de 90.000.000 de pessoas. A rádio tornou-se, deste modo, um meio de expansão, se não mesmo uma forma de arte.

Dia e noite, a música enche a casa de todo o americano. Os programas das inúmeras estações de rádio espalhadas por todo o país dão, em conjunto, qualquer coisa como 15.000 horas de emissão diária, 60 por cento das quais são dedicadas à música. As orquestras de «jazz» e os seus cantores atingiram grande popularidade, além de outros artistas de diversos géneros que devem à rádio a sua fama. Qualquer americano conhece, ao ouvir este ou aquele «swing» furioso que o seu aparelho lhe transmite, se a orquestra que o executa é de Benny Goodman ou Duke Ellington. Hoje, são estes que estão em voga. Ontem, foi Rudy Valée, como antes já haviam sido outros, pois as preferências dos ouvintes variam constantemente.

Nos últimos anos, contudo, a popularidade do «jazz» tem-se visto ameaçada e em riscos de ser suplantada pela música clássica, agora escutada regularmente por 62 por cento dos ouvintes da rádio. Ao tomar a batuta para dirigir a Orquestra Sinfónica da National Broadcasting Company (N. B. C.) Artur Toscanini sabe que, em breve, cairá o silêncio nos lares de inúmeras famílias americanas, cujos membros, reunidos à roda do aparelho, não querem perder uma só nota do concerto dirigido pelo grande maestro, concerto esse que, há uns anos atrás, apenas atrairia a atenção de umas poucas centenas de pessoas. Deste modo, indo ao encontro da preferência do público, a Metropolitan Opera, de Nova York, passou a radiodifundir os seus espectáculos de sábado, que são ouvidos com religioso silêncio por quase todo o radiófilo americano.

TEATRO RADIOFÓNICO

O teatro radiofónico — adaptação de peças das mais diversas procedências — é transmitido diariamente, com inteiro agrado dos rádio-ouvintes. Além disso, a rádio criou uma técnica teatral sua, para a qual contribuem alguns dos mais notáveis dramaturgos, poetas e escritores. As melhores peças radiofónicas são agora reunidas em antologias cujo valor contemporâneo é notório.

Outra forma de teatro muito do agrado dos radiófilos, é constituída pelos episódios conhecidos por «soap opera». Embora, por muitos criticados, a sua popularidade é indiscutível e os heróis e heroínas emprestam tamanho realismo aos seus papéis, que os ouvintes acompanham de perto o seguimento das suas carreiras como se se tratasse das vidas dos amigos muito chegados.

Dentre os programas lançados para o ar pelas numerosas emissoras americanas, talvez nenhum seja mais tipicamente americano que os humorísticos, tão apreciados por todos os sectores do público. As piadas de Fred Allen, Jack Benny, Eddie Cantor, George Burns, Gracie Allen, Amos'n Andy, e outros cómicos, andam na boca de todos. O conhecido boneco Charlie McCarthy, tornado famoso pelo ventriloquo Edgar Bergen, adquire uma «personalidade» própria na rádio americana.

A rádio, nos Estados Unidos, bem como nos outros países, também serve de elemento de informação. Os seus grandes momentos dramáticos não se devem às histórias fictícias, mas aos dias cruciais em que a guerra aparecia como facto inevitável. Milhões de pessoas, então, ligaram ansiosamente os seus aparelhos, durante os duvidosos dias de Munich, no decorrer dos negros dias do rápido avanço alemão pela Europa, durante a vitoriosa batalha da Inglaterra, na tarde do domingo em que se tornou conhecida a notícia do traiçoeiro ataque japonês a Pearl Harbour, ouvindo a declaração de guerra do Presidente Roosevelt, e, mais tarde, os seus discursos bem como os de Churchill, assistindo ao desenrolar dos acontecimentos da Rússia, apreciando o «volte-face» dos bombardeamentos aéreos, enfim, escutando, escutando sempre — durante os maus e bons dias.

Os programas de noticiário, fornecidos em colaboração com as agências telegráficas, são quase sempre seguidos de comentários feitos por

A RÁDIO AMERICANA

Por ISABEL ROSS

técnicos habilitados que analisam o desenrolar dos acontecimentos. Quando há qualquer notícia importante a ser transmitida, as estações emissoras interrompem os seus programas para a comunicarem aos ouvintes, retomando-o em seguida. As mais importantes estações mantêm os seus correspondentes próprios em vários pontos do globo, tais como Londres, Chungking, Ankara, Cairo, Nova Deli, Honolulu e outras cidades.

COMENTARIO E DISCUSSAO

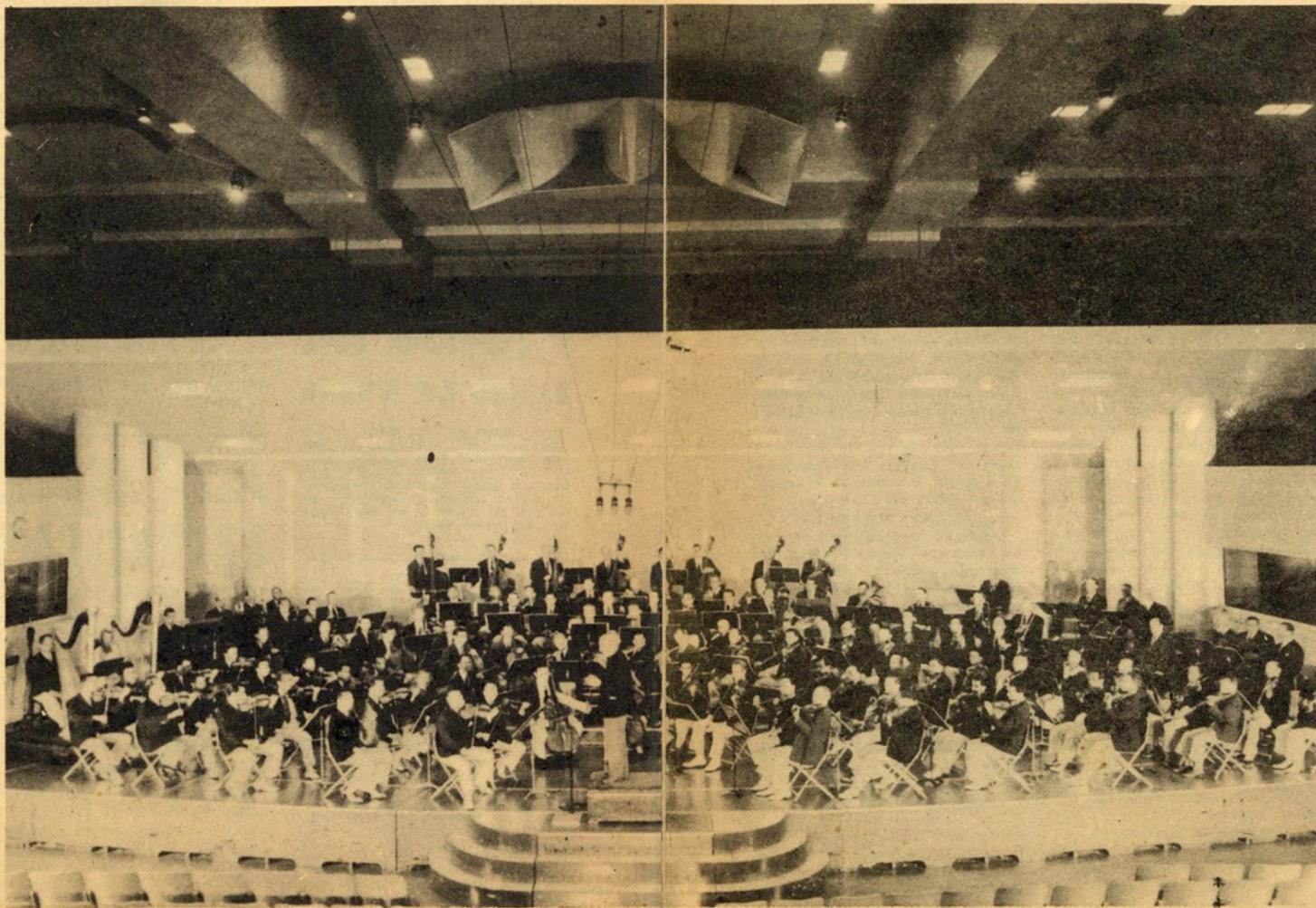
O comentário radiofónico é, em tudo, análogo ao da imprensa e as vozes de comentadores como Raymond Gram Swing, H. V. Jalterborn, William L. Shirer, Raymond Clapper, Dorothy Thomson, Lowell Thomas, Quincy Howe, Major Fielding Eliot, Gabriel Hatter e outros atraem grande número de atentos ouvintes.

O princípio democrático da discussão livre aplica-se igualmente à

rádio, uma vez que se organizam numerosos programas a que o público pode assistir. Durante estes, realizam-se palestras sobre assuntos culturais e políticos, assistindo ao público o direito de contestar, quando esta ou aquela passagem lhe pareça errada. As principais figuras da vida americana aparecem perante o microfone discutindo os mais variados assuntos de interesse corrente, da política às modernas tendências da literatura.

Um novo aspecto dos programas radiofónicos consiste nos «programas de enigmas», muito apreciados pelos rádio-ouvintes que, assim, podem pôr à prova a sua perspicácia nas respostas às perguntas que lhes são dirigidas.

As possibilidades educativas da rádio, têm-se desenvolvido extraordinariamente nos últimos anos. Assim, emitem-se diariamente programas infantis para as crianças, organizados em colaboração com o Ministério da Educação dos Estados Unidos. Os receptores são instalados nas



O famoso estúdio 8-H da National Broadcasting Company, na Rádio City, Nova York. Neste estúdio, grandes orquestras sinfónicas, dirigidas pelos mais notáveis maestros universais, tocam para os ouvintes de todo o mundo. A sala do estúdio, que possui condições acústicas excepcionais, é construída com materiais especiais que eliminaram toda a possibilidade de vibrações produzidas por influências exteriores. Possui acomodações para uma audiência de 1.500 pessoas.

salas de aula das escolas e colégios. As emissões para adultos compreendem os programas intitulados «Convite à Cultura» e «Horizontes ilimitados», preparados em colaboração com as universidades americanas. Existe ainda a «Universidade Radiofónica Inter-Americana», que trata de música e da história do Novo Mundo.

A RADIO E A GUERRA

As enormes possibilidades da rádio foram aproveitadas para auxílio do esforço de guerra americano. Não só se transmitem notícias pela rádio, como esta serve de meio eficaz, através do qual se dá a conhecer ao público a natureza dos seus aliados e inimigos; se lhe põe a par com o progresso de todas as fases do esforço de guerra; e se requisita a sua cooperação em certas actividades consideradas necessárias. Em certas emissões fornecem-se úteis conselhos às donas de casa, quanto ao modo de racionar géneros e economizar certos artigos. Até nas emissões infantis se faz sentir esta corrente, incitando-se os jovens a darem também a sua parte de esforço.

O Departamento de Informações de Guerra faz emitir semanalmente para o estrangeiro 2.700 programas, falados em 40 línguas e dialectos. Conhecidas mundialmente por «Voz da América», essas emissões consistem em notícias relativas ao desenvolvimento das operações militares e aos projectos de reconstrução após a guerra. Também emite em ondas curtas programas recreativos destinados às tropas americanas estacionadas noutros países, que incluem alguns minutos de música de «jazz», «Notícias da Pátria» que levam até ao soldado informações sobre suas casas e famílias e a apresentação de vários artistas conhecidos e queridos do público, que de bom grado emprestam a sua colaboração.

Periódicamente, os chefes responsáveis do governo relatam pela rádio os mais importantes factos relativos ao progresso das hostilidades. O primeiro discurso do Presidente Roosevelt, após o ataque às ilhas Hawaii, atraiu a maior audiência radiofónica de todos os tempos: nada menos que 62.100.000 ouvintes.

AS EMPRESAS RADIOFONICAS

A rádio nos Estados Unidos é de propriedade privada. Contudo, a Comissão Federal de Comunicações exerce um certo controle sobre os postos, concedendo licenças para a sua fundação, estabelecendo os comprimentos de onda e a potência dos emissores e determinando o horário das emissões.

O estabelecimento de um novo posto emissor apenas se pode realizar mediante aprovação da Comissão, que geralmente a concede, qualquer que seja o partido político que a requeira.

A censura do governo proíbe a emissão de dados que possam ser de alguma utilidade para o inimigo. De resto, a rádio americana, tal como a imprensa, trabalha com a mais completa liberdade.

Antes da guerra, era a própria indústria radiofónica que controlava o material a ser emitido, através da Associação Nacional dos Postos Emissores, cujos estatutos proibem a linguagem vulgar, a publicidade falsa ou mal dirigida e referências ofensivas a qualquer religião ou partido político. Cuida com especial carinho dos programas infantis e limita o tempo de publicidade a uma proporção do programa total. Em qualquer polémica, concede às duas partes as mesmas facilidades de expressão.

Uma terça parte talvez dos programas são financiados por publicitários que compram determinado tempo de emissão, para que certos produtos seus sejam anunciados numerosas vezes dentro desse tempo, intercalados com música por eles fornecida. O restante é preenchido com programas de interesse geral, de que consta uma parte recreativa e outras de material informativo e cultural.

As emissoras americanas concedem a qualquer grupo político ou religioso o direito de falar aos seus microfones. O próprio Presidente recebe as mesmas facilidades que qualquer outro chefe político.

Existem na América três grandes «colossos» da rádio: a National Broadcasting Company (NBC), com 129 sucursais; a Columbia Broadcasting System (CBS), com 118, e a Mutual Broadcasting System, com 189 sucursais. O país escuta, ainda, as emissões de mais de 25 emissores regionais.

"A CANTADEIRA"

de Teixeira de Queiroz

MUITOS dos grandes valores da literatura portuguesa encontram-se submersos pelo fácil esquecimento com que este povo dissipa — e já de há muito — as suas possibilidades naturais. Uma vez por outra, um escritor de grande nomeada ou editor de grandes audácias vai procurar no fundo póço das oblições o nome e a obra de qual-quer das suas vítimas. E há sempre um movimento de surpresa e perturbação — poderia dizer-se de má-consciência que se reconhece — quando revêe à luz das reputações comuns uma revelação que se perdeu. Assim sucede com o maravilhoso castiço que é António Feliciano de Castilho, esmagado pelo injusto repúdio da geração de 70; e assim sucede até há pouco com Teixeira de Queiroz (Benito Moreno), de que se reeditou agora uma coleção primorosa de contos (1).

«A Cantadeira», que deu o título ao volume, é uma das composições magistrais desse conjunto; mas em todas se revelam a unidade de estilo, a riqueza formal, a energia vital do prosador fortíssimo, que fizeram de Teixeira de Queiroz a maior revelação da literatura realista portuguesa depois de Eça. Durante cerca de 30 anos, o escritor viveu esquecido com manifesta injustiça, entre duas grandes forças que a igual distância o esqueceram: o prestígio dominante de Eça de Queiroz e outros escritores da sua geração; e o movimento modernista na sua primeira fase, saturado de subjectivismo que foi algumas vezes ao arbitrio e ao delírio, voltado para a especulação psicológica perturbada, que o espírito inquieto e dissipador de sentiu deus guerras alimentou. Por designio certo das circunstâncias, a obra de Teixeira de Queiroz revive nesta edição de contos quando outra geração literária, inspirada por mais sólidas e voluntárias lições da vida, vem afirmar e realisar argumentos estéticos muito semelhantes. Também o autor de «A batalha da vida» e «O Juiz de Soajo» se deixou seduzir pelo real, pelos fortes quadros da natureza em que o homem labuta e se confunde, pelos dramas que se geram na terra em que seres humanos foram também gerados. Também a sua inspiração de artista soube conservar, superando-as, essas forças da vida real das coisas e dos seres, transformando-as em substância íntima, sentida e vivida, e por aí se encaminhando ao realismo

autêntico. Também a sua forma literária exuberante e máscula se despe dos artificios vãos, cingindo-se ao espectáculo da natureza e da vida no abraço vigoroso do narrador que é, ao mesmo tempo, um homem.

Por tudo isso está Teixeira de Queiroz muito próximo dos romancistas novos. Excluindo o definido intuito social — e os intuítos significam muito pouco em literatura quando não se exprimem literariamente, incorporando-se na substância da obra — os contos reunidos neste livro apresentam alguns dos quadros mais justos e reveladores da vida rústica portuguesa. A sua visão social é, na verdade, profundamente humana. E é isso o que mais importa, sejam ou não proclamados os intuítos sociais da obra. Se o intuito não se confunde na própria essência da visão real do autor, não se converte em força íntima, impulsionada com intensidade lírica por quem o afirma, através dos personagens ou das situações, nada vale o intuito e nada vale a realização.

O que se pretende é uma literatura do povo em que estremeçam vivas e humanas, não só a sua natureza própria mas as aspirações que o transcendem. Não foi para estas que se voltou deliberadamente Teixeira de Queiroz, segundo creio; mas o seu intuito da verdade humana popular, o sentido intuíto que possuía da simbiose dos seres com o seu meio e as necessidades reais que é determina, deram aos seus contos uma justeza e uma amplitude de expressão que os novos devem descobrir e reconhecer com profundo agrado.

A «Comédia burguesa» e a «Comédia do campo» que pretendeu completar pouco a pouco com os seus romances, contos e novelas, estavam dentro dos cânones do naturalismo — talvez a meio caminho entre os sentidos que lhe davam os Goncourt e que lhe dava Zola. Só nesse aspecto a obra de Teixeira de Queiroz ficou um pouco atinuada e, em relação à sua morte — em 1919 — de certo modo anacrônica. Mas as qualidades nativas do escritor, superando a todo o momento as barreiras possíveis de escola, irrompem com frescura inegalável nestes quadros rústicos de intensa verdade humana.

ALVÁRO SALEMA

(1) Parceria António Maria Pereira.

FACA DE PAPEL

— O poeta Alberto de Serpa publicou na coleção de antologias universais da Porfúlgia Editora «As melhores poesias brasileiras». Além de um prefácio de inteligente e generosa compreensão, as anotações que precedem os versos brasileiros, desde o P. Anchieta até Vinícius de Moraes, são justas e esclarecedoras. O volume tem excepcional interesse para o público português, a quem o recomendamos vivamente.

— A Parceria António Maria Pereira tem editado uma das coleções de literatura infantil que mais útil papel têm a desempenhar no seu género: os volumes para rapazes e raparigas na primeira adolescência, publicados sob o título «Para ti — da Tia Nêdes». «Eu já sou uma senhora» e «Uma aventura no Clippers» são os últimos trabalhos aparecidos na coleção.

— Anuncia-se, para breve, a segunda edição de «Presenças Eternas» — um dos últimos livros do nosso illustre colaborador, sr. dr. João de Barros, e que é um apanhado de pequenos ensaios e estudos em que o homem poeta e o homem que pensa se dão amistosamente as mãos.

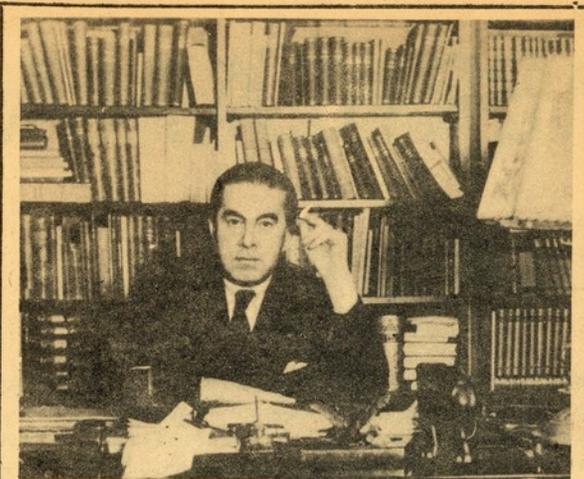
CADA QUAL TRABALHA COMO GOSTA...

HÁ escritores — e escritoras — que não podem trabalhar sem fumar. O cigarro, como o café ou o charuto, é qualquer coisa em que as idéias absorventes do escritor se neutralizam por um instante. François Coppée fumava cigarros sobre cigarros enquanto escrevia, interrompendo às vezes o trabalho para se ficar a contemplar as espirais do fumo. Anatole France chupava cachimbo de espuma, enorme e recurvado, fumando sempre, enquanto trabalhava, de barrete vermelho na cabeça e metido numas calças e num casaco, incriveis pelo tamanho.

Dizia-se que cabiam nêles dois homens da estatura de Anatole...

Também Jules Lemaitre tinha o prazer de fumar, enquanto trabalhava. Acendia um cigarro, escrevia dez linhas, parava, tirava uma fumaça, dava duas voltas pelo gabinete de trabalho, remexia meia dúzia de volumes, ao acaso, e estranhos ao pensamento que lhe removia na cabeça. Daí a pouco, com a forma e a idéia concluídas, tirava outra fumaça e voltava a escrever dez linhas.

Divertido era este processo de trabalho. Agora prático — é que não achamos nada...



Um grande escritor húngaro ignorado em Portugal

EM 28 de Novembro passado morreu em Budapeste, com enfiante e seis anos, o escritor Zolt Harsanyi, autor de algumas biografias romancadas que conseguiram grande reputação nos países mais cultos. Liszt, Gaillet, Rubens, Mattias Corvino, foram os seus personagens dilectos nessa forma nova de romance que se consagrou na Europa antes da guerra. Apesar da sua extraordinária capacidade, de trabalho não resistiu ao extenuamento das grandes tarefas literárias a que se consagrava. Na agitação da guerra e dos seus episódios, o nome de Harsanyi perdeu-se para a grande nomeada mundial — e a sua morte passou confundida entre a poeira vã das notícias cotidianas. Assim se transiam agora os mais altos valores do espírito, como o nome deste escritor húngaro, que só mais tarde, quando se apaxiguarem tôdas as paixões, voltará a ser lembrado e conhecido na bela obra que deixou.

10 minutos com Luiz de Oliveira Guimarães



ESCRITOR de brilhante cultura e vivacidade intelectual, Luiz de Oliveira Guimarães tem marcado o seu lugar no jornalismo e na literatura portuguesa contemporânea por dons humorísticos que o público conhece e admira. A entrevista breve que concedeu a «Vida Mundial Ilustrada» é ainda um reflexo da página que redige sempre com graça, leveza e, muitas vezes, falcante ironia. Irónica é a entrevista, mas por trás dela se edivinha a seriedade, em certos casos bastante triste, que é o resgate e a punição espontânea do humorista inteligente.

— Que livros tem em preparação?
— Dois. Um volume para a Editorial Mneroa em que procuro estudar as figuras de Eça, de Junqueiro e de Teófilo sob três aspectos menos divulgados das suas personalidades — e um volume para as Edições Vie acerca de Eça de Queiroz e os Políticos, talvez o início duma série de livros em que tentarei focar outros homens ilustres perante a sociedade do seu tempo.

— Nunca pensou em fazer um romance?
— Pensei. Tenho mesmo o título e o assunto para um: *Mademoiselle Rapaz. A história duma rapariga do século XX*. Editor também me não falta: é António Maria Pereira. Mas escrever um romance exige largas

horas, que me faltam — e eu, infelizmente, não posso fazer horas...

— Teatro?
— Teatro sério, deve estreiar-se, em breve, na Avenida, a revista «O Jogo do Diabo», que escrevi com o dr. Ramada Curto; teatro menos sério (e digo menos sério porque não há, hoje, teatro mais sério que o de revista) penso numa comédia com João Correia de Oliveira, de resto já anunciada com o título de «Carlos Marques»... Claro que na vida e, sobretudo na vida teatral, o programa é sempre alterado por motivos previstos...

— O que pensa da crítica?

— Que é uma respeitável senhora. Só é pena que alguns dos seus filhos lhe comprometam, às vezes, a reputação... Devo afirmar-lhe que tenho pela crítica um respeito incorrigível, e que, através duma já longa e quasi constante actividade literária, nunca deixei de a venerar — como os egípcios veneram a Esfinge.

— O que será, na sua opinião, a literatura de amanhã?

— Nunca tive grande jeito para profeta, nem sequer na casa alheia. Conjecturo, porém, que a literatura será rápida, sintética, aerodinâmica. As grandes maças literárias estarão proibidas. Triunfarão a crónica, a impressão, a nota rápida. Os livros tomarão, possivelmente, a forma de comprimidos. O escritor que escreva, por exemplo, um romance de mais de duzentas páginas será degolado e, se reencidir, será, inexoravelmente, castigado pelas Academias — com os primeiros prémios literários...

DE BAILARINA A VEDETA

ADA LUFTMAN, a protagonista de «O VIOLINO DO JOÃO» gostaria de ser como a Bette Davis...



Val começar a filmagem! Ada Luftman toma uma atitude...

EM Portugal, o teatro é um magnífico fornecedor de elementos para o cinema. Não falando já nos artistas conhecidos que habitualmente transitam do palco para o «plateau» de filmagem, referimos especialmente aqueles que o cinema tem descoberto nas sombras dos bastidores.

Exemplos? Parece-nos que basta apontar dois casos bem frisantes. Um, o de Maria Domingas que passou do anonimato teatral à primeira grandeza cinematográfica. O outro, o mais recente de todos, e que nós revelamos hoje, ao grande público, é o salto inesperado de Ada Luftman que saiu das fileiras ignoradas do teatro de revista para os fulgores dum papel de protagonista num novo filme nacional.

A vida, os sonhos, as opiniões de Ada Luftman, artista descendente duma família de artistas de circo, merecem ser contadas e conhecidas. Por isso, a fomos procurar ao estúdio da Lisboa-Filme, onde decorrem presentemente as filmagens de «O Violino do João».

JÁ TRABALHOU EM OITO PAÍSES...

Chegámos ao estúdio de Quinta das Conchas às três e meia da tarde. Cá fora, na cerca, vemos a fachada dum circo. Sim, só a fachada. O resto está lá dentro, no interior do estúdio...

Passamos por António Vilar que conversa num pequeno grupo e entramos para um cómodo gabinete. E

começamos a esperar que Ada Luftman mude de penteado e vista um traje de bailarina em pontas.

Não esperamos muito. Ela aparece uma hora depois...

Vem sorridente, alegre, deslizado quasi na ponta dos pés. Braz Alves acompanha-a. Ele quer estar presente à entrevista, não vá a sua vedeta dizer alguma coisa a mais ou a menos...

E o interrogatório inicia-se sem mais delongas, pois o repórter almoçou à pressa e está a sentir um prejuízo de fome...

Ada Luftman pede-nos para frisar que ela não é alemã, como muita gente pensa. Filha de mãe austríaca e de pai húngaro, ela nasceu, de facto, na Alemanha e aí foi registada. Mas como se casou com um português, em Portugal, ficou consequentemente com a nacionalidade portuguesa — o que muito a orgulha e envaldece, porque adora o nosso país.

Depois, à laia de curiosidade, informamos-nos:

— Sabe? Já trabalhei, como artista, com meu pai e meus irmãos, na Rússia, na Polónia, na Itália, na Suíça, na Holanda, na França, em Espanha e em Portugal.

Achamos bem sugestiva essa peregrinação artística.

— Então, oito países, não?

— Sim... Oito, ou talvez mais...

Aproveitamos a oportunidade:

— Não se lembra de qualquer individualidade famosa que tivesse conhecido? Por exemplo na Polónia não esteve com Paderesky?

Ada gargalha graciosamente:

— Não, não o conheci... Paderesky não trabalhava no circo...

Passamos a outro assunto:

— Qual a melhor recordação da sua vida?

Ela semicerra os olhos, recordando, recordando:

— Lembro-me bem ainda... Eu era muito nova e um dia o meu pai disse que me levaria para o Scala de Milão — para ser bailarina de ópera.

Faz uma pausa, enquanto o olhar treme de saudade:

— Afinal, não cheguei a partir... E o sonho do Scala de Milão, o maior sonho de toda a minha vida, perdeu-se para sempre...

OS CAVALOS SAO A SUA PAIXÃO...

Preguntamos a Ada qual prefere: se o teatro se o cinema?

Ela não hesita. E diz, pondo-se nos bicos dos pés:

— Prefiro o cinema. Sabe porquê? Porque tem uma vida mais agitada e mais engraçada de que o teatro. É mais difícil, decerto — mas eu gosto das coisas difíceis...

Por vezes temos um pouco de dificuldade em perceber o «português» que Ada Luftman fala dentro do seu sotaque estrangeiro. Ela come letras, estropia palavras, baralha os géneros. E diz, muito séria:

(Continua na pág. 20)



TEATRO



SINCLAIR LEVIS personagem dum romance e intérprete duma peça

A América achou imensa graça ao facto. Mas a verdade é que o escritor Tom Wolfe caricaturou o famoso Sinclair Lewis, romancista e dramaturgo, no seu último romance.

Foi Sinclair Lewis que, afinal, revelou o grande segredo. Ele aparecia sob a alcunha de «Kunck», e isso devido a ter as falanges dos dedos enormes, na opinião de Tom Wolfe.

Tom Wolfe fez de Sinclair Lewis um bêbedo incorrigível durante vinte e três horas do dia — mas que, na hora seguinte, produzia uma quantidade espantosa de trabalho óptimo...

Mas o próprio Sinclair Lewis se revolta contra essa caricatura... exageradíssima. E pergunta:

— Como é isso possível? Quem poderia escrever uma dúzia de livros e viver «brio» durante vinte e três horas diárias?

— Talvez o romance de Wolfe de a resposta à sua interrogação. Ele não se aborreceu. Limitou-se a comentar:

— As vezes os escritores costumam divertir-se à sua custa e à custa dos colegas...

Contudo, na mesma entrevista Sinclair Lewis deu outra grande novidade sensacional: ele ia ser um dos intérpretes da peça de Eugene O'Neill — «Ah, Wilderness».

E o popular romancista mostrou-se entusiasmadíssimo com as suas novas atribuições. De autor passou a actor.

Ele afirmou, peremptoriamente, que adorava o teatro:

— Sabe? A gente de teatro é intensa, viva.

E desisou para o ensaio, de onde o chamavam, não sem revelar ao repórter a sua grande preocupação de momento.

— Em «Ah, Wilderness» fumo cachimbo... Portanto, preciso de algumas escovas de cachimbo. E preciso também duma corrente de ouro tão grossa como o meu dedo mínimo, mas bastante antiga. Conhece alguém que queira vender uma coisa dessas?

E passou ao palco — que é metade da sua vida, como ele próprio disse.

Notícias de Beatriz

CHEGARAM notícias do Brasil e elas falam-nos em Beatriz Costa, a azougada vedeta que conquistou as duas pátrias irmãs.

Beatriz segue a sua gloriosa cadeia de triunfos. Ela não descansa. Salta do Rio para S. Paulo, do Norte para o Sul, corre o Brasil, de lé a lé, levando a todos a graça do seu sorriso sempre jovem e da sua alegria sempre renovada.

Perdeu a franja, mas ganhou talento — ainda mais talento. Uma das primeiras artistas no seu género, senão a primeira — Beatriz Costa continua a ser um grande nome de cartaz.

Ultimamente, estreou com Oscarito, no Teatro João Caetano, a peça «Defesa da Borracha», da autoria de Luiz Peixoto e com música de António Lopes.

E mais uma vez ela arrebatou os melhores aplausos do público e os maiores louvores da critica.

Uma trapezista famosa tem medo dos homens

Chama-se Elly Ardely e deve ser, indiscutivelmente, uma das mais célebres equilibristas mundiais.

Americana de origem, começou, porém, a trabalhar nos «dancings» russos. Um dia, preferiu entregar-se à vertigem do perigo. E passou a tentar números de emoção, em que se desafiava a morte, impressionando vivamente os espectadores.

Aos poucos, conseguiu essa perfeição arrojada que tem maravilhado o mundo inteiro: trabalha assim, num equilíbrio de trapezio, de grande espectacularidade e de muito perigo, a 40 metros de altura...

Mas ela não tem medo da morte. Aliás, Elly Ardely apenas tem medo dos homens. É solteira e quer continuar solteira. Ela, que executa os seus perigosos exercícios, sem réde, receta sinceramente cair na réde das grandes paixões humanas...



Apontamento lírico

TODOS os anos, por esta época, a Primavera desperta na Natureza e nos homens. É mesmo quando a doce Estação — fecundo manancial de lugares-comuns poéticos — tem mais profunda influência nas almas, quando ainda não acertou o seu passo com o do Calendário e surge, anunciadora apenas, leve insinuação soalheira, claridade que sorri fora de horas dentre as sombras e o negrume das grandes noites de Inverno.

Na cidade, os homens dão mais depressa pela Primavera. Se o Verão é a época do campo e das praias, na convenção burguesa e no aliterado mais ou menos torcido de cronistas sem assunto, a Primavera é a Estação da cidade, filha predilecta dos que gostam de adivinhá-la, ainda Fevereiro vai no meio, através das janelas dos escritórios desconfortáveis das fábricas tristes, ou dos gabinetes discretos de trabalho. Assim sucede sempre. Ainda não houve os saltos da «Hora legal» e já anda no ar um cheiro suave de Primavera, um fresco cheiro de vida. Um belo dia acorda-se a respirar a Primavera e tem-se a certeza disso mesmo, à tarde, quando se descobre que afinal os dias já são mais compridos e que uma hipótese de Tejo espreita lá em baixo, sorridente e prateada, através do casario da cidade antiga. O lisboeta, é claro, rejubila com a descoberta, sinal de que pode fugir aos domingos para o pinhal da Caparica, para as praias modestas logo depois das antigas «Portas», ou mais humildemente para os raros jardins desta cidade sem árvores. Mas — que diabo! — sempre é a Primavera e brinca pelas ruas de mau empedrado uma saudável alegria de viver.

É, de facto, na cidade que a Primavera tem os seus domínios predilectos. É na cidade que a Primavera se sente em sua casa. O cidadão decerto que continua a fugir para os cafés como se houvesse ainda o crepúsculo rápido do Inverno; mas no seu íntimo sabe que tal não sucede e que lá fora espreita até tarde, mesmo depois das lojas fecharem e quando os eléctricos já levam menos gente, uma promessa de poesia. E é disso, afinal, que os homens têm hoje mais sede. Aquela «virtude lírica das almas, verdade lírica das coisas», de que falava Jacquet, começa a andar à superfície nestas tardes em que, sendo ainda Inverno, já se anuncia — talvez simbolicamente — a presença, criadora e lírica, dessa outra Primavera por que os homens há tanto tempo anseiam.

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS



FALA-SE ESTA SEMANA

ETELVINA LOPES DE ALMEIDA



A mulher teve sempre uma predisposição gentil para criar à volta das crianças um mundo maravilhoso e que vai bem à sensibilidade e à inteligência infantil. E entre as mulheres que entre nós acusam tacto delicado — Etevlina Lopes de Almeida, que nos deu agora «O toninho da esquina», pode contar-se como um dos melhores e mais compreensíveis elementos construtivos da mentalidade infantil. De facto, o seu último livro, ilustrado por Rudy, é um pequeno recanto do mundo ingenho que faz bem devassar.

AMADEU DE FREITAS



Viajado, culto, Amadeu de Freitas põe sempre um grande cuidado nos trabalhos que lança a público. O seu último livro, apresentado por «Vida Mundial Editora», intitula-se «Os quatro leaders do Mundo» e constitui a biografia comentada das figuras mais evidentes do nosso tempo: Churchill, Roosevelt, Hitler e Mussolini.

Trata-se de um trabalho consciencioso, bem escrito e largamente documentado e que está a obter excepcional interesse do público.

AUGUSTO DA COSTA



O autor de «Os sete pecados da vida nacional» é também um romanista de apreciável merecimento. O seu último romance intitula-se «Uma aventura em Lisboa». É um trabalho despretencioso, com um bocadinho de observação mordaz da nossa sociedade e que, decerto, vai merecer do nosso público a atenção que costuma dispensar às obras deste escritor consagrado pela crítica.

A pele do leão

LEMBRAM-SE daquela fabulazinha ingénua mas concetivosa, de que falamos os primeiros anos de latim?

A sabedoria dos homens, a profundidade dos seus conceitos e o espírito de observação revestem-se de permanente actualidade, se preside às suas manifestações justas de juízos. Por isso a história daquele pobre e vaidoso jericó que apanhou à mão uma pele de leão e apertou meio mundo quando se deu arde de importância que não tinha, ainda hoje constitui imagem dos homens e das coisas. Os «parvenses» perderam, atafalhando de incompetência própria e competência alheia, o meio em que esgaravavam, como boas aves de rémiges curtas que se prezam de ser — incapazes, portanto, de vãos muito largos.

De facto, a fatuidade dá por aí as mãos a multos insignificantes. Evidentemente, o mal não vem de hoje, pois já antes de Nicolau Tolentino os meter a ridículo — éle era muito velho. Mas o que pasma, é que sendo a enfermidade tão velha — não tenha, ao menos, caído de póbre, em lugar de se mumificar, como verdadeira instituição nacional. Não obstante essa mumificação, são seres andantes e falantes êsses que transportam em si a andaina de leão. Usam a pele por conta alheia porque se lembram de que quem o alheio veste — na praça o não parece.

Isto não é exagerar: mas todos nós somos capazes de apontar, sem contar pelos dedos, meia dúzia de senhores, destes que aparecem nos jornais fotografados em todas as posições e alcordados aos pináculos da Lua — verdadeiros génios por conta alheia. Eles são escritores, conferencistas, oradores e não se sabe que mais — mas as palavras, que encontram eco prolongado na consciência da nação, não lhes pertencem. São de outros valores que sendo mais altos, se rebaixam, escondem na penumbra, porque, muitas vezes, os seus fados os não guindam à luz plena das oportunidades justiceiras. Entretanto, em qualquer sector da vida pública ou privada como verdadeiros oportunistas que lançam mão de todos os meios para alcançar um lugar ao sol, a mediocridade estende a garra e desabrocha qual estranha flor de cardo, num país que dizem ser Jardim à beira-mar plantado...

Quando acabará, então, este reinado da incompetência? Quando será que os medicros despem a pele de leão e dão o seu a seu dono? Só num país de reduzido nível de cultura, em que o intelecto está abaixo da cotação da bóia, é possível alcordarem-se os insignificantes, à custa do valor alheio. Vivemos um ciclo de materialismo em declínio, em que as forças morais e intelectuais não contam e em que só o esforço bruto se impõe à consideração — verdade seja dita — das potências do mau gosto. Para o facto concorreram, naturalmente, os próprios valores positivos que se acobardaram ao péso das dificuldades, deixando-se subornar por uns escudos ou pela conservação de um lugar de amanuense, numa casa em que quem menos merece é quem mais vale...

Quando perderão, então, a actualidade, as fábulas de Phedro? Quando será dado o seu a seu dono — e, sobretudo, o que é ainda mais moralizador: quando deixaremos de dar aos outros aquilo que não lhes pertence — ou sejam, consideração intelectual, o desvanecimento e o espírito elogiativo perante um valor que sabemos não existir?

Esta pústula moral, com seu arzinho de prostituição intelectual, é um defeito de nascença que precisamos de corrigir. Ou, então, todos os dias cairemos naquele caso de sujeito anodótico, referente a um certo sujeito que pediu a outro para lhe escrever uma conferência, e ainda por cima a quis editar com um prefácio elogiativo feito pelo verdadeiro autor da obra, e em que depois não se esqueceu de escrever como dedicatória: «ao meu querido amigo, este modesto trabalho da minha lavra»...

Tinha-se esquecido de que estava a representar a comédia do leão. E, se calhar, até julgou que o outro é que declinava «astinus, astinus»...

O fogo do Sobralinho

Na última semana, em poucas horas, um fogo medonho devorou, com todo o artístico recheio que nele se juntara, o palacet de Sobralinho, ali perto de Alhandra e Vila Franca, residência do prof. dr. Armindo Monteiro. A casa não era grande monumento, mas tinha a sua história. Mas tem um título curioso e esquecido que o nosso antigo embaixador na corte de Saint James ali poderia ter recordado e ostentado com certo orgulho: por lá, se albergara, no seu jornada de visita a Portugal, por meado do século passado, o príncipe Alberte de Saxe que foi casado com a grande Rainha Vitória.

A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

Vai comemorar-se o centenário da Caixa Económica do Monte - Pio



O Monte-Pio Geral completou há cerca de um ano, um longo e glorioso centenário. A Caixa Económica — um organismo que funciona dentro do Monte-Pio, mas com estatutos diferentes, vai agora, a 24 de Março, completar também o seu centenário. De facto, em 1844, na Rua da Oliveira ao Carmo, no n.º 4, num edifício que pertence hoje à venerável Ordem Terceira, instalava-se a primeira Caixa Económica do país — uma iniciativa arrojada para o tempo, dentro das mais francas e simpáticas correntes do mutualismo e do cooperativismo, mas fora do espírito da época, tão agarrado à tradição do spê de meias e das libras, imprestáveis, ao canto do arcaiz. A Caixa Económica e o Monte-Pio Geral propunham-se, assim, a vencer a tradição e o espírito rotineiro da época, fomentando indústrias, cedendo juros aos depositantes, criando, enfim, uma moral nova, uma economia arejada e uma vivificante actividade, porque a Caixa Económica e o Monte-Pio apareciam, a partir de então, mercê das importâncias depositadas, como acionistas de grandes empresas e financiadores de empresas sólidas, embora de carácter particular.

Eis o que nos diz a propósito, o actual director do Monte-Pio, sr. Dr. Guerreiro Murta, um espírito de iniciativa e inteligente que abnegadamente vem servindo os interesses daquele importante organismo:

— O saneamento do Pórtio, a linha do Norte e tantos outros grandes melhoramentos talvez não fizessem, pelo menos no tempo e com as características adoptadas, se a Caixa Económica não tivesse entrado como acionista. Hoje, claro, as finanças da nação revestem-se de um carácter técnico e administrativo diferente. Mas, com 20 e 30 mil contos, em quantos grandes empréstimos ao Estado não entrou a Caixa Económica que deu alguns ministros ao país e donde saíram — ou para onde entraram... — outros grandes homens da nação? Sem dúvida, este organismo, que no domínio privado tão grandes benefícios tem prestado, tem um papel fundamental nos últimos cem anos da vida portuguesa.

— Quem fundou a Caixa?

— Francisco Manuel Alvares Botelho, professor régio que quando acabou o Colégio dos Nobres passou para a Junta do Crédito Público. Mas não se deve esquecer Custódio Manuel Gomes, chefe das Anfândegas e, mais tarde secretário do Governo das Índias...

— As dificuldades, então, deviam ser grandes...

— A Caixa começou com 38 depositantes e um depósito de 65\$80. Dôze senhoras entraram — três das quais depositaram a importância de um tostão. É interessante frisar que nasceu de então a expressão etim o seu tostão, porque os depósitos não podiam ser senão em prata, num mínimo de tostão. Ora, um tostão, no tempo, era alguma coisa. Ser sócio, correspondia, portanto, a ter um tostão, ou seja a ter alguma coisa de seu...

— E hoje?

— Hoje, temos 141.549 depositantes, com um depósito de 407.692 mil contos. Mas este pequeno grande monumento custou a vingar. E, se não fosse, a par da hospitalidade que presidiu à sua organização, a propaganda de Alexandre Herculeano, talvez outro tivesse sido o destino deste edifício. Nos «Opúsculos em 1877, vem parte de um artigo do autor da «História de Portugal», intitulado «Das Caixas Económicas». Esse artigo — esse discurso, como se diz — dirigido à nação, foi largamente divulgado pelos quartéis, pelas aldeias, por toda a parte, de modo a penetrar nas massas populares e fazer-lhes sentir as vantagens do espírito de cooperação.

— E a respeito das comemorações?

— No dia 24 de Março, será descerrada, na rua da Oliveira, n.º 4, uma lápida e na Sala dos Depósitos, aqui na sede, será descerrada uma outra, com os nomes dos primeiros depositantes. Ambas as lápidas, duas pequenas maravilhas, são de inspiração de Cotinelli Telmo, nosso sócio. Inaugurar-se-á, seguramente, o 1.º Congresso das Caixas Económicas Nacionais, onde estarão representados 24 organismos, que tantos são os existentes no país, incluindo os das Ilhas. Nesse congresso, onde cada Caixa mandará o máximo de três representantes, apresentarão tese, entre outros, os srs. drs. Pedro Pita e Paulo Cunha. As comemorações encerrarão, a 28 de Março, com uma homenagem a Alexandre Herculeano, grande animador deste organismo, e cujo aniversário natalício passa naquele dia. Claro que vão ser convidadas as entidades oficiais para tomar parte nas comemorações...

O sr. dr. Guerreiro Murta fala-nos ainda do valor social da Caixa Económica do Monte-Pio Geral — a primeira que existiu no país, pois a própria Caixa Geral de Depósitos só em 1880 havia de aparecer. E termina a sua entrevista:

— Mas não só Alexandre Herculeano terá a sua consagração. A todos os fundadores será prestada homenagem justa, porque esta instituição de características tão accentuadamente populares, foi alguma coisa de revolucionário e profundamente benéfico à vida portuguesa.

UMA TARDE NO CLUB INGLÊS



Melvyn Herbert regressou a Londres. Antes, porém, quis despedir-se de todos os seus amigos, que são quantos lidaram com ele em Lisboa durante o tempo em que trabalhou como adjunto do adido de imprensa à embaixada inglesa. O «cocktail» do sr. M^o Herbert e esposa ofereceram no Clube Inglês aos seus amigos reunião, assim, nos salões do palácio do largo Trindade Coelho meia Lisboa elegante, das letras e das artes. E dessa reunião o flagrante que damos, quando Melvyn Herbert conversava com um grupo de amigos.

NOTAS RÁPIDAS



Salazar raras vezes aparece e raras vezes fala para o público. Mas, quando o faz, como há pouco, ao tomarem posse os presidentes das secções e sub-secções do II Congresso da U. N. — o Presidente do Conselho, que é ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, falou com a sua alta autoridade dos problemas do nosso tempo — que são também os do nosso espaço.



O dr. Fidelino de Figueiredo, há pouco vindo do Brasil, onde marcou com notável inteligência e critério a sua presença, tem recebido as justas homenagens dos seus compatriotas. O almoço que recentemente lhe foi oferecido por um grupo de intelectuais foi mais uma prova de solidariedade e alto apreço pela obra que o ilustre professor realizou no Brasil.



As Caldas da Rainha, berço de tanto artista de primeira plana, é também a terra natal de João Fragoso, recentemente laureado. E porque a terra não é madrasta e não esquece os seus filhos, acaba de prestar homenagem ao jovem escultor, num banquete a que se associaram todos os elementos graduados das Caldas da Rainha.



Na Sociedade Nacional de Belas Artes expôs agora um jovem pintor: Noel Perdigo, magnífico no equilíbrio das cores e das linhas aplicadas nos seus trabalhos, onde avultam quadros que são uma magnífica legenda documental do nosso tempo. Na cerimónia inaugural estiveram elementos destacados da provincia do Alentejo, pois alentejano é o ilustre pintor. Na foto vêem-se os srs. Eng.º Calheiro Lopes, presidente da Casa do Ribatejo, Vanzeler Palha, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca, e direcção da Casa do Alentejo.

Desaires e desatinos

Aprovar a razão que nos assiste quando verberamos o hábito inventado de improvisar, dentro da cinematografia nacional, trazemos hoje, a terreiro, o caso aparentemente insignificante que se passou com o filme incluído no espectáculo actualmente em exhibição no Coliseu dos Recreios. E dizemos aparentemente porque, bem vistas as coisas, é, tem, na realidade, importância maior do que um simples incidente, ou, melhor, do que mero acidente da indústria.

Para fazer a transição entre dois quadros da fantasia «Alvorada do Amor» deliberou a Empresa do Coliseu, em obediência ao texto da peça ou no desejo de enriquecer a opereta com mais um atractivo, mandar executar uma película, de reduzida metragem, com intervenção dos protagonistas da obra teatral. Ignoramos até que ponto verificaram a idoneidade dos cineastas concorrentes e quais as responsabilidades que a estes foram exigidas. O que sabemos é que, na noite da estreia, a película, pela sua péssima qualidade, foi assobiada — e que a crítica declarou ser inferior a tudo quanto, até hoje, se tem feito em Portugal!

Não assistimos à estreia e quando nos propusemos ajuizar de «visu» o abórito apresentado, fomos logrados, na nossa expectativa, porque a película em questão havia sido retirada, por iniciativa da própria Empresa, como mixórdia imprópria para consumo. E assim se apagou uma nódoa vergonhosa num espectáculo que prima pela evidente vontade de ultrapassar o nível habitual no captulo de riqueza de montagem e brilho da encenação.

Um caso isolado?! Não!
Sabemos, com efeito, que está em marcha uma organização (?) que se propõe realizar «complementos» com carência absoluta de elementos e recursos técnicos. E aquilo que, normalmente, não deveria sair do âmbito familiar do cinema de formato reduzido, parte assim à conquista de mais largas ambições.

Esta catrurice de teimarmos em condenar as improvisações, sem qualquer intuito que não seja a defesa do prestígio da cinematografia nacional, oferece-nos dia a dia novos motivos numa progressão assustadora. E, pelo que estamos vendo, as obras mal concebidas e pior nascidas não resistem à própria insuficiência. A seu tempo, os factos demonstrarão a razão que nos assiste nos vários casos enumerados — e que ainda não tiveram o seu desfecho...

Não pretendemos, pela nossa parte, que se feche a indústria a todos aqueles que, de boa-fé e com honestas intenções, a queiram servir. Mas entendemos que urge discipliná-la e que se torna imprescindível evitar que a improvisação acabe por comprometer definitivamente o seu crédito — e o seu futuro.

Este gósto pela aventura — é bem português. E é profundamente portuguesa também a faculdade de improvisar. Tudo isto, aliado às extraordinárias possibilidades de assimilação e adaptação que possuímos em alto grau, leva a gente lusa, de ânimo leve, sem curar da organização, a lançar-se na mais difícil, na mais complexa e na mais aliciante das actividades — a produção de filmes. Mas com o cinema não se brinca. Porque é uma indústria cara e porque não é possível fazer tábua rasa das suas leis e da sua técnica. As economias só são possíveis na base de uma organização impecável. De contrário, resultam na penúria da apresentação e reflectem-se trágicamente na qualidade do produto. Por outro lado, a competência profissional é factor imprescindível. Não se estuda, não se aprende, sem uma larga, uma longa, uma dura aprendizagem.

O mesmo sucede com a aparelhagem. O cinema exige uma custosa e numerosa aparelhagem de iluminação. E quanto ao registo de som, nem é bom falar nisso. Com excelentes equipamentos tivemos, em muitos filmes nacionais, som deficientíssimo. Que dizer desses «frankensteins» de gravação sonora, feitos com peças arranjadas por subscrição!

O filme do Coliseu resultou mal — porque era esse o seu inevitável destino. Os projectados complementos, produzidos num hipotético estúdio, com uma aparelhagem de duvidosa fidelidade, hão-de fatalmente ser um desastre também.

Há que pôr ponto final a estes desatinos. Os processos são vários. Mas entre os mais eficazes permitimo-nos aconselhar a união imediata dos produtores responsáveis, num organismo que poderia ser muito bem o Grémio Nacional dos Produtores de Filmes.

Das suas vantagens e da sua missão falaremos no próximo número.

FERNANDO FRAGOSO



O NOVO ROMANCE DE HOLLYWOOD

Marlène vai casar com Jean Gabin?

O romance não é de hoje. Mas continua a dar que falar. E, desta vez, parece que é certo. Marlène Dietrich e Jean Gabin vão casar-se. Assim se assevera, pelo menos, nos meios bem informados de Hollywood. A foto mostra-nos os dois artistas, surpreendidos por um fotógrafo indiscreto, quando dançavam no «Mocambo», o restaurante de Hollywood, mundialmente célebre.

ECOS DOS ESTÚDIOS

O PINTOR MANUEL LIMA



Manuel Lima, que à nossa revista tão assinalável contribuição artística tem prestado, não é só um pintor e um ilustrador de talento. A sua arte não conhece limites nem se compraz com o prosseguir nos caminhos brilhantemente trilhados. Pelo contrário, a arte de Manuel Lima procura sempre novas expressões, firmando-se em campos diferentes, mas onde avulta o mesmo poder criador. Por isso, éle que é pintor e professor de desenho, encontrou agora novos horizontes: o cinema, onde vai aparecer como autor das «maquettes» dos cenários do próximo filme de Braz Alves, «O violino do João» — e onde o artista que é moço, vai aparecer na máxima expressão da sua mocidade arrojada e inconformista.

O LEO DA ESTRELA NO CINEMA?

NOS meios cinematográficos, corre com insistência que o realizador Artur Duarte, concluída a «Menina da Rádio» encenaria a hipótese de fazer uma versão cinematográfica da célebre peça «O Leão da Estrela», da parceria Ernesto Rodrigues, João Bastos e Félix Bermudes, e que Chaby Pinheiro criou nos nossos palcos.

Julgamos saber que Artur Duarte, previdente como é, se procura precaver contra a impossibilidade de tentar, a seguir ao filme actualmente em realização, os outros dois projectos — «Pescadores» e o filme com Gregório Garcia, ambos em franco andamento, no que se refere ao argumento. Com efeito, o primeiro tem que coincidir com a partida dos lugares para a Terra Nova e o filme de Gregório Garcia depende das datas que o famoso «diestros» tiver livres, para actuar no estúdio. Entretanto, Jorge Simões concluiu o argumento baseado no seu livro «Os Grandes Trabalhadores do Mar» e o poeta Silva Tavares está a escrever a história que se pretende filmar com o grande toureiro mexicano.

Afirmou-se ainda, nos meios bem informados, que Artur Duarte teria a intenção de convidar António Silva a interpretar o papel que Chaby criou no tablado.

Que se trata duma peça verdadeiramente cinematográfica, não resta dúvida — porque ela até incluía um filme: a viagem do protagonista, de Lisboa ao Pôrto. Que Artur Duarte tem, há muitos anos, o sonho de adaptar à tela, também é verdade. Daí não nos repugnar que os boatos sejam realidade — e que, mais dia menos dia, vejamos o «Leão da Estrela», no cinema, na pele do António Silva.

É questão de darmos tempo — ao tempo.

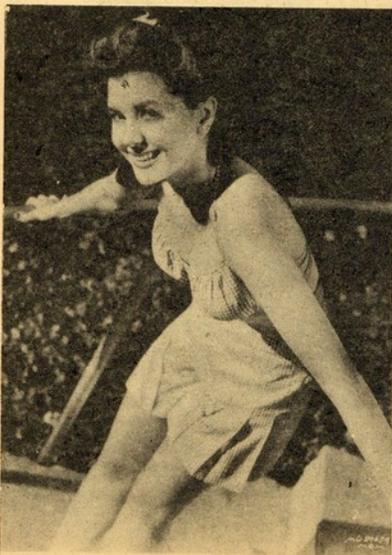
JORNALISTAS E CINEASTAS

DURANTE o almoço que a Companhia Portuguesa de Filmes ofereceu à imprensa, quando do início das filmagens da «Menina da Rádio», o sr. dr. Rodrigues Pinto, a quem o Cinema Nacional deve uma dedicação de todas as horas e uma larga e brilhante actividade, saudou os jornalistas presentes dizendo-lhes que lhe era particularmente grato recebê-los, tanto mais quanto é certo que ninguém, melhor do que eles, poderiam sentir e avaliar, o labor dos profissionais de cinema, uma vez que a sua actividade tem muitos pontos de contacto, com a dos profissionais da imprensa.

Com um poder de síntese, verdadeiramente cinematográfica, o sr. Dr. Rodrigues Pinto expôs a sua tese e, em reforço das suas palavras, citou até o facto de muitos cineastas terem vindo directamente das fileiras do jornalismo.

As duas profissões aproximam-se, disse o Director-Delegado da Companhia Portuguesa de Filmes, não só no dinamismo que exigem, na dedicação que absorvem, na visão de conjunto que requerem — como até na projecção cultural que lhes incumbe, junto das massas a que se destinam. O Cinema e a Imprensa são afinal, irmãos gémeos, como são formas superiores de expressão — dirigidas à mentalidade dos homens.

Ann Rutherford



a tradicional namorada do Mickey Rooney

O leitor já a conhece dos filmes da Família Hardy. É a «Polly», a eterna namorada de Mickey Rooney, a quem éle permanece fiel, mesmo quando outras seretas se atravessam no caminho. Podem outras, momentaneamente enfeitá-lo, que Mickey acaba por regressar, arrependido, ao doce convívio da filha do banqueiro de Carvel.

E, aqui para nós, éle não terá razão?! O que faria o leitor, em caso semelhante?

Não pense que «aquilo» é fácil!...

QUE bom, que delicioso, que subtilme, e, sobretudo, que pacato e fácil estarmos enterrados no fôfo de um «maple», o irradiador aberto aos pés, fumando um cigarro e ouvindo, ao mesmo tempo, um programa de rádio!

Nada mais cômodo, nada mais simples! Basta introduzir a ficha na tomada, dar a volta ao interruptor e esperar que o aparelho «aqueça». Depois, muito calmamente, entretém-nos a fazer girar a agulha no quadrante, saltitando de pósto para pósto, franzindo o nariz, bocejando como nababos, como felizes mortais que têm o rei na barriga e o mundo aos pés, mas que ainda não foram até Cacilhas... Sim, já pensaram, de raspão ao menos, nos trabalhos, nas canseiras na lufa-lufa constante dos pobres e quase desconhecidos orgânicos de um programa para nos darem aquele não, aqueles poucos minutos de emissão directa a que nós, os ouvintes, os «scaros ouvintes» respondemos com um sobe-que-desce de ombros, numa indiferença calma e branda?

SÃO APENAS DISCOS...

Em cima da mesinha está um aparelho de telefonia à volta, a mamã, uma tia e os quatro garotos. O programa da Emissora anunciara: «Mela hora infantil». «Os dois sapatinhos de cristais», de Adolfo Simões Müller, sob um conto de Perrault. Intérpretes: as três irmãs Meireles, Maria de Oliveira, Madalena Patachi, Igrejas Caello, Olavo d'Eça Leal e Pedro Moutinhos.

A hora marcada, a mamã «liga» para a Emissora. As crianças, e mesmo a tia, que possivelmente é solteirona, batem palmas de contentamento. Então, ouve-se o toque de um «gong» e uma voz — a voz do Olavo — diz:

— Atenção, meninos. «Os dois sapatinhos de cristais»...

E a peça segue por aí fora, sem um erro, sem uma falha, muito natural, muito simples, como se já tivesse nascido escrita, ensaiada, musicada, cantada, etc., etc. Os intérpretes não têm um deslize, as entonações são as precisas, a música entra sempre a tempo, com os crescendo e os decrescendo nos momentos adequados, e até o relógio da torre bate a dodécima badalada mesmo na altura em que a Gata Borracheira, vestida de linda princesa, diz a última palavra do seu papel.

É tudo tão fácil, tão «mesmo assim», não é? Pois desengane-se! Aquilo que o seu aparelho lhe está transmitindo não passam de discos, produto de destilação, a obra perfeita e acabadinha depois de ter sido mil vezes cortada, emendada, torcida, de trás para a frente, da frente para trás. Na Emissora, dentro da cabine, apenas se encontra um locutor que vai pondo os discos a girar uns após outros. Os artistas, os técnicos, esses estiveram lá ontem até às quatro da



madrugada, e ante-ontem, até às duas, e antes-de-ontem...

O QUE PODE SAIR DISTO...

Se um senhor de lunetas ou com «espírito de lunetas» entrasse no estúdio grande da Emissora à hora do ensaio geral e visse aquele borborinho, aquela aparente confusão, exclamaria, muito ofendido, para os seus punhos engomados: «O que pode sair disto, Santo Deus!».

Na verdade, aquela atmosfera toda ela formada por gente nova, surpreende. No ar há riso, há gargalhadas. Ninguém está cuidado, ninguém pode estar calado. Se não é o Mota é o Olavo ou o Müller, ou o Caello ou o Pedro ou o Jorge que vêm com uma graça, uma piada, uma «partidinha». Trabalham brincando — brincam trabalhando. Por isso o nosso senhor-lunetas, habituado às mangas de alpaca, ao silêncio, às caras sisudas, ao trabalho-obrigação teve aquela sacudida e bolorenta frase de esparto...

ENSAIO

Quando o repórter entrou, estava-se ensaiando o primeiro quadro. Ao meio do estúdio, um microfone e, sobre uma estante, a peça de Adolfo Simões Müller. As irmãs Meireles, a um canto, iam os seus papéis. O Olavo e o Caello conversam e riem. O Mota entretinha-se a fingir que sabia tocar xilofone. De todos eles, o único que tinha ar aprensivo, inquieto mesmo, era o Simões Müller. Representar uma peça é sempre um problema muito sério. Sabe-se já como «aquilo iria, raio?»...

Madalena Patacho e Maria de Oliveira, a madrastra austera e a «Gata Borracheira» ouviam as últimas recomendações de Müller. Dentro de nada começaria o ensaio.

Na cabine envidraçada, o engenheiro Vitor Veres faz um sinal com a mão. Simões Müller exclama:

— Todos aos seus lugares!

Movimento, pequeninos gritinhos da Milha. O Mota interrompe o seu notável «concerto» de xilofone. Rodeiam todos o microfone.

— Não façam barulho com os papéis! — recomenda alguém.

Acende-se uma luz vermelha: «microfone ligados». Silêncio.

— Estão todos prontos? — pergunta o Veres, da Cabine. — Atenção!

O Olavo começa:

— Meninos: «Os dois sapatinhos de cristais»... — mas pula uma linha e engana-se.

— Volta atrás! — diz o Mota.

— Corta!

— Ah! Ah! Ah! — faz o Caello.

Estabelece-se a animação, as melas vozes, as gargalhadas, até que, de novo, a luz vermelha se acendeu. Mais silêncio. um silêncio muito grande.

Não falam, mas vingam-se fazendo carêtas uns aos outros.

Para ver como funciona o microfone, pedem, da cabine, que o Jorge diga qualquer coisa. Ele fala.

— Era uma vez um desgraçado de um locutor que por tudo e por nada era obrigado a falar...

E falou, falou, um discurso improvisado, até que sou a clássica exclamação:

— Vamos gravar!

— Há duas horas que espero isso — diz o Olavo com um suspiro; e inicia a peça: — «Atenção, meninos! «Os dois sapatinhos de cristais», de Adolfo Simões Müller, sob um conto de Perrault».

Vem mais silêncio, um silêncio quase sem fim. Parece uma sessão espírita. Em vez da mesa de pé-de-gaio, o microfone... A voz do Olavo soa de novo:

— O primeiro quadro passa-se...

E a história vai andando. Entre a madrastra, a «Gata Borracheira», muito humilde, as duas irmãs invejosas, a fada que é a Cidália, o Igrejas Caello que faz de Príncipe Floralva e o Pedro «sapatinho».

As cenas são repetidas duas e três vezes. Antes, na manhã, já se haviam gravado as canções e os coros.

É MUITO DIFÍCIL

O engenheiro Veres aparece, dizendo para descerem até à sala da gravação. Em fila, toda aquela gente se encaminha para o rez-do-chão. A frente, vai a fada, a Cidália, a indiar o caminho. O que não impede, porém, que o repórter tropece e por pouco não caia.

É na sala da gravação, na «mesa das misturas», que se faz a união de todos os discos num disco só. Ao mesmo tempo que os artistas estão numa cabine, diante do microfone, a dizer os seus papéis, na mesa vão girando os vários discos necessários: a música de fundo, a música de ambiente, os vários sons e ruídos como o galopar do cavalo, o varrer da vassoura, etc., etc. Então, tudo isso é gravado num disco apenas, aquele que, depois, será ouvido na emissão.

As duas de manhã o trabalho continua ainda, e cada vez mais intenso. Os artistas suam, os técnicos suam. Mas ninguém boceja. Ninguém, a não ser o repórter que, para apañar o último carro, abandona muito «descrentemente» o estúdio, deixando o Veres e o Müller a discutirem um problema técnico que, segundo eles diziam, era da mais alta importância.

No dia seguinte, tal como a mamã, a titia solteirona e os quatro crianças, o repórter abriu o aparelho para ouvir a transmissão da peça. No final, disse apenas: Bom Deus, como «riscos é difícil!»

REPORTER UM



A Cidália e as Rosália Meireles, com D. Maria de Oliveira e Madame Patacho, estão atentas à «deixa»...

Isto do som é tudo, na Rádio. O eng.º Veres, com Simões Müller e um assistente técnico, estudam os efeitos...

O SENHOR CRÍTICO, A MÚSICA E O POVO

CERTOS avantajados matutinos têm, às vezes, «coisas» que nos deixam mesmo espantados de todo. Agora, um senhor crítico musical censura aquele «numerado público» que, lastimando não haver em Lisboa concertos sinfónicos, é incapaz de encher o S. Carlos. E cita o caso de Londres, de Paris, de Berlim, onde o público forma «bichas» nas bilheteiras das salas de concerto.

Parece-nos que há aqui um grande mal entendido. Sabe, por acaso, o senhor crítico quem forma essas «bichas»? Não são senhores e senhoras em traje de «soirée» como os que preenchem talvez mais de 90 % dos lugares do nosso «primeiro teatro». São trabalhadores e empregados de ambos os sexos, que aproveitam sófregamente uma hora de elevada distração a preços acessíveis.

Ao «numerado público» que se lamenta e não vai aos concertos do «nosso primeiro teatro», talvez irrite haver umas dezenas de lugares humildemente colocados e esquecidos lá junto ao teto. E talvez os preços não sejam tão acessíveis como parece...

O «nosso primeiro teatro» é a antítese de tudo quanto se pode chamar popular e, por própria natureza, é selectivo no mais alto grau (à base do metal sonante).

Solução só há uma, senhor crítico: preços acessíveis, abundância de lugares e bons, ambiente popularizado (o que não significa rebaixado) — e muita propaganda da boa música.

Assim se cumprem as profundas obrigações da cultura...

À ESCUTA...

Mais uma vez se volta aqui a falar do «Domingo Sonoro» e da sua secção «Passatempo», esses diálogos críticos de um casal burguês, fútil ao máximo. E volta-se a falar de «Passatempo» porque o ouvimos no domingo passado e ficámos tristemente surpreendidos com a sua nova fase, que, diga-se de passagem, nos parece muito, mas muito pior (os diálogos escritos), se bem que melhor, muito melhor, a maneira como os mesmos são ditos.

ABANDONADOS!

A POUCAS HORAS DO FIM DA «RODA» UM RECEM-NASCIDO ENTROU NA RODA DA MORTE!



centos e tal julgamos não errar, mostrando assim o grau de repulsa por tal engenho:

— Dar-se-á o caso de termos um dia de registar o centenário da famosa roda dos enjeitados? Cremos bem que sim, infelizmente, dado que o tempo vai passando, cem anos quasi, e a roda continua. Um ror de anos de farto sudário; trabalho inglório de uma instituição senil, cuja realidade ofende os homens e enloda as consciências.

Legalizadas pelos homens da governação do último quartel do século passado, para remediar o grave obituário dos abandonados na via pública — as rodas, com a de Lisboa à testa, quasi resolveram os crimes de quantos se colam às pregas da falsa miséria, do vício, da vergonha e da libertinagem. Que a primeira seja muita, acredita-se. Mas não justifica o movimento aterrador da roda que gira, dia e noite, há tantos anos, empenhada numa missão cruel e devastadora. Pouco tempo separa o Mundo de mais um ano; 1871 vai nascer por entre alas de sonhos e de desejos — Lisboa, contudo, mostra um ar de constrangimento e revolta — pede o golpe no cordão seboso que vai da roda à sinêta de mau prenúncio...

* * *

Alguns números expressivos da faina lúgubre do Hospital dos Expostos de Lisboa: no ano de 1794 foram expostas 1.517 crianças e morreram 1.010; em 1800, das 1.617 expostas, 1.137 morreram; em 1810, entraram 1.785 e morreram 2.050; em 1826, 1.735 foram expostas e 1.495 morreram; em 1833, houve 1.707 entradas e 2.193 mortes; em 1837, entraram e morreram 1.900; em 1845, 2.319 expostos e 1.378 mortos. Em 1835 — dizem as estimativas incompletas — por cada 100 expostos, apenas 10 resistiam às péssimas condições vividas no hospício, não obstante serem introduzidos melhoramentos insuficientes para evitar que muitos infelizes continuassem a dormir no chão... De 1863 a 1870 foram «rodadas» 87 crianças mortas, provenientes — quem sabe! — de crimes que para sempre ficaram impunes. Em igual período, os hospitais do reino e ilhas sustentavam 36.753 enjeitados, fizeram-se 16.245 exposições e a mortalidade atingiu média superior à quarta parte. A favor da abolição das rodas terçaram armas, entre outros: Tomás de Carvalho que em 1857, por meio de escritos vibrantes na Imprensa, afirmava que as rodas eram o «caçouque das crianças»; o ministro Anselmo José Braancamp que publicou uma lei em que as condenava em «abôno da infância e da moral»; Manuel Emídio Garcia, que no livro «A roda dos expostos» lhes fez uma acusação cerrada, e ainda o provedor conde de Rio Maior e o seu companheiro Gerardo Braancamp que foram, por assim dizer, os seus cozeiros.

* * *

Primeiro de Dezembro de 1870. A roda de S. Roque acabou, enfim — pelo menos oficialmente — por ordem saída da pena do provedor, conde de Rio Maior. Embora continuem, as exposições, passam a ser justificadas e receberão subsídio quando se trate de entrega por indigência. Naquele dia, como sempre, houve trabalho insano, tendo passado de uma dezena o número de pobrezitos ali entrados. Ao descer da madrugada um, depois outro e mais, até que, envólto na escuridão do princípio de outra noite, surgiu o vulto que carregava o último. Soou forte a campainha, a roda girou — uma roda que já hoje não existe — e da bocarra sem alma foi tirado «aquilo». Era uma menina, um querubim rosado, da mãozitas no ar, buliçosas, que parecia quererem rasgar o véu da sua origem misteriosa.

Quem seria? talvez filha da lama, nascida em suja viela, ou de certa dama da «alta» a quem a loucura do gesto não comoveu. E daí... — que drama pungente não terá vivido a pobre! Dos sinais levados apenas o trivial que mais não era preciso para entrar em mundo de tão má sina. A criança passou às mãos das rodeiras e dela se fez assento que reza assim:

«No primeiro de Dezembro de mil oitocentos e setenta, às 8 horas e meia da noite, entrou na roda deste Hospital dos expostos de Lisboa uma criança recém-nascida do sexo feminino com os seguintes sinais: um bilhete designando-lhe o nome de Carolina Rosa de Sousa, camisa e fralda de pano patente, um coeiro de castorina azul escuro, e outro de baetilha branca, um manlirão de chita branca e róxa e meio lenço branco. Foi solenemente baptizada com o nome de Camila, por mim e capelão do baptismo, sendo padrinho o moço da capela José Maria Félix e para constar lavrei este assento que assino com o referido padrinho. Era ut supra — S. José Rafael Nunes — José Maria Félix».

A margem, além de números, figuram o nome indicado no bilhete e os dias de nascimento e falecimento — 28 de Novembro e 20 de Dezembro, respectivamente. A pequena Carolina — Carolina segundo o desejo expresso e Camila conforme lhe calhou no hospício, não chegou a viver um mês!

Roda da morte, que não da vida — a terra te cubra bem...

* * *

Passaram já muitos anos. De rodagens, depois, só o tempo rodou sobre o tempo. Não mais ajudas nos crimes fáceis de abandono, não mais tácitos consentimentos em exposições sem fim. Separadas ou amigas, a pobreza e a orfandade — podem gritar auxílio que não seja o de família. Mas que distância da era triste da roda

ao mórno aconchêgo da Casa Maternal que hoje substitue o hospício dos abandonados! Na Casa Maternal, uma das várias modalidades de assistência da Misericórdia de Lisboa, admitem-se crianças recém-nascidas, e outras, cujas mães ali entram e criam os filhos durante o tempo necessário. Recebem, além disso, as parturientes, uma reeducação que começa por se aproveitarem as suas aptidões e encarreirá-las, depois, no caminho do trabalho e da honestidade. Os mítdos — poucos são os que entram por abandono — passam aos 2 anos para o Recolhimento Central, secção anexa onde estacionam até à idade escolar. Entretanto, procura-se indagar das possibilidades das respectivas famílias a quem as crianças são entregues no caso do ambiente ser acolhedor.

Se assim não acontece, transitam para outros estabelecimentos de caridade e dão os primeiros passos na estrada séria da vida: instrução, trabalho, responsabilidade. A Casa Maternal e o Recolhimento, alcandorados na Calçada da Glória, possuem amplas camaratas, refeitórios com ar e luz a jôros, óptima assistência médica e pessoal educado para um convívio feliz com os pequenitos pobres, órfãos, ao todo em número que toca os 200.

Umaz vezes por outras, porém, ainda aparece um crime de abandono. Há um mês, alguém foi «depositar» num portal a pequena Otilia que aparece na nossa capa. As coisas agora, porém, passam-se de outra maneira. Há braços carinhosos para receber os inocentinhos — mas há-os também justiceiros que por intermédio da policia procuram saber quem são os pais das crianças. Os desta pequenita estão a ser procurados, porque a roda acabou, o labéu de «pais incógnitos» não será passado inconscientemente pela sociedade e amanhã todos esses pobres filhos da dor terão o direito de bater à porta de quem os gerou para o seu triste destino...

* * *

Termina aqui o pálido contraste entre a miséria do hospício de antanho e a instituição da actualidade. De subida em subida, na escola da perfeição, procuram os homens tornar mais suaves as injustiças de que o Mundo ainda é presa.

Que o melhor seria o Mundo não carecer de tais remédios...

ARTUR ALPEDRINHA

«... Faz-se pois indispensável o dar-se a este respeito aquelas providências que forem oportunas para a conservação da vida de tantos vassallos recém-nascidos, estabelecendo pelo modo mais fácil «rodas» em que eles sejam expostos e criados à custa das comarcas e dos povos que lhe deram o ser.»

Lisboa, 10 de Maio de 1783. — Diogo Inácio de Pina Manique.



Em formatura, porque é dia de festa, vestiram fato novo...

Uma campainha que soa, uma porta que se abre... Lá dentro, há braços carinhosos para receber aqueles que a sorte repudia...

As disposições oficiais para cuidar de meninos abandonados, no nosso país, vem de há muitos anos. Já por volta de 1900 existia em Lisboa, nas Portas de S. Vicente da Mouraria, um hospital com o fim de valer ao que hoje se chama a infância desvalida. Mais tarde, surgiu o Real Hospício de Todos os Santos, cujos serviços e encargos passaram depois para a confraria da Misericórdia de Lisboa a qual, em face do movimento verificado, criou a seguir a Real Casa dos Expostos ou Hospital dos Expostos. A instituição adquiriu tal incremento, por força da quantidade de abandonos nos campos, nas praças, nas igrejas e nos portais, que as autoridades se viram na obrigação



de «remediar» o mal. E, sem mais aquelas, não decretaram mas legalizaram as exposições. Apareceu, assim, a ordem dada por Pina Manique de que acima damos um trecho comovente...

* * *

Chegou, porém, uma altura em que a roda constituiu uma afronta para a sensibilidade dos tempos modernos. Do estado de alma das gentes de oito-



A Casa Maternal é hoje um lar dos pequenitos pobres. Estas são as mães que os acarinham.

O ÁRBITRO IDEAL?

SOMOS, por temperamento e por educação, intransigentemente disciplinados. Apoiamos, portanto, tudo quanto vise a boa ordem desportiva, o prestígio dos dirigentes, a correcção dos praticantes e a autoridade dos indivíduos que têm de julgar os pleitos desportivos. O momento actual é de renovação e consolidação dessa ideia. É inconteste que se respira hoje um ar diferente. A organização do desporto obedece a novos preceitos, a fórmulas novas, que podem ser discutíveis, como todos os critérios, mas que se alicerçam em sãos princípios moralizadores.

Pede-se aos dirigentes que sejam inflexíveis, mas justos, nas suas decisões. Dá-se-lhes força moral, consubstanciada em regulamentos com carácter oficioso e oficial. Aos desportistas militantes aconselha-se serenidade, domínio de nervos, espírito desportivo, correcção. E aos árbitros concede-se-lhes a autoridade necessária para imporem, com decisão, quando para tal haja motivo, a disciplina dentro dos campos de luta. E, afinal, uma admirável cadeia de fusis que só pode regosijar quem vê no desporto a bem proclamada escola de virtudes, força e eticismo.

Há um ponto, contudo, muito importante e cuja solução não é fácil, mesmo a longo prazo, quanto mais de um dia para o outro: o grau de educação, a estrutura moral intrínseca dos indivíduos que se dedicam à tarefa ingrata, e sem proventos, de dirigir quer colectividades, quer competições de desporto. No primeiro caso, vamos que se diga, porque é verdade, existe já uma relativa bem cuidada seleção. Duma maneira geral, os corpos gerentes das agremiações desportivas são escolhidos entre uma camada de «élites»; procuram-se homens conscientes, ponderados, se possível for com um historial já feito. Podem pedir-se-lhes responsabilidades porque as enfrentam sem tergiversar. E, efectivamente, pelo caminho andado para corporizar a ideia moralizadora. Mas o outro meio caminho é mais árduo e espinhoso. Entre os árbitros — que também se chamam juizes — não há ainda um perfeito nível; melhor dizendo: um nível médio de espírito de responsabilidade. Por outras palavras, se preferirem: grau de consciência própria e deficiência de conhecimentos técnicos. Verificam-se, assim, a miude, lapsos sérios que ofuscam a autoridade de que eles se acham investidos. E sem espírito de responsabilidade e consciência própria trazam, a seu belo prazer, obedecendo ao critério pessoal e não ao emanado dos regulamentos, sentenças que não satisfazem a missão que voluntariamente se decidiram a cumprir.

Além da boa visão, da rapidez de reflexos, da calma, conhecimentos de leis e regulamentos, requisitos indispensáveis a quem pretende ser árbitro, mais alguma coisa é fundamental: a cultura, pelo menos média, que lhe permita tolerância, sem ser fraqueza, atitudes energicas que, todavia, o não transformem num senhor omnipotente, e modos categoricos de onde resenda uma autoridade e prestígio que se aceita sem imposição.

Um indivíduo com esta «bagagem», ou com estas qualidades, será o árbitro ideal, servindo excelentemente o pensamento presente, que mais não é que preparar o terreno do futuro.

Há modalidades difíceis de dirigir pelas múltiplas «nuances» de que se revestem. O futebol o «basket», nos desportos de campo, a esgrima e a luta nos desportos de sala ou de ginásio, por exemplo. Temos visto executores irascíveis, por temperamento não discutir, uma vez sequer, a decisão do juiz, porque foi dada com «consciência própria» e sem ar de ir punir uma falta criminosa. Como temos visto o inverso. Desportistas correctos, incapazes de se irritarem, normalmente, perderem por completo a calma, excederem-se, sofrerem conseqüências desagradáveis porque o árbitro foi pusillânime, inconsciente, e «anafragou» técnica e moralmente.

A renovação do quadro dos árbitros terá de fazer-se, mas nunca afastando do ponto de vista o objectivo primário, que nos diz ser o grau de cultura médio, essencial para se exigirem árbitros à altura de não se deixarem arrastar pelas fraquezas — não humanas — mas clubistas!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

DAQUI E DALI

O Sport Algés e Dafundo, segundo um orador afirmou na assembléa geral, recentemente realizada, «continua a ser o primeiro clube português de natação...».

...E que dispõe de tão abundante como excelente matéria-prima, acrescentaremos da nossa laura!

Como exercicio fisico, o «basket-ball» é um desporto admirável. Jogar o «basket» equivale a um descongestionamento muscular — ou a uma massagem.

Como todos os desportos, é regido por leis. Mas enferma, quanto a nós, de leis a mais. Todos os anos se fazem alterações às mesmas, dando-lhe

novas redacções e modificando-lhes o espirito inicial. Quando cessará a «fúria» de legislar?...

O Lisboa Ginásio Clube inaugurará no próximo mês, os melhoramentos introduzidos na sua sede. Quem o não visita há tempo, ficará agradavelmente surpreendido, quando lá entrar. Sem exagéro, está quasi irreconhecivel.

As afirmações de Basílio de Oliveira, publicadas no último número, causaram um certo mal-estar, nalguns sectores do sócio... Por serem verdadeas, claro!...

Há quem sustente «que nem lódas as verdadeas se dizem». Facélias E quem nos garante que Basílio não tenha pensado noutras e não as diga?

Muitas vezes é assim: pensa-se e não se diz...

PEYROTEO

responde a meia dúzia de perguntas



— Está lá? É o Fernando Baptista Peyroteo?

— Eu próprio. Quem fala? É assunto de serviço?...

— Sim. De serviço jornalístico... Fala-lhe a «Vida Mundial Ilustrada»...

— Ah! Perfeitamente. Já sei quem está ao aparelho...

— Tanto melhor... Ora, eu queria saber...

— Diga, meu amigo, diga...

— ...Queriria saber se o Fernando está de acórdio em responder a seis perguntas?...

— Claro que estou... Venha a primeira...

— Porque marca presentemente menos «goals»?...

— Porque o meu jôgo evoluiu tecnicamente. Faço mais futebol, mas concretizo menos. Antigamente os companheiros trabalhavam para mim. As características do grupo assim determinavam. Agora, sou forçado a procurar jôgo e a fazer jogar os colegas. Tudo evolue na vida, meu amigo...

— É verdade. Mas o Peyroteo espera ser ainda, no fim do campeonato, o primeiro marcador?...

— Francamente, não me interessa. O que me interessa, isso sim, é que o Sporting marque tentos, seja eu a obtê-los, seja outro qualquer avançado... Se puder ser construtor e concretizador, tanto melhor, claro...

— Que pensa do grupo actual do Sporting? Não lhe parece que a homogeneidade é inferior à de outras épocas?

— A turma está boa... E a homogeneidade vem com o tempo. Lamento é que tenhamos jogadores magoados e quasi todos da linha média...

— Conta então ganhar o campeonato?

— Estamos bem lançados... Parece que a nossa tarefa está decerto modo simplificada. Porque não havemos de ganhar?...

— Constou que V. pensava retirar-se... Boato, não?

Há um ligeiro estremecimento no fio. Uma pausa, talvez porque o avançado-centro «internacional», mudou o auscultador para outro ouvido...

— Boato, agora. Porque há tempos atrás, pensei nisso. E que jogar a bola estava a tornar-se perigoso... Mantenho-me, pois, e continuarei até ter mais um palmo de barba... Compreende?...

— Tudo, excepto o pormenor da barba... Não tinha reparado nela...

— Nela?

— Sim, na barba...

— Ah! Ah! Quero dizer, até ter mais «calo», mais «tatuagens» e menos paciência... Entendido?

— Entendido. E aí está uma linguagem que deve fazer carreira... Lá vai agora, a última pergunta, porque os períodos custam dinheiro...

— Sou todo ouvidos... — Já é pai?... O quê? V. ri-se?

Tem alguma coisa de extraordinário, ser pai?...

— Não senhor, não sou pai. A vida não vai para «extravagâncias». E a minha, como calcula, é presentemente bastante acidentada. Viagens para aqui e para ali, e vou sempre acompanhado da minha mulher... Compreende?

— Se compreendo!... Quere dizer: a lua de mel continua...

— Felizmente, continua... Deseja mais alguma coisa?

— Não, não, obrigado. Ou por outra, deseje-lhe saúde, dinheiro, e... lua de mel ininterrupta!...

DESPORTO SOBRE A NEVE

Na Suíça, realizou-se o 3.º concurso de corridas de eski. Foi em Einsiedeln e ganhou, na categoria A — equipas de oito homens — o Ski-Club Allalin, de Laas-Fee. Na Suíça, estas competições e, de um modo geral, todos os desportos sobre a neve, atingem um interesse e um entusiasmo que passa fronteiras. Entre nós, porém, os desportos na neve — e o que poderiam fazer da Serra da Estrela — não conseguiram ainda interessar os portugueses. A culpa, naturalmente, é dos desportistas e daqueles que, como empresários, se têm abalçoado a tentar o incremento do desporto sem bases para o fazer...



UMA CATÁSTROFE NA SIBÉRIA

TALVEZ NÃO SAIBA...

EM 30 de Junho de 1908, às 7 horas da manhã, os camponeses duma região desértica notaram a queda duma esfera de fogo, vinda do céu. O pavor foi imenso! Ouviram três a quatro trovões, seguidos dum grande barulho, e viram grandes colunas de fogo lambar o céu. Os trovões foram ouvidos a mais de 1.000 quilómetros de distância. Fizeram parar os comboios em Kansk, a 600 quilómetros do centro da queda. Em Kansk, homens e cavalos caíram por terra. Nos rios a 300 quilómetros da queda, as vagas eram enormes e varreram as margens. A 400 quilómetros, houve sinos que racharam. Em Kojna, a 260 quilómetros, muitos camponeses caíram com síncope, devido ao barulho ensurdecedor. Nessa noite desde o Jénisse ao Mar Negro e até ao Oceano Atlântico notaram-se, a 85 quilómetros de altura, nuvens maravilhosamente prateadas. O tremor, registado pelos sismógrafos, deu várias vezes a volta ao nosso planeta, e verificou-se que a vaga de ar, o sópro, produzido pelo abalo, fizera a volta ao mundo. Nada de semelhante se vira desde que havia homens na terra! Os sábios declararam tratar-se dum meteóro, um amontoado de rochas incandescente devido à velocidade da queda, cuja origem é desconhecida. O da Sibéria caíra a 50 quilómetros por segundo, ou seja a 180.000 quilómetros à hora, e afundara-se pela terra dentro, de tal modo que em 1937 ainda se não sabia ao certo qual o centro da queda, embora se conhecesse a região, pelos muitos milhares de árvores caídas e queimadas!

- 1—Que o aparecimento dos primeiros homens dista de nós entre 10 milhões a 1 milhão de anos;
- 2—Que o aparecimento do vestuário não foi devido a qualquer ideia de «decência» ou «vergonha», mas a variadíssimas causas: clima, protecção de partes fracas, diftarce, crenças mágicas, etc.
- 3—Que a batata só começou a ser consumida na Europa há 200 anos. O seu introdutor neste continente foi o francês Parmentier.
- 4—Que só há 90 anos se começou a usar a anestesia, lutando contra a dor. O primeiro anestésico foi o cloroformo.
- 5—Que a vulcanização da borracha, tornando-a industrialmente aplicável, foi descoberta por acaso, por Goodyear. Ao proceder à mudança do laboratório, escuraçado pela vizinhança, derramou um frasco de enxofre sobre um pedaço de borracha. E assim começou a história maravilhosa da borracha no progresso humano.

NEM SEMPRE A FEBRE É MÁ

QUANDO temos febre, corremos logo a comprar uma, duas, três cafiasspirinas, e franzimos a testa, assustados. A febre é considerada um mau indício. No entanto, pode não significar o resultado de uma doença, mas sim uma tentativa do organismo para vencer a doença. Sabendo-se que, com temperaturas um pouco superiores à do nosso corpo, se podem matar certos micróbios, os médicos procuram utilizar a febre como meio de cura. A ideia é já bastante antiga, mas só modernamente se chegou a resultados práticos. Assim, para combater algumas doenças, inoculam-se nos pacientes os agentes da malária, produzindo, deste modo, febres periódicas. Em certas formas de paralisia considera-se vantajoso provocar nos doentes febres palustres.

PROBLEMAS GRAVES

CASA SAUDÁVEL

O modernismo, só de fachada, de quasi todos os prédios «modernos» desta Lisboa, fez lábuva raze dos ensinamentos da hygiene urbana e habitacional. Renovação do ar, espaço necessário para cada indivíduo, isolamento contra os ruídos, distribuição de luz e de calor, etc., etc., são, ao que parece, questões de pouca monta para os senhores construtores.

Se falarmos, então, das casas populares e baratas, o problema vai de mal a pior. Neste ponto imita-se à perfeição o miserável desconforto das barracas. É claro, a imitação já não tem a imundície do original, mas conserva-lhe a ausência de beleza, a ausência de conforto, a ausência daqueles requisitos que podem ajudar a constituir o ambiente acolheitor de um lar moderno.

O problema da habitação popular, encarado frente a frente, não pode resumir-se a construir casas de rendas acessíveis. Quando a gente das barracas ou das furnas, ou dos miseráveis prédios em ruínas se transplanta para casas «verdadeiras», leva consigo os arraigados hábitos de porcaria contraldos numa existência difícel. Continua a cuspir nos pavimentos, a crescer nas paredes, a talhar nas madeiras; há-de esquecer-se de que tem casa de banho e outros utensílios de hygiene; não saberá utilizar-se racionalmente da luz eléctrica nem dos seus pequenos canteiros; continuará a desordem, esquecidos da existência de lugares próprios para as coisas. Em brevíssimo a casa adquire um aspecto aflitivo. Estupidex do povo? Não! O povo precisa ser ensinado.

Claro está: temos de partir da suposição de que o nível económico dos moradores das modernas casas populares permite manter uma vida civilizada. Mudar de uma barraca ou de uma furna para uma casa de «gentes», devia ser como destruir um passado de inferioridade social e subir mais um furo a caminho de uma vida digna e humana.

A propaganda educativa, o cinema, os cartazes, os folhetos, a palavra, removem montanhas. Ensine-se a ser limpo, a utilizar as banheiras, as escovas, a água, a electricidade, o fogão. Ensine-se a fazer comida saudável, a cuidar dos móveis, da roupa. Ninguém devia poder levar os velhos móveis (?) das espeluncas para as novas casas. Agregada à solução dos problemas da habitação devia existir:

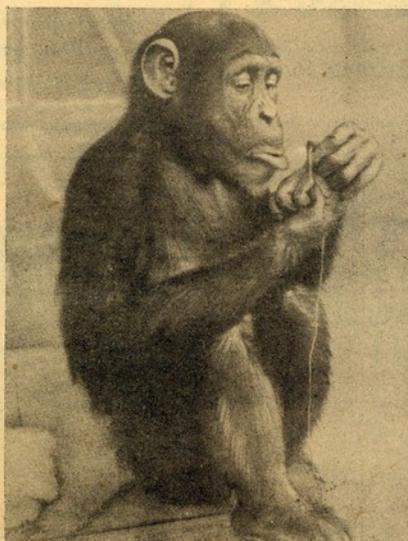
- a) Um organismo encarregado da renovação da utensilagem doméstica;
- b) Um organismo para a renovação do mobiliário;
- c) Um organismo para a reeducação doméstica, familiar e urbana de todos os membros das famílias; hygiene, culinária, estética do lar, urbanismo, etc.

Cada bairro novo devia formar uma unidade de vida, com as suas escolas, a biblioteca, a sala de festas, palestras, o pósto médico, os jardins, o campo de jogos, os transportes rápidos para os locais de trabalho.

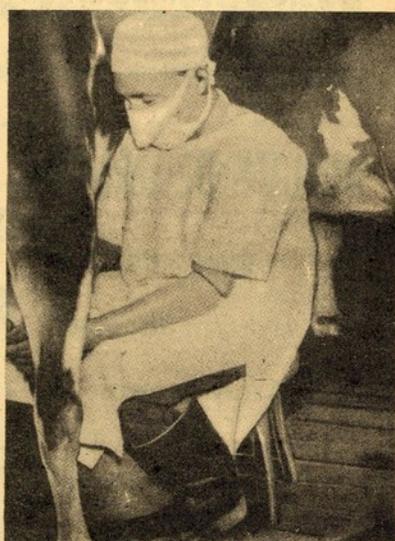
E só assim se chegará a uma solução integral — como integral é a vida humana, dada a intima união e mútua influência das condições físicas e das condições psicológicas dos seres.



Causa arrepios ver como se fazia uma operação no tempo da rainha Isabel de Inglaterra, aí por 1598! O infeliz homem vai ficar sem um pé, e talvez não resista à operação. Calculem: nesse tempo não havia nem anestésicos nem desinfectantes! Tudo a sangue-frio — e com uma terra daquelas... Feliz do doente se perdia os sentidos! E falam contra o progresso...



Aqui está o 'nosso' primo chimpanzé tentando enfiar uma agulha! Reparem no olhar concentrado e no lábio descaído. Pois o nosso parente consegue essa habilidade com êxito idêntico ao duma criança com dois ou três anos — tal é equiparação do seu nível mental. Os jovens chimpanzés cansam-se depressa; só os mais velhos conseguem concentrar-se.



O homem que aqui vemos a ordenhar uma vaca não é um médico! É um simples vaqueiro, recolhendo o leite, com a sua preciosa vitamina A, segundo as mais modernas exigências da hygiene. Hoje, para afastar ainda mais o perigo de contaminar o leite, chega-se ao extremo de ordenhar electricamente.

ADA LUFTMAN

(Continuação da pág. 11)

— Quando eu «trabalho», estou sempre satisfeita...

Nós vamos lançar outra interrogação mas ela não nos deixa falar. Tem ainda uma afirmação a fazer:

— Sobretudo, adoro os cavalos... Sinceramente! A minha grande paixão são os cavalos!

O TIPO DE HOMEM IDEAL

E a entrevista segue, em maior velocidade:

— Qual a artista que gostaria de ser?

Ada Luftman abre os olhos. Bandeia-se um pouco, para cá e para lá, e afirma:

— Ah! Se eu fosse como a Bette Davis... Nada mais desejaria, como artista... Ela não é bonita, mas possui um talento excepcional, enormíssimo...

Inquirimos dos gostos de leitura da nova estrela do cinema português.

— Gosto de todos os livros bem escritos, sentimentais e apaixonantes...

Um dos meus preferidos é «João, Imperador»... Em contra-partida não consegui acabar de ler «Ulle, o anão», da Viki Baum.

Há uma pausa. O interrogatório muda de rumo.

— Quais os seus artistas preferidos nos filmes portugueses?

Ela abana a cabeça, devagar, para não desmanchar o penteado bonito.

— Não gosto de mentir, e agora, teria de mentir para responder à pergunta.

Inesperadamente, atiramos uma pergunta de algibeira, uma pergunta bem indiscreta:

— Na sua opinião, como deve ser o tipo do homem ideal?

Ada Luftman fica espantada. Mas não se atrapalha e esclarece:

— Acho que deve ser um homem alto, forte, quarentão, simpático... e de cabelo ondulado...

Ficamos sem saber porque é que o cabelo ondulado veio com reflexões...

GOSTAVA DE TER UMA LOJA DE PERFUMES

Abre-se uma porta, aparece uma ca-

beça e diz:

— Estamos prontos para filmar!

É a primeira filmagem da tarde.

Olhámos para o relógio e a barriga bate horas: cinco horas!

Então, acabamos o inquérito-entrevista.

— Olga, Ada Luftman, o que faz quando não trabalha?

— Faço «crochets», bordo e, como sei cozinhar, preparo uns pratinhos apetitosos...

Apanhamos a deixa.

— Qual o seu prato favorito?

Ela ri-se, muito, muito.

— Olhe, comi hoje bacalhau com grão...

E, nós, de novo, inesperadamente:

— Acredita no êxito de «O Violino do João»?

— Sim. Absolutamente. É um filme novo, como nunca se fez em Portugal e se tudo sair bem, deve agradar imenso ao público...

Finalmente, surge a pergunta derradeira:

— Se não fosse artista, o que gostaria de ser?

Ada faz uma pequenina e graciosa carícia.

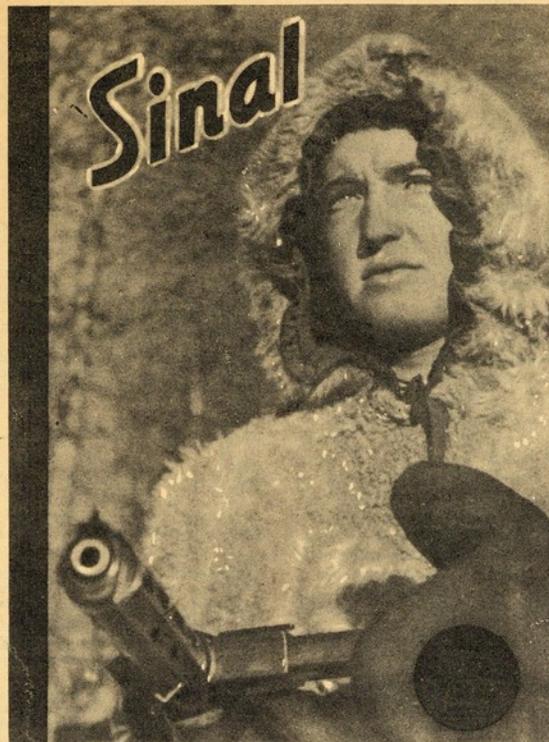
— Gostaria de ser dona duma loja de perfumes!

Despedimo-nos. E ela vai para o circo flingido, onde toda a gente está à espera...

REPÓRTER DOIS



À venda o número 2
desta grande revista da actualidade europeia!



Belas páginas a côres

Lêr neste número, entre outros, os seguintes artigos:

Um êrro de realização importante

O que a Inglaterra perdeu em Lero

Por que combatemos

Encontro no «Louvre»

Este número de «SINAL» é uma perfeita maravilha gráfica!

Preço Esc. 2\$00 o exemplari

PARA O CARNAVAL

HIS MASTER'S VOICE

oferece-vos a maior e mais variada colecção em

DISCOS DE DANÇA

gravados pelas melhores or-

questras de jazz **Inglêsas**

e **Americanas**



FAÇA A SUA ESCOLHA NOS

Est. Valentim de Carvalho

R. NOVA DO ALMADA, 97



A ÁGUA DE

Colônia

QUE SE IMPÕE Á MAIS
FINA APRECIACÃO DAS
SENHORAS ELEGANTES

É UM PRODUTO

Semiramis

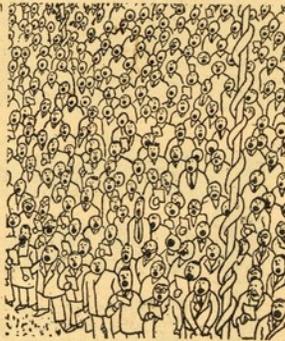


Coisas de fantasmas



— Estou extenuado... Calcule o camarada, com todos estes convidados que chegaram ao castelo, tenho de amedrontar os hóspedes de dezoito quartos, tôdas as noites... E demais para mim!

Coral



— Estou só na planície imensa...

Razão maior...



Ele — Levei vinte anos para concluir que não sei pintar...
Ela — Então, porque não muda de ofício?
Ele — Impossível... Agora, sou um pintor célebre...

Excesso de heroísmo



O pai — Repara bem, meu filho... O herói é o mais gordo. O outro ajuda a carregar as medalhas...

GRACAS HISTÓRICAS

O segredo de Ibsen

QUANDO certa senhora perguntou ao genial dramaturgo qual o significado do seu trabalho intitulado «Peer Gynt», Ibsen, modesto por natureza e feiço, respondeu imediatamente:

— Queira desculpar, minha senhora, mas só Deus e eu sabemos o que aquilo significava. Talvez Deus a possa informar... Eu, infelizmente, esqueci a minha parte...

Os inimigos de Frachetti

Frachetti, célebre musicista, chegou a juntar uma fortuna enorme e, mercê dessa fortuna, viu, muitas vezes, criticada a sua fama de compositor.

Um dia queixou-se a um seu amigo jornalista, dizendo:

— Podes acreditar... Os meus milhões, são os meus maiores inimigos!

Ao que o jornalista retorquiu, fleumáticamente:

— Pois eu trocava, de bom grado, todos os meus amigos por um só desses inimigos...

Uma história de Gabriel d'Annunzio

O famoso poeta italiano pagou uma conta com um cheque, ocasionalmente. Logo um dos seus admiradores comprou esse cheque, afim de guardar um autógrafo original. E o poeta recebeu o aviso de que o cheque não seria descontado...

Nada mais foi necessário, para que Gabriel d'Annunzio assinasse uma grande quantidade de cheques para os vender aos caçadores de autógrafos.

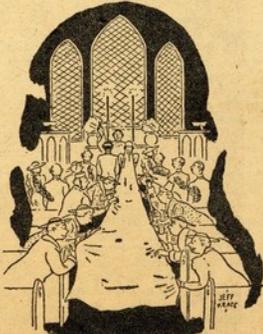
E ele acentuava, sorrindo:
— Venham agora dizer que os poetas não pensam, também, em coisas positivas...

A vaidade de Balzac

Conta-se que sendo anunciado estar Balzac retido no leito, com um violentíssimo ataque de gripe, o Cardeal Richelieu comentou sarcásticamente:

— Foi no que deu a sua vaidade de tirar o chapéu, tôdas vezes que fala em si próprio... Acabou por se engripar!

Bisbilhotice



— O pano é de boa qualidade...

(de «Judge»)

HUMORISMO

FÁBULAS DE HOJE

O VELHO, O NETO E AS DUAS CARTAS

HA quem diga mal, muito mal mesmo, dos tempos de hoje. Sobretudo os velhos acusam os novos, censurando as liberdades que têm e o desvario a que chegaram.

— Não é raro encontrar-se uma mamã a dizer à filhinha:
— Não quero que te dês com essa gente... Calcula: o Jorge entra lá em casa, de noite, e só sai às duas ou às três da manhã... Queres maior vergonha?

Sim, porque de facto os comentários são ainda mais agrestes quando dizem respeito ao capítulo «amors».

Nós conhecemos um senhor que não se cansa de recomendar ao neto:
— Vê lá as raparigas com quem te metes... Tem muita cautela... Se sabem que tens dinheiro, são capazes de te preparar alguma ratoeira... Juízo, meu rapaz!

Um dia, o rapaz apareceu em casa, todo afogueado, dizendo que namorava uma linda rapariga. Alvorçado na família. A mamã pensou imediatamente que a rapariga fôsse da alta sociedade — e a pudesse levar até lá, ao convívio daqueles nomes que ela lia sempre, com sórgo prazer, na «Agenda Elegantes». O pai retorceu os bigodes e fez contas a negócios prósperos e grandes, com o futuro sogro, talvez algum famoso industrial da nossa praça. E, por sua vez, o avô lembrou-se apenas que estava na penúria e que o neto podia salvar a situação com um casamento rico.

Tiraram-se informações, mil informações. Não, a rapariga não servia. Era bonita, sim, mas não possuía fortuna alguma.

E para consolar o neto, o avô afirmava-lhe:
— O que ela queria era o teu dinheiro, acredita... É isto, meu rapaz, não se pode confiar nas mulheres de hoje... Ah se fôsse no meu tempo, se fôsse no meu tempo...

E cala-se, pensativo. O neto ficava a olhá-lo, a pensar nesses tempos passados em que, segundo o avô, o amor era uma coisa sagrada, muito sagrada...

Simplesmente, certa vez, quando o avô morreu, o neto encontrou entre os papéis velhos estas duas cartas:

Querida Adelaide:
Peço-te que me esclareças se ontem respondeste «sim» ou «não» à declaração de amor que te fiz.

Tu apaixonado Simão.

Adorado Simão:
Recebi a tua carta. Mas, perdoa, eu lembro-me de ter dito um «sim» ontem à noite, mas não me recordo a quem o disse.

Sempre tua, Adelaide.

E o neto ficou a saber como era, na verdade, o amor em tempos antigos. As duas cartas pertenciam aos avós...

Três perguntas de algibeira

Pergunta — O que faz um boi deitado ao sol?

Resposta — Para que a notícia se espalhasse, com muito maior rapidez...

Resposta — Faz sombra...

* * *

* * *

Pergunta — Qual a razão porque Cristo, ao ressuscitar, apareceu primeiramente às mulheres?

Pergunta — Qual é o cúmulo do apetite?

Resposta — Comer-se, a si próprio...

Epidemia de gripe no Jardim Zoológico



— Atenção, camaradas, salve-se quem puder... O hipopótamo vai espirrar!...

A primeira gramática cingalesa foi escrita por um português

Essa rajada de atrevimento que sacudiu a índole da raça para a aventura, esse sonho épico em desvendar as mais ígnatas regiões embaladas pela sedução de enfrentar perigos e vencer toda a espécie de obstáculos, levou-nos a paragens longínquas, animados por uma audácia sem limites. Foi com o fervor dessa intrepidez que conseguimos descobrir contingentes. Guiava-nos uma vontade férrea, uma convicção persistente e uma indomável força de confiança na grande empresa que havia de assinalar-se por façanhas extraordinárias, como se nos impelisse o vento heróico dum grande epopeia a transfigurar-nos em semi-deuses do Desconhecido. A história do mundo recorda a todos os povos que foram os portugueses os primeiros europeus a pisar terras virgens da Ásia, da África e da Oceania. Dum polo a outro, desvendamos tudo. Não nos detivemos neste ou naquele ponto minúsculo, perdido na imensidade dos oceanos, ou mais longe não fomos, simplesmente por que não quisemos. Cabe pequena parte a outros povos na missão de descobrimentos. Atrás do nauta empolgado pela miragem da distância, veio o explorador insatisfeito na ânsia de conhecer novos climas, e a este se seguiu o colono na tarefa de povoamento-corolário da obra de pacificação do missionário. Se estes foram os pioneiros das Descobertas, também é certo que os primeiros sábios da Europa a observar as características desses novos mundos foram os portugueses.

Averiguadores eruditos, padres cuja cultura vastíssima se formara no silêncio do estudo, homens de ciência que em longos anos haviam acumulado precioso material para poderem dedicar-se a um árduo trabalho de investigação, encarando serenamente dificuldades, edificaram, pedra por pedra, um monumento de paciência. Se é o português Duarte Coelho, em 1576, o descobridor da Cochinchina, é também o português João Lourenço, em 1790, o primeiro a descrever numa obra de profunda análise e de incalculável valor, a flora da região. Percorreu as trezentas e vinte e seis léguas desse território asiático na península da Indochina, subindo o Mekong, atravessando o Nha-trang e o Kamram, visitando o império an-

mita, os territórios de Laos e Cambodge, demorando-se no Tonquin. Desde o Buen-ho ao Song-Koi, que como raízes monstruosas dum árvore fantástica se prolongam pelas cordilheiras até aos mares da China, é peregrinou na missão de colher elementos para uma obra notável. As mais diversas espécies florestais foram classificadas, colecionadas, anotadas. A tea era desconhecida na Europa, e muito antes de sair Walter Raleigh ter introduzido o tabaco em Inglaterra, já esta planta solanácea viera para Portugal nas coleções do famoso botânico. Não sabemos ou não quisemos explorar as minas de ouro e de prata da Cochinchina, mas foram inapreciáveis os tesouros dos espécimens raros colhidos na sua flora. António de Andrade em 1624 descobre o Tibet, e cento e onze anos depois o padre Gonçalves, sinólogo insigne a quem já se devia o dicionário latino-chinês e chinês-latino, escreve a gramática tibetana. Foram os portugueses António da Mota, Cristóvão Borralho e Diogo Zeimoto, que em 1530 descobriram o Japão. Em 1604 o padre João Rodrigues faz imprimir o glossário português-japão e o padre Manuel Barrêlo o dicionário japonês-português e também a primeira gramática da língua nipônica. A 24 de Dezembro de 1500, Álvares Cabral descobre terras de Cochim e a costa de Malabar, onde depois Duarte Pacheco havia de derrotar as armadas do Samorim. Em 1577 o padre João Gonçalves fabricou os caracteres da língua tamul, a mais culta das línguas dravídicas. Tristão da Cunha em 1506 descobre a ilha do seu nome, e trezentos anos mais tarde o padre Tomás Estevam ocupa-se da gramática e dicionário da língua candra. Em 1515 Afonso de Albuquerque conquista Ormuz, e António Proença encarregou-se de estudar as línguas hindus. É um português que descobre o arquipélago de Formosa — a remota Thai-Man dos pélagos dos Pescadores e a grande ilha chinesa; e é um português, o padre António Pereira, que escreve o dicionário malaio-português. É um navegador português, Fernão de Magalhães, que descobre as quarenta grandes ilhas do arquipélago das Filipinas, e é um eminente poliglota português, António Proença, autor do dicionário familiar, quem escreve a primeira gramática de língua papu!

Todas as ilhas do imenso arquipélago das Molucas foram visitadas primeiro pelos portugueses em 1511; os primeiros que elaboraram o profundo estudo filológico das diversas tribus daquele arquipélago, foram os portugueses Miguel de Almeida e António Saldanha que já haviam trabalhado num dicionário da língua caucásica. Prova convincente de que nos afeiçoámos por temperamento a difíceis trabalhos requerendo esforço exaustivo e robustíssima cultura, temperada por uma paciência beneditina. Portugal teve, e tem, destes investigadores pertinazes embealhados no estudo. Com devoção extrema debruçam-se sobre os obscuros atalhos onde as raízes da linguagem projectam o mistério, por vezes denso, do seu étimo.

Bastantes foram os sábios professores, os homens versados em questões de lingüística, que realizaram, ao cabo de proliadas tentativas, a criação operosa dum dicionário ou duma gramática de língua semi-bárbara, buscando as origens deste vocabulário exótico, o significado e a propriedade desta palavra estranha. Mas muitos são ainda hoje os autodidatas que abordam estes assuntos, sulcando corajosamente esse mar revoltado de problemas, de dúvidas, de interrogações, onde o melhor timoneiro se arrisca a perder tempo e canseiras. O preço de tão árdua e arriscada tarefa é uma obra de real merecimento que não traz glória nem sucesso de livraria; custa aquilo a que mestre Teófilo chamava «uma vida queimada em sessenta anos de candeieiro de petróleo» quando aludia às suas noitadas de investigador. O homem que consegue pôr os nervos e os músculos da expressão dum língua sobre o esqueleto dum dialeto, é um batalhador infatigável dum energia mental sobrehumana.

Um desses obreiros, cuja desconhecidos, chamou-se António Félix Pereira e viveu em Pettah, na cidade negra de Colombo. Convivendo com essa multidão de mestiços descendentes de portugueses, e com as diferentes tribus de malabarés, cafres, mouros e malaios, deixou-nos o até hoje único trabalho sobre a formação e evolução do dialecto persi. Seu avô possuía uma destilação de aguardente de arak em Candy. O neto, nas horas vagas dos seus afazeres de comerciante, deixava o velho basar e entregava-se ao estudo do curioso idioma. Ignora-se se na sua ascendência se conta algum dos primeiros colonos que em Colombo se sucederam aos primeiros marinheiros da descoberta de Ceilão.

O nosso domínio na extensíssima ilha situada à entrada do golfo de Bengala, foi enorme. Os portugueses entraram em Trincomallé, e em todos os territórios banhados pelo Kalaya e pelo Ganga estabeleceram feitorias. Na idade de ouro da expansão portuguesa na Ásia, Portugal recebia de Ceilão o ébano, a pimenta, o côco, algodão, canela, marfim, as pérolas de Condaty... Muito antes de aparecerem os traficantes persas, e das lutas com os holandeses, Portugal tinha ao serviço do comércio das especiarias, jáus, vedas, singaleses e outros tipos raciais da grande população da ilha. Tudo em Ceilão atesta a influência decisiva do nosso génio aventureiro, e através de vestígios impossíveis de apagar-se, mantêm-se, ritualista, tradicional e culto por tudo o que exprime fisionomia lusitana.

Descoberta em 1535 por D. Lourenço de Almada, a ilha de Ceilão tornou-se fertilíssima colmeia de colonos, havendo só na cidade de Colombo, um século depois, novecentas famílias portuguesas! A linguagem, os costumes, os traços portugueses, conservaram-se até os corsários holandeses assaltarem esse nosso domínio em 1656, data da heróica defesa de António de Sousa Coutinho. Camões nos Lusitadas fala-nos da Taprobana, para nos dizer que tínhamos ido além de Ceilão, visto que por aquele nome se designava a ilha das planícies imensas e das montanhas altaneiras. A família Félix Pereira, uma das principais da ilha, deixou ali numerosos descendentes. Um deles, António Félix

Por mares nunca dantes navegados Passaram inda além da Taprobana"...

Pereira, escreveu algumas obras sobre as origens quasi legendárias de Ceilão, a remotíssima Lanka citada nos livros da Índia. Reportando-se a Singhala, um dos primitivos nomes da ilha, compôs o dicionário singalês.

No século passado aparece uma volumosa gramática e estudo comparativo da língua singalesa de Marcos Félix Pereira, um dos mais notáveis trabalhos eruditos de todos os tempos. Família ilustre de poliglotas, dos Félix Pereira descende João Félix Pereira que falava e escrevia correntemente espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, húngaro, romão, grego, latim, russo, hebraico, etc., traduziu centenas de obras, entre elas as *Fábulas de Kriloff*, o *Paraiso Perdido* de Milton e *O Visionário* de Ceiller e é o autor do *Vocabulário vulgar em doze línguas: portuguesa, latina, grega, espanhola, italiana, francesa, inglesa, alemã, holandesa, dinamarquesa, sueca e russa...*

JORGE RAMOS

A HUMANITA-

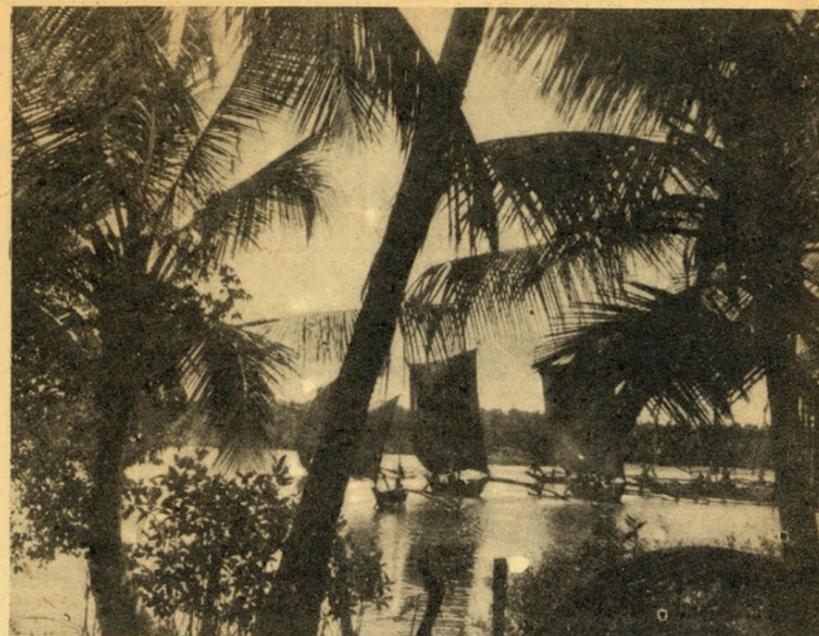
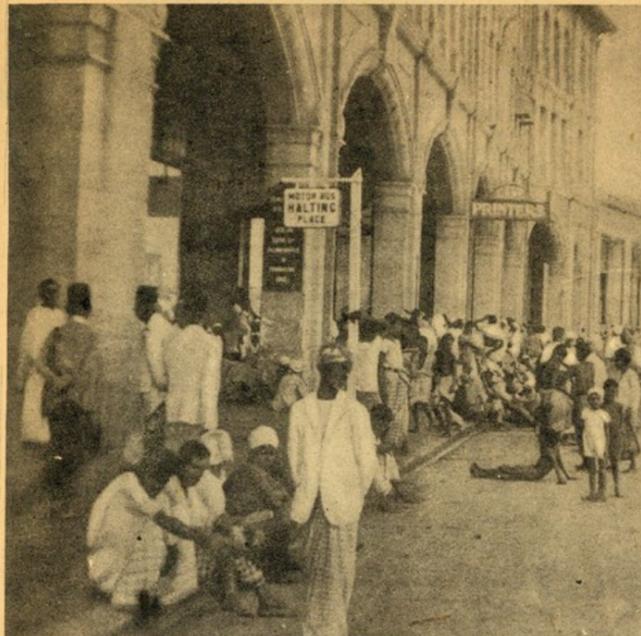
EM linha sinuosa, o velho Tibre atravessa a cidade dos Papas. As suas águas de cor da lama, que tiveram dos poetas clássicos o epíteto de favor de «loiro Tibre» e que em tempos não muito afastados nas enxurradas da invernia alagavam o Campo Marzi e os Prati em cheias memoráveis, correm hoje apertadas entre altos e fortes muralhões. O que o rio perdeu no pitoresco das suas margens ganharam os habitantes em tranqüilidade, com as obras de urbanização do leito. Nem tudo, porém, do velho Tibre desapareceu: ficou, numa das suas curvas, uma antiquíssima ilha, que tem a sua lenda e a sua história, e nela vive uma instituição de benemerência, a que anda ligado o nome de um português. A ilha é a Ilha Tiberina ou de S. Bartolomeu, e o português é S. João de Deus, cuja estátua se ergue imponente no transepto da Basílica de S. Pedro, entre as dos outros fundadores de Ordens Religiosas, sendo assim o único santo da nossa nacionalidade venerado naquele grandioso templo.

Mas vamos por partes: primeiro a ilha — depois o santo e a sua ilha. A volta deste pedaço de terra criou-se uma tradição, que lhe atribua origem curiosa. Quando no séc. V antes de Cristo o povo de Roma expulsou o rei Tarquínio e implantou a forma de governo republicano, não teria querido aproveitar-se de searas de trigo crescido no Campo Marzi, em terreno cedido por aquele rei. As searas foram ceifadas, as espigas colocadas em cestos e tudo lançado ao rio, que a corrente foi levando até que, encontrando um obstáculo, começou a formar a pequena ilha, depois ampliada e tornada estável com obras de consolidação.

A verdade, porém, é ser esta característica ilha devida às aluviões do rio e ter tido já maiores dimensões e margens mais irregulares. Existiu até, entre ela e a margem esquerda do rio, um outro ilheu, mais pequeno, que uma cheia forte fêz desaparecer em 1788.

A ilha Tiberina teve um carácter sagrado desde que, no final do III século antes de Cristo, ali foi levantado um templo a Esculápio. Os romanos haviam sido vítimas duma peste mortifera e em vão tinham invocado os deuses nacionais. A fama de Esculápio deu-lhes esperanças e decidiram-se a mandar uma embaixada à cidade grega de Espiduro, onde existia um dos mais freqüentados templos do famoso deus. Aos embaixadores deram uma serpente, na qual encarnaram a alma de Esculápio, e o animal foi respeitosamente trazido num barco, que lentamente subiu o Tibre. Ao chegar defronte da ilha, a serpente abandonou a embarcação e refugiou-se, donde se concluiu que Esculápio preferia aquele lugar para sede do seu culto. Mas a realidade deve ter sido outra: o culto de Esculápio, por se tratar de um deus estrangeiro, não podia ser exercido dentro do recinto sagrado da *Urbs* e a ilha estava já fora dessa zona. O que é certo, porém, é que o culto daquele deus e doutros ali se estabeleceu e a ilha, tornada sacra, foi revestida por uma muralha em forma de navio, da qual ainda existem restos. A completar a forma de barco existiu, pelo menos até ao século XVI, um pequeno obelisco, que fazia recordar o mastro.

Duas pequenas pontes ligam, desde velha data, esta ilha com a cidade, dando assim fácil passagem duma para a outra margem, donde ter tido grande importância na antiga Roma. Era o ponto obrigatório de cruzamento das estradas, que, ligavam a territórios situados ao norte e ao sul do Tibre. Pois é nesta ilha que existe de há



RIA OBRA DE UM PORTUGUÊS NUMA ILHA DO TIBRE

do rio e ter tido já maiores dimensões e margens mais irregulares. Existiu até, entre ela e a margem esquerda do rio, um outro ilheu, mais pequeno, que uma cheia forte fêz desaparecer em 1788.

A ilha Tiberina teve um carácter sagrado desde que, no final do III século antes de Cristo, ali foi levantado um templo a Esculápio. Os romanos haviam sido vítimas duma peste mortifera e em vão tinham invocado os deuses nacionais. A fama de Esculápio deu-lhes esperanças e decidiram-se a mandar uma embaixada à cidade grega de Espiduro, onde existia um dos mais freqüentados templos do famoso deus. Aos embaixadores deram uma serpente, na qual encarnaram a alma de Esculápio, e o animal foi respeitosamente trazido num barco, que lentamente subiu o Tibre. Ao chegar defronte da ilha, a serpente abandonou a embarcação e refugiou-se, donde se concluiu que Esculápio preferia aquele lugar para sede do seu culto. Mas a realidade deve ter sido outra: o culto de Esculápio, por se tratar de um deus estrangeiro, não podia ser exercido dentro do recinto sagrado da *Urbs* e a ilha estava já fora dessa zona. O que é certo, porém, é que o culto daquele deus e doutros ali se estabeleceu e a ilha, tornada sacra, foi revestida por uma muralha em forma de navio, da qual ainda existem restos. A completar a forma de barco existiu, pelo menos até ao século XVI, um pequeno obelisco, que fazia recordar o mastro.

Duas pequenas pontes ligam, desde velha data, esta ilha com a cidade, dando assim fácil passagem duma para a outra margem, donde ter tido grande importância na antiga Roma. Era o ponto obrigatório de cruzamento das estradas, que, ligavam a territórios situados ao norte e ao sul do Tibre. Pois é nesta ilha que existe de há

muito o Hospital de S. João de Deus, bem conhecido em Roma pelas suas benemerências. O povo da cidade chama-lhe o hospital dos frades *Fate-Bene-Fratelli* (Fazei bem, irmãos), frase que sintetiza o espírito altamente caritativo daquele santo português.

Nasceu S. João de Deus em Montemor-o-Novo em 8 de Março de 1495 e faleceu em 8 de Março de 1550. De Portugal partiu para Bologna, onde estudou. Mais tarde, ensinou direito canónico naquela cidade italiana.

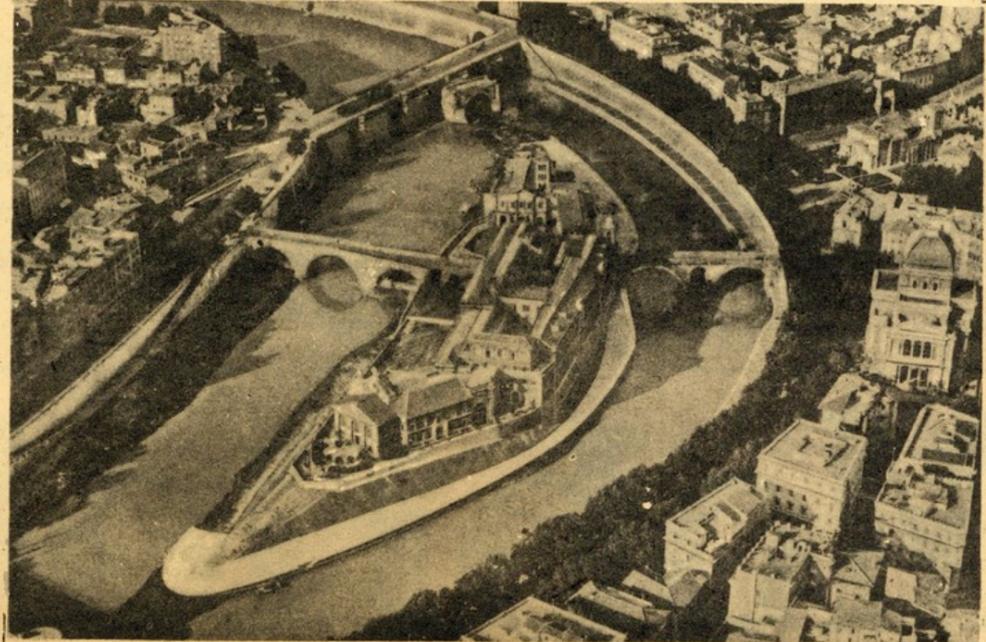
A sua vida um tanto acidentada terminou por uma obra grande em favor da humanidade sofredora. Em Granada, conseguiu construir, em 1540, um hospital onde, com alguns amigos, socorria os doentes e reverendo Augusto Carreto.

Todos os anos ali se realiza a festa do nosso Santo, com grande afluência de devotos do vizinho bairro popular de Transtevere.

Mundo 148 conventos-hospitais de S. João de Deus. Ao criar o Hospital da Ilha Tiberina, S. João de Deus soube manter a tradição portuguesa. Neste hospício trabalharam sempre alguns frades portugueses e presentemente ocupa altas funções directivas um sacerdote português, o reverendo Augusto Carreto.

Em 1942, existiam em todo o

S. GOMES BRANCO



Consumo mínimo



O Mobiloil, o óleo que mais procura tem, é aquele que cada carro menos consome, em virtude do tempo que ele se mantém inalterável no carter.

Mas esta estabilidade que o faz durar tanto, garante também ao Mobiloil a consistência necessária para assegurar uma perfeita vedação dos êm-

bolos, proporcionando um melhor aproveitamento de força — ponto de capital importância quando a gasolina escasseia.

Mobiloil, que se impõe sempre pela sua qualidade, é hoje mais precioso do que nunca, em virtude da economia que o seu emprêgo proporciona.

GARGOYLE

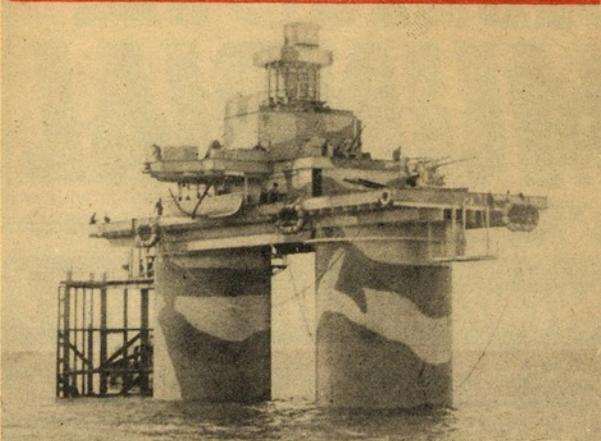


1968

Mobiloil

SOCONY—VACUUM OIL COMPANY, INC.

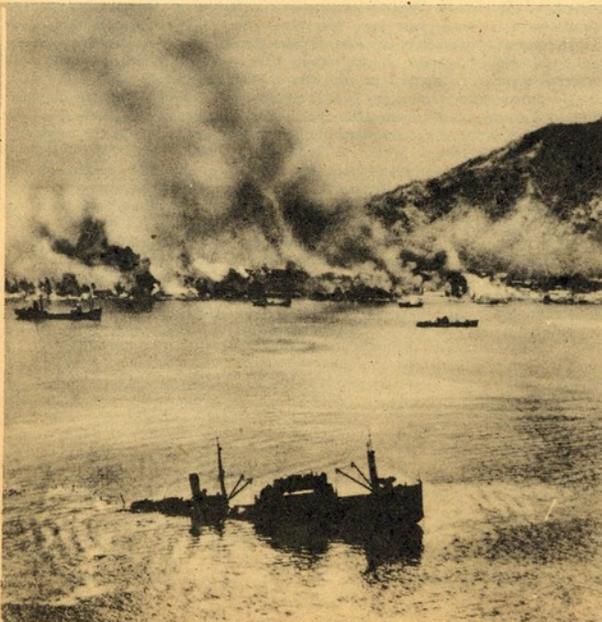
NOTAS DE GUERRA



Estas «fortalezas flutuantes» foram erguidas em tórno da costa britânica para proteger a navegação aliada que tem de passar através de águas perigosas, erizadas de minas.

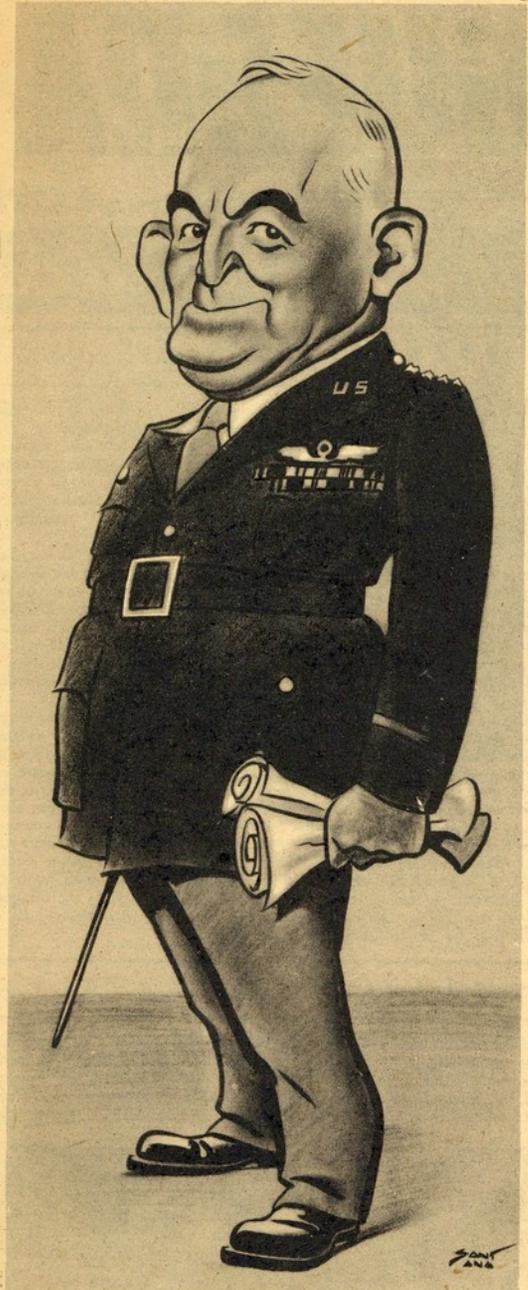


No dia de Natal o sr. Churchill, para festejar as suas melhoras, reuniu-se, no Norte de África, com alguns dos mais destacados chefes militares aliados, entre os quais se vêem os generais Eisenhower, Alexander, Tedder e Maitland Wilson.



O pórtio de Rabaul, que continua a ser a principal base nipónica na Nova Bretanha, é continuamente submetido a violentos «raids» da aviação aliada que produz entre a navegação japonesa as maiores devastações.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GENERAL ARNOLD

O general Henry H. Arnold, comandante das forças aéreas dos Estados Unidos, é uma das mais notáveis figuras da actualidade. A sua acção não só se faz sentir no próprio território nacional, como também por esse mundo fora, em toda a parte onde as forças americanas estão a bater-se. Ao lado dos ingleses, foi Arnold quem traçou os planos de grandes ataques no Pacífico e sobre o território europeu.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

A BATALHA DE SMOLENSCO

O comunicado alemão de 18 de Julho de 1941 assinalava que se iniciava na frente leste uma «batalha gigantesca, na qual participavam, dum e doutro lado, nove milhões de combatentes». Esta revelação servia para confirmar a impressão de que a batalha das fronteiras, longe de ter decidido como as primeiras notícias pretendiam fazer acreditar, do conjunto da campanha germano-russa, se resumira a um simples prólogo estratégico. A batalha gigantesca de que o comunicado alemão dava conta era, de facto, o primeiro encontro real entre o grosso das forças alemãs e das forças russas.

Ao mesmo tempo que se iniciava a batalha de Smolensco, as notícias de origem alemã acentuavam que as concentrações do adversário, no sul, em vez de se fazerem, como seria de esperar, ao longo do curso do Dnieper, estavam sendo feitas bastante para além desse curso. O crítico militar do «Voelkisher Beobachter» escrevia, em 16 de Julho: «Agora que as nossas tropas atingiram o curso do Dnieper, é evidente que os bolchevistas estão construindo uma formidável defesa para além deste rio, concentrando, para esse efeito, numerosas divisões. Por detrás da linha Estaline também se verificam movimentos de centenas de milhares de homens que se preparam para tomar posições.»

Dum e doutro lado havia, portanto, a convicção de que seriam os acontecimentos do sector central da frente leste, aquele que englobava a cidade de Moscovo, que decidiriam da contenda e era, portanto, para alcançar a vitória nesse sector que ambos os adversários se preparavam. Foi, efectivamente, nesse sector que, no curto prazo de cinco meses, entre Junho e Dezembro de 1941, se desenrolaram três batalhas de que não havia precedentes no decurso da guerra, até essa altura: a batalha de Minsk, a batalha de Smolensco e a batalha de Moscovo, com a qual terminaria a primeira fase da campanha da Rússia para dar lugar a uma luta de novo tipo que absorveria, durante os anos seguintes, a maior parte dos recursos e do potencial humano tanto de alemães como de russos, num duelo como raramente se terá registado na história. Essas três batalhas são certamente, tanto sob o ponto de vista militar como sob o ponto de vista político, das mais significativas que se têm travado em todos os tempos.

A DURAÇÃO DA BATALHA

A batalha de Smolensco, que foi a primeira grande batalha em profundidade travada na Rússia, como a batalha de Minsk fora uma batalha de superfície, prolongou-se durante dois meses e meio, pois tendo-se iniciado em meados de Julho só terminou em fins de Setembro. A linha de frente no sector central corria então ao longo de Vitebsk e de Briansk. Precisamente, o mesmo traçado



Petróleo e gasolina — as duas das grandes molas, para a campanha de Smolensco.

que havia de se verificar no fim da contra-ofensiva russa de 1942, em que os mesmos nomes voltaram a fazer-se ouvir, embora o sentido em que os beligerantes caminhavam não fosse o mesmo: Viazma, Elnya, Dogoborush, etc.

Quando ela terminou, tinham decorrido precisamente cem dias sobre o início da invasão da Rússia, dos quais setenta e cinco, pelo menos, haviam sido consumidos naquela gigantesca operação em que o traçado da frente, no sector central, permanecera imutável, revelando assim que se tratava dum a luta entre dois adversários dum a força combativa sensivelmente idêntica.

Esses dois meses e meio, durante os quais russos e alemães combateram sem tréguas para a conquista dum a vitória que sistematicamente aparecia regateada pela energia da defesa, desempenharam no conjunto da campanha germano-russa um papel idêntico àquela que a batalha do Marne desempenhou na campanha do ocidente, durante a primeira Grande Guerra. Isto quer dizer que foram esses dois meses e meio que retardaram por um período suficientemente longo, o avanço dos atacantes, de forma a transtornar os seus planos iniciais.

A batalha do Marne, em 1914, serviu para que a guerra relâmpago (esta expressão está longe de corresponder a uma realidade que se tenha verificado apenas no conflito actual, pois fez sempre parte dos projectos do Estado Maior do Reich) imaginada pelo general Schlieffen degenerasse numa guerra demorada e de atrito em que os dois beligerantes se desgastaram. O mesmo aconteceu com a batalha de Smolensco, em que o desgaste dos combatentes se traduziu por uma transformação radical do sentido inicial da luta, a qual depois dessa batalha se prolongou no tempo sem trazer a decisão rápida que havia sido planeada pelos dirigentes militares alemães em correspondência com as exigências inelutáveis da sua concepção de guerra.

O SENTIDO E AS CARACTERÍSTICAS DA BATALHA

O Estado Maior alemão confiara justamente a um dos seus chefes mais experimentados o encargo de arrancar rapidamente a decisão no sector central da frente. O marechal Fedor von Bock era conhecido pela sua competência e pela sua decisão. Nenhuma consideração de ordem sentimental orientava os seus actos. Apenas o objectivo a alcançar, quaisquer que fossem os riscos a correr e os sacrifícios a consentir para isso. Nas campanhas da Polónia e da França, o carácter sereno e implacável das suas decisões consagrara-o como um representante típico da escola prussiana. A sua escolha para comandar o principal grupo de exércitos alemães na frente leste não fora o produto do acaso.

O general, depois marechal Fedor von Bock, defrontava o marechal soviético Simão Timochenko. Nenhum deles ignorava a natureza da missão que lhe fora confiada e a extensão das responsabilidades que lhes estavam inerentes. Falando da batalha que acabava de iniciar em Smolensco, a «Frankfurter Zeitung» escrevia, ainda em Julho: «O grupo de exércitos confiado ao comando do general von Bock tem o encargo de alcançar uma decisão no sector central da frente e constitui o mais poderoso agrupamento de forças e de material blindado que ainda até agora se realizou.»

Era efectivamente uma batalha em que iam empenhar-se milhões de homens servidos por um material nunca até então visto. Também os métodos de combate postos em acção pelos dois beligerantes se revestiam de características até então inéditas, as quais deram à batalha um lugar à parte. Nada de semelhante se verificara, até então, nem na batalha da Polónia, nem na batalha da França, nem na campanha dos Balcãs, nem mesmo na batalha das fronteiras. O engenho dos chefes militares apareceu naturalmente aguçado pela necessidade de arrancar uma decisão do lado dos alemães, e de evitar que essa decisão fosse arrancada do lado dos russos. Mas, enquanto na batalha das fronteiras foram os métodos peculiares da estratégia alemã que se impuseram e acabaram por ditar a sorte da batalha, no caso da batalha de Smolensco foi o contrário que aconteceu. Assim se explica que, longe de se ter traduzido por uma decisão do conjunto da campanha, quer dizer pelo aniquilamento das forças russas, a batalha de Smolensco tenha servido fundamentalmente para alterar o carácter inicial da campanha, transformando a guerra relâmpago projectada numa guerra de duração ilimitada.

A ESTABILIZAÇÃO DA FRENTE

Na batalha de Smolensco, as características essenciais da luta foram a estabilização prolongada da frente, a luta conduzida em profundidade, a aplicação em larga escala das armas ofensivas para realizar uma defensiva obstinada e o emprego de grandes massas de infantaria.

Para os dois beligerantes o terreno passara a desempenhar um papel secundário no conjunto dos factores em jogo. Eram os próprios exércitos em luta que interessavam e o seu aniquilamento que se procurava alcançar. Tal como acontecera durante a primeira Grande Guerra com as batalhas de desgaste demoradas e mortíferas, no Somme e na Flandres, os combatentes empenhavam-se na destruição sistemática do adversário e sabiam o valor que para a decisão representava esse método de luta.

E não é certamente dos aspectos menos curiosos e paradoxais que a campanha germano-russa nos tem oferecido, o que resulta da apreciação global da batalha de Smolensco. Perdida a sua linha fortificada (linha Estaline) os russos mostraram-se aptos para deter o ímpeto ofensivo do adversário, demonstrando-se assim praticamente que, ao contrário do que poderia deduzir-se do conjunto das campanhas anteriores (especialmente da França e dos Balcans), não são as defesas naturais nem as linhas fortificadas que servem para deter um exército moderno, mas sim um outro exército na plenitude do seu poder combativo e com o uso de armas idênticas e tão poderosas como aquelas que os atacantes estão preparados para empregar sem terem de considerar as perdas sofridas e o material gasto. As elevações de terreno e os cursos de água dos Balcans não detiveram o ímpeto ofensivo da Wehrmacht, que não pôde igualmente ser detido pela linha Maginot. Esse resultado só foi conseguido quando, na batalha de Smolensco, a máquina militar do Reich defrontou uma outra máquina militar, igualmente poderosa, e utilizando um potencial de armas idêntico ao que fôra posto ao serviço do ataque. Tratava-se, portanto, dum facto novo que, como tal, os historiadores desta guerra precisam de considerar com tôdas as suas conseqüências.

OS OBJECTIVOS DOS ATACANTES

Uma semana depois de iniciada a batalha de Smolensco, o «Voelkisher Beobachter» escrevia: «Os soviéticos estão agora gastando as suas últimas reservas. Perdendo a linha Estaline, perderam as suas fortificações capazes de se revelarem de alguma eficácia na Rússia europeia. Era nessas fortificações que os bolchevistas haviam depositado as suas melhores esperanças. Agora é uma nova e gigantesca batalha de desgaste que está a travar-se, mas já para além da linha Estaline. Continuam a ser cercadas forças substanciais do exército russo. Entre as unidades soviéticas, os sintomas de desmoralização e de decomposição aumentam à medida que a batalha prossegue. Por seu lado o Alto Comando alemão tem uma confiança absoluta nas vastas forças que foram postas à sua disposição e poderá utilizar, em caso de necessidade, largas reservas que ainda não entraram em acção. As operações continuam vitoriosamente, de acordo com os planos estabelecidos pelo nosso Comando que utiliza todos os recursos do exército, da armada e da aviação. Como os outros inimigos do Reich, a Rússia será reduzida à impotência.»

Em 3 Agosto, uma declaração oficial de origem alemã acentuava: «A propaganda britânica tenta dar a impressão de que a batalha que actualmente está em curso na frente leste (batalha de Smolensco) se transforma numa batalha de posição e de desgaste. A verdade, porém, é que o Reich tem o poder e a força necessária para que isso não aconteça e para arrancar rapidamente uma decisão a leste.» Nessa altura era já evidente que a resistência equilibrava o potencial do ataque, e que os defensores estavam utilizando recursos em homens e em material que até aí nunca haviam sido postos em jogo nos empenhamentos em que a Wehrmacht se vira envolvida.

Caracterizando a força ofensiva da Wehrmacht, o general Duval escrevia na altura em que a batalha de Smolensco se desenrolava, sob a impressão compreensível do que havia acontecido em França: «A estratégia alemã domina num plano superior e não há nada que detenha os seus golpes ofensivos.»

UMA OPINIÃO ASSENTE

Era essa, de resto, a opinião assente mesmo nos meios que, como por exemplo acontecia em Inglaterra e nos Estados Unidos, mantinham a sua independência de juízos e a sua saúde moral, desejavam afrontar o poder militar do Reich e encaminhavam nesse sentido toda a sua vida colectiva, não podendo, porém, mostrar-se insensíveis ao espectáculo das sucessivas vitórias da Wehrmacht, à superioridade das suas armas e à capacidade dos seus chefes, traduzida na aplicação de métodos estratégicos e de processos táticos infalíveis até essa altura.

As vitórias alemãs assentavam numa base segura de cálculo de probabilidades. O Comando Alemão, antes de iniciar uma operação de envergadura, calculava metódicamente quantos carros, quantos aviões, quantas divisões de infan-



Para avançar na estepe, disfarçado na paisagem, o espírito inventivo do invasor serviu-se de todos os processos de camuflagem, como aqui, que simula talvez uma palhota.

taria, quantos soldados de engenharia era necessário para realizar o objectivo assinalado às tropas (dominar uma posição fortificada, realizar uma perfuração da frente do adversário ou completar uma manobra de cerco). A fraqueza dos seus adversários consistia, essencialmente, em não poderem fazer um cálculo idêntico ou em não disporem de recursos para o efectivar.

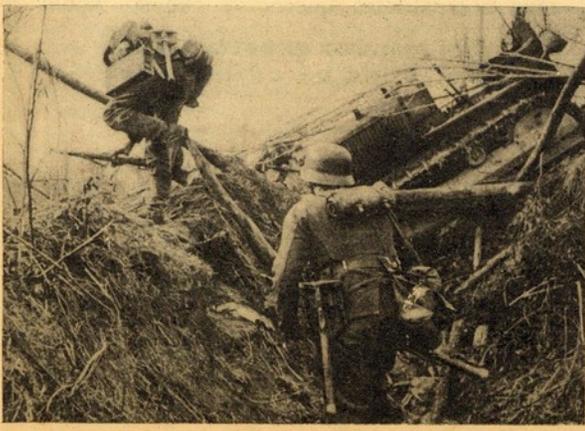
A batalha defensiva de Smolensco foi planeada do lado russo com o mesmo cuidado e com a mesma exuberância de meios que fôra planeado o ataque. O carro pôde assim ser oposto ao carro, o pontoneiro ao pontoneiro, o avião ao avião, a divisão de infantaria à divisão de infantaria. A «blitz» deparava, pela primeira vez, com a «antiblitiz», servida por meios igualmente poderosos e eficazes. A diferença neste aspecto era, portanto, mínima. A diferença fundamental estava nos métodos postos em prática pelos beligerantes para realizarem os objectivos que lhes haviam sido assinalados.

O Comando alemão julgou que, em obediência às lições da experiência, nada tinha a inovar. Por isso continuou a aplicar os mesmos métodos que sempre lhe haviam dado a vitória: emprego, em grande escala, da aviação como arma de acompanhamento dos carros, uso destes para realizar as perfurações da frente inimiga e para conduzir a infantaria sob uma protecção que sempre se revelara invulnerável.

ARMAS OFENSIVAS AO SERVIÇO DUMA TÁTICA DEFENSIVA

Esta concepção, invariavelmente triunfante, teve de ser rectificada com o desenvolvimento da batalha de Smolensco. A tática russa não se limitou a esperar, pelo emprego apropriado das armas anti-carro, as forças de infantaria dos carros que elas seguiam. Realizou uma acção de conjunto que, como resultante final, se opunha aos processos empregados vitoriosamente pela Wehrmacht. Este resultado inédito no decurso da guerra, em que os blindados, na Polónia como em França, nos Balcans como na Noruega, haviam realizado a parte principal da tarefa ofensiva estreitamente apoiados pela aviação de bombardeamento, era conseguido pelo uso de armas ofensivas para realizar uma defensiva sistemática, pela cooperação das várias armas e serviços (nunca até então fôra possível aos adversários do Reich utilizar eficazmente a arma aérea em colaboração com as outras armas e o caso ainda recente de Creta viera demonstrar que como arma de guerra em cooperação com as outras armas, a Luftwaffe ainda não fôra imitada pelos seus adversários), pela organização de zonas escalonadas de defesa em profundidade, pela concentração de fogos em proporções nunca atingidas e pelo emprego de grandes massas de infantaria.

O Estado Maior soviético estudara profundamente as características da acção da Wehrmacht e procurara adaptar a sua máquina militar às novas realidades da



A infantaria alemã foi reposta na sua função, a coberto da aviação e dos exércitos blindados. Era um regresso à estratégia clássica, que a evolução da luta e as condições do terreno aconselhavam.

(Continua na pág. 28)

Telefone:
40961

A primeira casa especiali-
zada do país.

Manolita

APRESENTA:

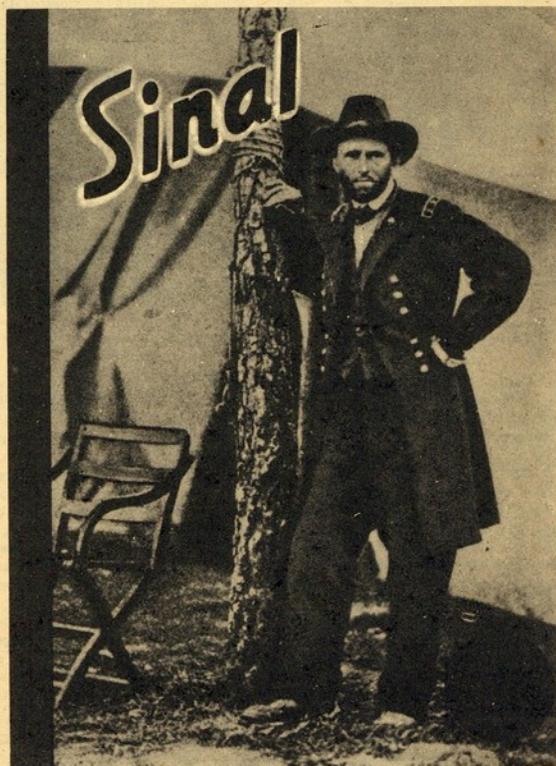
Preciosos modelos e peles para
a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha
exclusivamente em peles, são dirigidos
por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende
a preços acessíveis.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160

Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), Lda, — T. Condições
do Rio, 27 — LISBOA

UM NÚMERO SENSACIONAL!



Dois artigos de sensação neste número de «SINAL»

A carta de Moscovo
A América, "o país das promessas"

Outras crónicas de palpitante actualidade:

O segundo empreendimento - "Irmãos..." - Nos
bastidores da maçonaria italiana - Musas à porfia
- Do ferro até à seda.

Muitas fotografias — Páginas a cores

A' venda os últimos exemplares do número I!
ESC. 2\$00 O EXEMPLAR!

Historia da Guerra

(Continuação da pág. 27)

guerra. Para isso procedera a uma instrução oportuna dos seus quadros e os soldados estavam instruídos para fazer uma guerra de tipo completamente diverso daquele que inicialmente fôra projectado. A capacidade de adaptação do exército soviético foi posta à prova, de maneira decisiva, na batalha de Smolensco. A própria duração da batalha ia, porém, indicando às testemunhas atentas e imparciais que essa adaptação se havia realizado em condições satisfatórias, visto que a progressão dos atacantes fôra detida praticamente desde os primeiros dias da batalha e não era possível deduzir da leitura dos comunicados alemães a certeza de que o ataque se traduzira por uma rotura da frente do adversário, condução indispensável para a realização da guerra de movimento tanto do agrado, por corresponder às suas reais necessidades, do Alto Comando alemão.

O EMPREGO DA INFANTARIA

Este novo método de guerra criava, para a Wehrmacht, um problema que não era apenas de ordem militar porque era, sobretudo, de ordem política e psicológica. Pela primeira vez o Alto Comando alemão era obrigado a substituir a guerra de especializados, que fizera nas campanhas anteriores, por um novo tipo de guerra em que tinha de empenhar grandes massas de infantaria, com o correspondente sacrifício de vidas. A guerra mecanizada regressava à tradição da guerra em que a máquina era de novo substituída pelo homem. Esta eventualidade criava um condicionalismo inesperado para os dirigentes do Reich.

Na batalha das fronteiras, o número mais elevado de baixas estivera do lado russo. Mas em 3 de Agosto, com a batalha de Smolensco no auge, os comunicados alemães assinalavam a necessidade de empenhar grandes massas de infantaria e de as substituir à medida que as exigências da batalha aumentavam. Este pormenor bastava para caracterizar a diferença entre os novos métodos de guerra, postos em uso durante a campanha germano-russa, e tudo o que anteriormente se havia passado no domínio das realizações militares.

Dois dias antes, um dos mais competentes críticos militares alemães, o general von Westshofen, escrevia: «O Alto Comando soviético está conduzindo fortes contra-ataques e empregando novas divisões de infantaria e grandes quantidades de material rapidamente trazido da retaguarda. Estes contra-ataques empenham completamente as nossas próprias forças. São dias difíceis aqueles que o soldado alemão tem de atravessar na frente leste.»

Esta versão, que se ajustava exactamente ao decurso dos acontecimentos naquele teatro de operações, não era inteiramente partilhada por tódas as autoridades alemãs. Muitas destas davam da batalha de Smolensco uma versão claramente optimista. Mais uma vez se verificava que o tom empregado pelas autoridades militares responsáveis e pelos instrumentos de propaganda não era o mesmo. Essa diferença constitui, a distância, o fenómeno que melhor serve para caracterizar o verdadeiro sentido da batalha.

(Continua)

UMA AUTENTICA OBRA-PRIMA

ACABA DE SAIR:

A SOLTEIRA
(JENNY GERHARDT)

por Theodore Dreiser

O grande escritor americano para quem os
seus compatriotas querem o Prémio Nobel

**Um romance que está acima
de todos os adjectivos**

A SOLTEIRA

é um novo volume da colecção «As maiores
obras do nosso tempo», selecção de obras-primas

UM LIVRO INESQUECÍVEL

À venda em tódas as livrarias do País

Um grosso volume 15\$00

Pedidos á EDITORIAL SÉCULO

Rua do Século, 63

LISBOA

EMÍDIO NAVARRO



EMÍDIO NAVARRO

NO mesmo ano, com espaço de poucos meses, a Parca arrebatava o outro oráculo máximo da imprensa: Emídio Navarro. O seu grande diário, «Novidades», vibrou, anos e anos, em pleno Chiado, num rompante de audácia e de hercúlea vontade só compreensíveis, ainda naquela época, ao contemplarmos o rosto cheio, expansivo, nobre, infatigável, desse beirão.

Ele nascera em Abril de 1844 — no dia 19, em Viseu. Esse formosíssimo espírito, de ascendência espanhola, estudou, primeiro, matemática e filosofia, afim de seguir, posteriormente, o Curso de Medicina. As perturbações académicas que houve durante os seus estudos obrigaram-no a perder um ano. Teve, então, de optar pela formatura em Direito. Não exerceu, porém, de facto, a advocacia, a não ser como parlamentar de poderosas e universais faculdades. O jornalismo, montante másculo da política desse tempo, atraíu-o e absorveu-o ao extremo de se converter em ocupação única.

Ainda pretendendo exercer a advocacia em Bragança; depressa encerrou o seu escritório e, deslumbrado por Lisboa, aqui ficou e aqui vai celebrar-se o centenário da sua vinda à luz: o dia 19 de Abril de 1944 deveria conglobar quantos escrevem em jornais, adoptando-o como patrono e inexcédvel mestre.

Até às vésperas da sua morte, Emídio Navarro nas suas «Novidades», manteve, sob permanente tensão e estudada emoção o público alfacinha. Converto, pela primeira vez, o diário em instituição indispensável ao convívio das inteligências, à democracia construtiva das realidades e à ânsia permanente, indomável, da humanidade pujantíssima que encerra toda a obra de Emídio Navarro.

Ele foi o fundador das nossas escolas industriais e técnicas, devendo-se-lhe, quando ministro das Obras Públicas, tudo quanto elas representam, na actualidade deste presente instante, de aperfeiçoamento do operariado e de auxílio construtivo às classes desprotegidas e laboriosas.

Os primeiros institutos de crédito agrícola, os ensaios de organização e lançamento do ensino para o campo e para a terra, devem-se a Emídio Navarro. Se mais não fez, ou se algumas das realizações pedagógicas que lhes devemos se demoraram — forçosamente atribuí-lo à carência dos meios orçamentais.

Quando Emídio Navarro morreu, nesse Buçaco que tanto amava, em pleno Agosto de 1905 — todos senti-

ram a falta imensa do seu talento e do seu carácter.

O «Occidente», sintetizava assim a grande figura inanimada: — «Jornalista e homem de Estado, no jornalismo foi literato e no Estado foi estadista. Nem de todos se pode dizer o mesmo. Emídio Navarro foi completo em uma e em outra coisa. Na imprensa foi o oráculo, que todos queriam ouvir para formar seu juízo; no governo, deixou sua passagem assinalada por leis que os seus sucessores respeitaram e que, de proveito indiscutível têm sido para o país. Bastará lembrar o estabelecimento das Escolas Industriais, cujos resultados se têm traduzido no desenvolvimento e melhor orientação do trabalho nacional. Beirão, de Viseu, por seu pai, André Navarro natural de Alicante, girava-lhe nas veias o fogo do sangue do Meio-Dia espanhol; mas por sua mãe, natural de Guimarães, partilhava do sangue português. Difícil lhe foi a mocidade. Ganhou-a escrevendo «esbeltas» para os outros estudantes. Portugal não é tão rico que possa dispensar uma figura monumental como foi a de Emídio Navarro.»



MARIANO DE CARVALHO

NO seu n.º 57, correspondente ao ano de 1906, o «Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1907», publicava, conforme consta do seu frontispício, muita matéria de utilidade pública e os retratos e esboço biográfico dos falecidos jornalistas Emídio Navarro e Mariano de Carvalho.

Coordenava aquela publicação anual, com notável êxito nos dois mundos, o bacharel formado em direito Adriano Xavier Cordeiro. De estilo romântico e severo, com florida entonação e sério propósito nos descreve os abrochos e entumescida vida do mestre de jornalistas que fora Mariano:

«Lágrimas de sangue deveria ter chorado esse homem quando a Imprensa, a plebe e a crítica geral, reconhecendo e afirmando o luminoso brilho da sua inteligência, ao mesmo tempo difundiam aos ventos implacáveis da publicidade que esse talento e a obra por ele fecundada tinham versado só em sua própria utilidade, usados no defraudamento da fazenda pública, em proveito da própria van-tagem pessoal!»

VIDAS PARALELAS

Dois meses decorridos, caía prostrado Mariano de Carvalho. Ele e Emídio Navarro, já escrevemos aqui, constituiram os dois grandes valores simbólicos da sua época.

Como os varões de Plutarco, as suas vidas decorreram paralelas, físicas e espiritualmente. Separados em vida, uniram-se para combater honradamente os excessos e depravações do seu tempo. Abraçaram-se, um dia, ante as Câmaras, atônitas, ao verem Mariano descer os degraus da bancada ministerial para responder aos que insinuavam como simples deputados. E, na morte, só os separou, sessenta dias decorridos sobre a de Emídio Navarro, o espaço de vinte e quatro horas.

A elegante pena que, em memorável artigo de «A Palavra», analisou estas vidas, assim fazia o paralelo de uma e de outra:

— «Mariano de Carvalho comparilhava com Emídio Navarro, há pouco falecido, as primazias do jornalismo contemporâneo. Eram, um e outro, duma geração já extinta; e se Navarro possuía a elegância da frase e o dom de interessar o público no mais alto grau,

Mariano de Carvalho era melhor polemista, mais hábil adversário e conhecia todos os segredos da esgrima de imprensa, todos os botes secretos que inutilizam o contendor. Navarro descarregava com rudeza os pesados golpes do seu montante; Mariano de Carvalho esmagava com a sua graça ligeira, a simplicidade encantadora dos seus «suetos», que abatiam os adversários pelo ridículo. Eram dois grandes jornalistas, entre a morte dos quais medeou pequena distância. Na sua especialidade não tinham rivais. É difícil um confronto entre ambos; e, se houve um espectáculo brilhante na nossa imprensa, foi aquele que os dois grandes jornalistas deram combatendo-se mutuamente. Ambos se equivaliam. Desaparecidos um e outro, a imprensa portuguesa fica sem os seus pontífices e os seus mestres.»

Quasi quarenta anos decorridos, a verdade irradiante dos períodos de que nos valemos permanece inalterada como as gemas de milenária formação nas grandes cidades geológicas da Terra.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Mariano de Carvalho

Existe uma página de Bordalo, o inimitável artista, no «Album das Glórias», onde o grande estadista está desenhado de pé, perna traçada numa atitude de indolente descuido, fitando com ar prazenteiro a fumaça que se evola de uma cigarrilha barata.

Possue o valor de uma definição psicológica. Mas, se o corpo afrontava as piores tempestades, a sua alma fanou-se e envelheceu sob a influência tórpida, corrosiva, do ambiente de falsos preconceitos dessa época já distancada de nós por tantos e tantos anos. Quasi quarenta anos!

Quando, na manhã de 20 de Outubro de 1905, correu por todo o país, rapidamente, a notícia da morte de Mariano de Carvalho, em cada peito se levantou uma exclamação espontânea, a traduzir o sentimento forte de que Portugal sofrera uma grande perda.

Nem só os diários affectos a Mariano e os independentes se associaram à obra de póstuma justiça: a própria Imprensa adversa, incluindo, até, a de opposição ao vigente regime liberal, julgou o estadista, o catedrático, o escritor, o jornalista, o matemático, o astrónomo, o orador, o parlamentar — com notável imparcialidade.

Na «Palavra», do Pôrto, por exemplo, diário católico de rara envergadura, e onde as mais selectas penas haviam illustrado sob a direcção do visconde de Samodães e, posteriormente, de Pinheiro Tórres, notabilíssimos folhetins de crítica literária, histórica e genealógica, surgiu um desassombroso artigo:

— «...se alguma coisa de surpreendente houve na tragédia, foi a firmeza estoica desse velho de setenta anos,

que subiu no seu país à mais alta situação política, que era reputado um jornalista insigne e que se despediu da vida — com um sorriso de triste ironia nos lábios.

Há muitos anos que ele não saía de casa. Zombava da morte, que sabia espertá-lo de perto. Apenas se ausentava, oito dias por ano, a fim de ir fazer a sua cura de águas a Entre-os-Rios. A doença, porém, que dissolve os músculos mais pujantes, não teve poder sob a sua vontade de aço. Mal podendo respirar, envolto em males e cobertores contra o frio, precisando de descansar de dez em dez minutos, Mariano, quatro ou cinco dias antes da sua morte, ainda escrevia três e quatro colunas diárias no «Popular». Os que conhecem o ofício de escrever para o público, e sabem o que nêde há de exaustivo para os organismos sãos, mediam bem este extraordinário etour de forces.

Mariano de Carvalho trabalhou quarenta anos consecutivos, sem interrupção de um só dia, no «Diário Popular». Os médicos puderam proibi-lo de sair de casa; mas não conseguiram evitar que deixasse de trabalhar. Aquêle prédio antiquado e triste, onde a redacção esteve sempre instalada, conserva ainda o eco do bulício das noites da «Bezeiga» a instituição que se tornou conhecida no mundo político de Lisboa.

Constituído por homens notáveis, ali se reuniam em volta de Mariano. Os seus ditos e anedotas fizeram épocas. Os seus ecos derrubavam governos. As suas lições, quer em matemática quer em oratória, perduraram na Politécnica e em S. Bento. Miuda a sua calligrafia, viçosa o seu talento. Assim viveu e honrou a Imprensa.

A ÚLTIMA VISITA

Novela de GABRIELA CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Desenho de RUDY

ERA muito velha aquela mulher! Tinha a pele seca e encarquilhada; unida aos ossos. Riscavam-lhe o corpo veias violáceas que se emmaranhavam em reviravoltas nalguns sítios. As gengivas, desdentadas, sorriam os lábios mirrados. Pálpebras moles, ao cair sobre as íris, tapavam metade dos pequenos e turvos discos.

Usava os últimos cabelos enroscados no cocuruto da cabeça. O carrapito, famélico e desbotado, fazia rir os catraios. Mas ela não se zangava. Gostava daquela camada de fedelhos ranhosos; de ve-lo pulular, em grupinhos, pelas ruelas onduladas da aldeia.

Naquela noite, sentou-se ao portão. Tomando o fresco, deixou que os olhos varressem o espaço. Pançada gaiatita chafurdava, ao luar, no lameiro que uma bilha fizera ao quebrar-se. Isto recordou-lhe a filha.

A filha! Já não a via havia muitos anos. Tantos, tantos que... — ainda teria filha?! Que tristeza. Não sabia!

Lembrou-se dos cuidados com que a criara; do que lhe tinha custado o encher daquela barbiguita. Deixara vadiar bastante a cachopa, lá isso era verdade. Mas não viera daí o mal. Não. A culpa fôra daquelas duas moças — estafermos! — que tinham metido minhocas na cabeça da filha.

Ah! No dia em que ela lhe abalou para Lisboa quis esgana-las. Afinal, não o fez. Por quê? Sabia-o, acaso?! Talvez a impedisse a mesma indecisão que antes a não deixara atirar à linha do combóio, quando o marido morreu.

Passou muito tempo sem novas da rapariga. Viveu raladinha, raladinha.

Mas... amanheceu um dia em que o ceu era uma placa de chumbo moldada sobre a aldeia. O chão, ao ser pisado, borrifava água. Chovera muito durante a noite. A velha tinha-se levantado e já lidava havia um rôr de horas no quartec escuro quando...

Truz... truz... — gemeu a porta ao baterem-lhe.

Abriu-a. Uma figurita minúscula disse que o mercieiro tinha uma carta de Lisboa, para ela.

Ai! Cristo Santo, que alegria!

A mulher correu desgrenhada, enfiando os pés na lama, e chegou esbaforida à loja negra.

O mercieiro, homem tam seco que lhe lembrava um bacalhau, jogava o dominó com um velho rechunchado. Ele explicou-lhe ao que ia e espevitou os ouvidos. Não sabia ler, por isso enquanto ouvia a voz pastosa, não reparou no toucinho rançoso, nem nos chouriços bolorentos. Ouvia, apenas ouvia...

...Que a filha estava boa... empregara-se na casa duma senhora... gostava da cidade...

...E no verão ia vê-la.

O calor trouxe-lhe a filha. A mãe viu-a no meio de nuvem pardacenta que envolvia o combóio. Teve uma sensação estranha; quasi não a conheceu. Vinha diferente, muito diferente.

Mudava-a o cabelo cortado por cima das orelhas, todo às ondinhas. Mudava-a aquela saia de fazenda castanha e o reles casabeque de malha que lhe apertava o corpo. E as meias de sêda espessa e brilhante! E os sapatos de vernis, abrindo bocas, com saltos cambados!

A velha não gostou. Guardava dela uma ima-

gem diferente, tôsca mas... melhor. saias folgadas; cabelo liso, entrançado, uma travessa castanha, avivada de encarnado, espetada na trunfa ao lado de cada sobranceira...

A moça trazia um cabaz de palhas vermelhas e pretas, com açúcar, café, massa, arroz...

Durante quinze dias, viveu com a mãe. Sempre a falar-lhe da cidade distante: Lisboa era enorme; cheia de ruas polidas, ladeadas por prédios. Prédios eram um monte de casas, postas umas em cima das outras.

Havia cinemas, quartos muito grandes que tinham na parede do fundo uma placa branca onde, ao apagarem-se as luzes, se moviam fotografias. Corriam pela cidade caixas amarelas e compridas que andavam com as rodas metidas em sulcos brilhantes. Os automóveis zig-zagueavam velozes, sempre velozes. Os polícias sinaleiros eram uns homens bonitos, muito bonitos, dentro das fatiotas azuis, de luvas e chapéus brancos, alvejando ao sol. Quietos e direitos no mesmo sítio só mexiam os braços. As senhoras vestiam de uma maneira rara: Usavam rodilhas, brilhantes na cabeça e os sapatos pregados sobre bocados de cortiça, sobre botes — tanto se pareciam com os que ela, em miuda, construía para depois fazer navegar na ribeira da sua aldeia...

Contam coisas, muitas coisas. E uma manhã foi-se embora.

No ano seguinte, voltou. A mulher foi esperá-la. Lá vinha ela!

Trazia pendurado na mão direita um cabaz feito de palhinhas vermelhas e pretas e no braço esquerdo... no braço esquerdo segurava um miudo.

A mãe pasmou, engasgou-se, esbugalhou os olhos; quis falar mas a voz sumia-se-lhe nas guelas secas.

Também desta vez teve arroz, café, massa e açúcar. Já em casa, ouviu contar uma história triste e falar em coisas desconhecidas. Depois, os dias que a deixavam amarfanhada, começaram a voar. A filha partiu outra vez e ela ficou com o neto.

Coitado! O miudo lembrava uma rã estendendo as patinhas. Não vingou. Fêz-lhe falta a mãe. E a velha voltou outra vez à mercearia sebenta, onde o homem ressequido lhe gatafunhou um postal para Lisboa.

Depois nunca mais teve notícias da filha.

Agora, essa velha, muito muito velha, vivia de couves e azeite e gostava de ver os catraios da aldeia. Lembravam-lhe uma filha que tivera — teria ainda?

Já era tarde. Os casebres não luziam e ela teve um arrepio de frio.

Foi-se deitar.

A cama de ferro preto estava sarapintada de pequenos bocados de esmatle amarelo.

Nada clareava, mas apesar da escuridão, a velhota não conseguia dormir. Voltou-se; chiou a enxérga, rangeram os ferros e os ossos velhos também. O peito espalmou-se-lhe num suspiro.

Correram segundos, passaram minutos...
...E ela sem dormir.

O coração batia, batia; tanto que quasi lhe chegava à garganta. Batia... batia... batia...
Ó! Ó! Tapava-lhe a garganta.

Uma idéia rápida atravessou a mioleira noventona. Se fôsse morrer... se fôsse morrer...
Nunca mais veria a filha, nunca mais, nunca mais...

Ainda teria filha? Teria? Sim, sim. Brevemente.

Já vinha! Já lhe sentia os pasos.

A porta abriu-se e ela entrou.
Bonita, saloia, duas tranças espetadas, saia rodada; e uma travessa castanha, avivada de encarnado, ao lado de cada sobranceira.

Entrou, sorriu e pegou na mão salpicada de manchas castanhas que a mãe lhe estendia.

Já tinha filha. Que bom! O coração bateu mais depressa. A velha fechou os olhos e sentiu-se levada pelo ar. Tinha filha, filha, filha...

* * *

No dia seguinte, um grupo de gatinha arrombou a porta do casinhoto miserável. A velha estava deitada; muito tesa, terrivelmente tesa... Olhos fechados, boca franzida num sorriso... E com uma mão estendida, agarrava o espaço...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844